

THOT



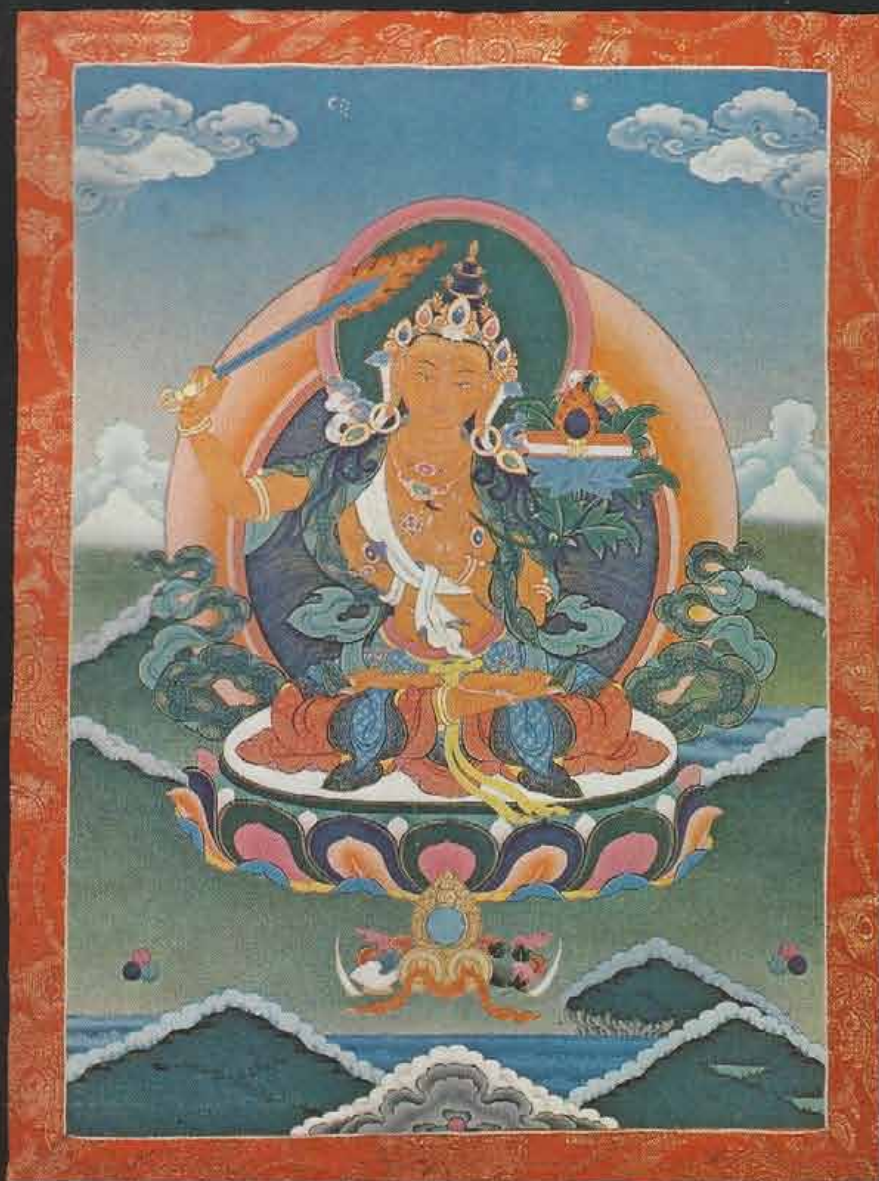
Nº 44

1987

Cz\$ 35,00

**LITERA(VEN)TURAS COM BORGES
MIGUEL DE UNAMUNO E SUA OBRA**

ENTREVISTA COM O DALAI LAMA



CENTRO DE ESTUDOS FILOSÓFICOS



A Associação PALAS ATHENA do Brasil, entidade declarada de Utilidade Pública Federal (decreto 92.343), desenvolve ampla atividade cultural tendo como fundamentação precípua a vivência profunda dos valores filosóficos que norteiam as atividades humanas.

Entendemos que viver filosoficamente é a mais pura experiência de "dar", de entregar o que de melhor temos para construir aquilo que mais sonhamos. E sabemos que o tamanho de nossa obra terá a altura de nossos sonhos.

Portanto amigo leitor, venha nos conhecer, venha participar filosoficamente. Vale a pena!

SEDE CENTRAL

Rua Leôncio de Carvalho, 99 - Paraíso - S. Paulo - CEP 04003 - S.P. - Fone: 288.7356

GRÁFICA PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 - CEP 01523 - Cambuci - São Paulo - SP. Fone: 279-6288

CENTRO PEDAGÓGICO CASA DOS PANDAVAS

Bairro do Souza - CEP 12250 - Município de Monteiro Lobato - SP

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA

Rua Rio Branco, 16-22 - CEP 17040 - Bauru - SP

CENTRO DE ESTUDOS PALAS ATHENA

Rua Dr. Timóteo, 371 - cj. 606/607 - Floresta - CEP 90000 - Porto Alegre - RS - Fone: 22-0472

ÍNDICE

EDITORIAL	2
ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O DALAI LAMA	3
<i>Lia Diskin</i>	
LITERA(VEN)TURAS COM BORGES	7
<i>George Barcat</i>	
DO SAGRADO E DO PROFANO NAS SOCIEDADES ARCAICAS (I)	14
<i>Teresa de Barros Velloso</i>	
DANTE E A DIVINA COMÉDIA	20
<i>Cláudio De Cicco</i>	
O COSMOS SEGUNDO A ESCOLA DE MILETO	28
MIGUEL DE UNAMUNO E SUA OBRA	36
<i>Julián Marías</i>	
O RITMO DA VIDA ATRAVÉS DOS PLANETAS	44
<i>Ilse Maria Spath</i>	
LIBERDADE, RESPONSABILIDADE E SOCIEDADE INFORMATIZADA	47
<i>Henryk Skolimowski</i>	
CONTOS JAINISTAS	54

THOT

THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo Egito. É o símbolo da Sabedoria e da Autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde pesarão na balança da justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria, da astronomia e das letras. A cruz (Tau, no Egito) que leva em sua mão, é o símbolo da vida eterna, seu bastão, emblema da Sabedoria Divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil

Lia Diskin

Basílio Pawlowicz

Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Carla Teso, João Fernandes Filho, José Dirceu Rozini, Maria Inês Facchini, Mary Ester Silva, Nelson de Oliveira e Sérgio Marques.

REDAÇÃO

Elizabeth Grimbergen, Emílio Moufarrigo, Fábio Prieto, Fernando Maderás, Maria Luci Buff Migliori, Neusa S. Martins, Therezinha Siqueira Campos e Walkiria Barcat.

EQUIPE THOT

George Barcat, Flávio Rett, Ieda de Paula, Isabel Cristina M. de Azevedo, José Caruso, Lucia Benfatti, Lucia Brandão Salt Moufarrigo, Mara Novello, Nilton Almeida Silva e Selma M. Almeida Santos.

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA

Rua José Bento, 384 (Cambucá) - CEP 01523
São Paulo-SP - Fone: 279.6288



CAPA

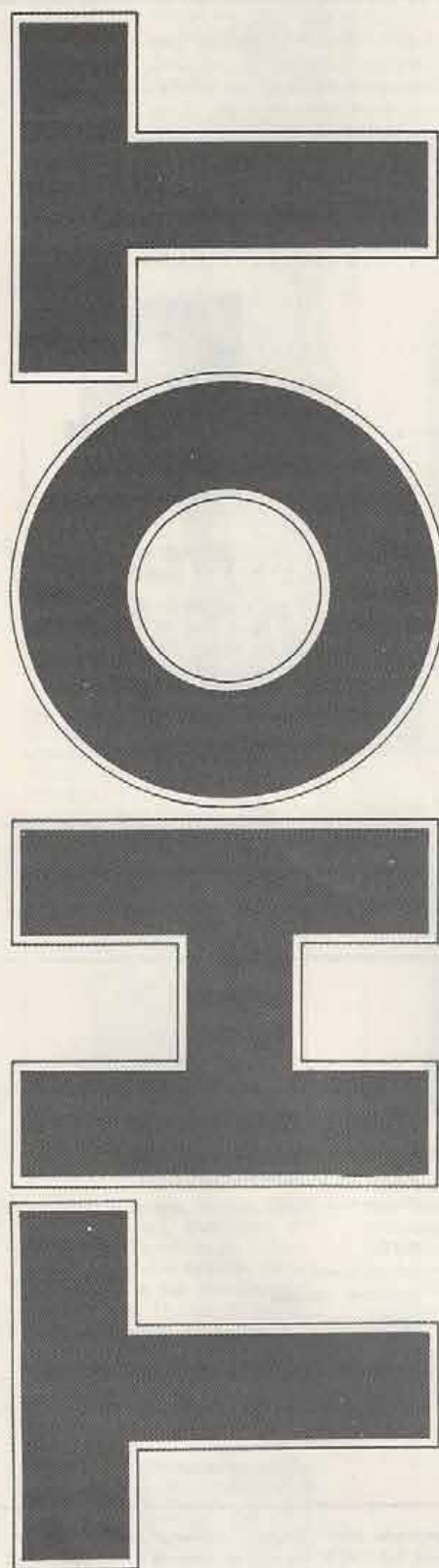
Tanka Tibetana representando a
MANJUSRI - O BUDDHA DA SABEDORIA
pintado por Buchung Tsering
(Dharamsala, 1986)

FOTO

Luiz Nazareno
Ernesto K. Shimada

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permissão reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cz\$ 210,00 - cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônício de Carvalho, 99 (Paraíso) - CEP 04003 - São Paulo-SP. Telefones: 288.7356 e 289.1463. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula nº 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob nº 1586 P 290/73.

EDITORIAL



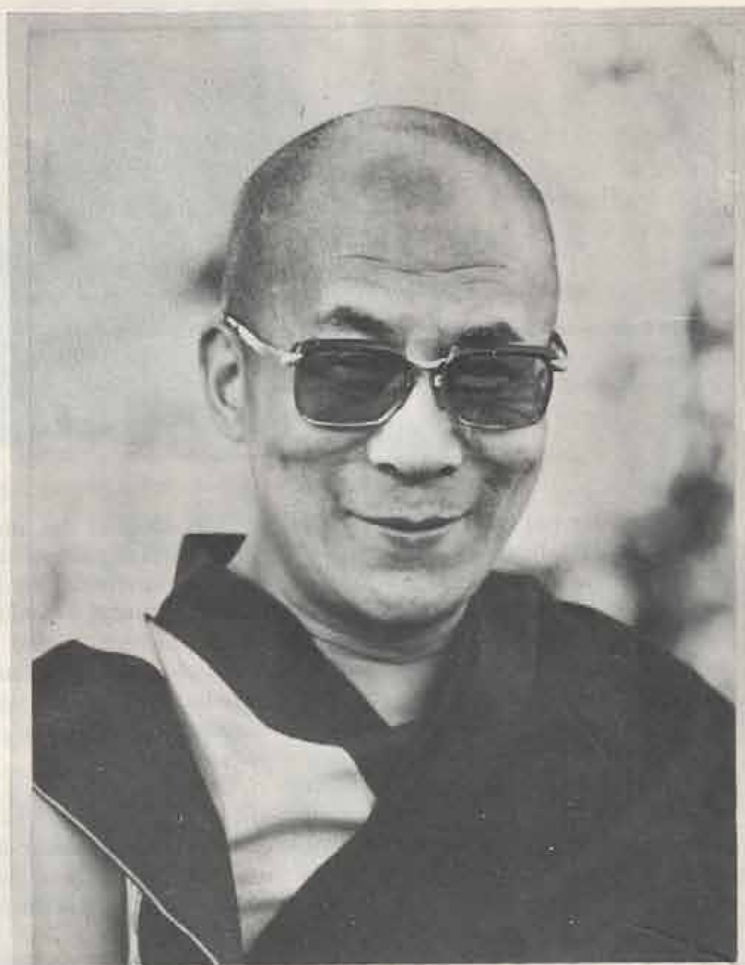
Poucas são as publicações, da natureza da Revista THOT, que, após doze anos de edição, podem-se dar ao luxo não apenas de subsistir mas de crescer, aumentar sua tiragem, seus assinantes, seu número de amigos e leitores.

O primeiro exemplar editado o foi em setembro de 1975, e de lá para cá temos colhido experiências inestimáveis, que enriquecem tanto a revista quanto aos que participam da sua elaboração. Até o N^o 8 a THOT imprimia-se nas Escolas Profissionais Salesianas, cujas sugestões e apoio robusteceram nossos passos iniciais. Mais tarde, após termos adquirido a primeira máquina gráfica, os textos passaram a ser compostos na AGNS, logo no Caminho Editorial Ltda., finalmente em nossas próprias instalações.

Hoje, transcorridos esses doze anos, a Revista THOT, pela primeira vez, muda seu visual, seu formato, sua apresentação. Isto se deve à implantação de um sistema computadorizado no Centro Editor, o que, aliado às novas máquinas impressoras, possibilitará um trabalho mais eficiente e de melhor qualidade técnica.

O triunfo desta caminhada pertence, contudo, ao nosso amigo leitor, que através dos anos nos incentivou com sua receptividade e sua comunicação fraterna, consolidando a possibilidade da existência de uma publicação não comprometida nem política, nem sectariamente; e cuja única razão é apontar, mostrar, dar a conhecer pensadores e pensamentos, filosofias e artes, culturas e religiões... Norteia a nossa proposta um espírito livre, de pesquisa; não possuímos a Verdade, acreditamos apenas termos o direito de estar em sua busca; busca que nos irmana a todos e que compartilhamos com todos, pois o mérito de qualquer empresa humana está na sua capacidade de unir os homens além das diferenças, salvar o lado positivo das contribuições do esforço humano.

Por isso, hoje estamos em festa e desejamos que você, leitor amigo, se junte a ela.



ENTREVISTA EXCLUSIVA COM O DALAI LAMA

Dharamsala ... a pequena Lhasa da Índia".

Frente ao histórico Vale Kangra — famoso já em tempos védicos —, a 470 km de Delhi por via terrestre; com uma altitude que vai dos 1.250 metros aos 1.980; onde as temperaturas oscilam entre 38º no verão e 0º no inverno, ergue-se Dharamsala, uma cidadezinha abraçada pelos Himalaias e sulcada por dezenas de riachos que carregam as águas dos degelos e das chuvas torrenciais da monção.

Dividida em dois platôs, desde 1960 é o lar de mais de 3.000 tibetanos que, junto ao XIV Dalai Lama, refugiaram-se nessas terras áridas e solitárias, após verem sua pátria invadida e submetida pelos exércitos chineses.

Na parte baixa da cidade, onde os elementos indianos e tibetanos se misturaram criando uma fisionomia muito particular e onde os dialetos locais — pahari, hindi, panjabi — enlaçam-se como os fios de uma corda, estão sediadas as repartições administrativas e a atividade comercial. No corredor central do Kotwali Bazar, que ocupa uma área equivalente a três

quarteirões, podem-se encontrar desde cereais até obras de arte, postos de frutas em meio a farmácias e consultórios médicos, barbeiros frente a imensos tonéis de querosene ou, ainda, religiosos e mendigos esmolando às portas de um banco. Vacas e macacos de pêlo claro, que costumam roubar frutas aos vendedores distraídos, fazem parte da paisagem. Insólito? ... Grotesco? ... Divertido? ... Acostumados, como estamos, a dar um lugar preciso a cada coisa, sentimo-nos um pouco incomodados ante esse enxame babélico; entretanto, à medida que nos vamos familiarizando com ele, descobrimos quão prático é dispor de todos os suprimentos necessários num espaço relativamente pequeno. Seja como for, o Kotwali Bazar é o ponto de partida para se chegar à alta Dharamsala, onde McLeod Ganj polariza todas as atenções, pois é lá — rodeado de bosques de pinheiros gigantes e trepadeiras de deliciosa fragrância — que se ergue o Tsuglag Khang, ou a Catedral Central, ou o Templo de Buddha, justamente em frente à residência de Sua Santidade o Dalai Lama.

O Tsuglag Khang é o coração de Dharamsala e — atrevo-me a dizer — o coração de todos os tibetanos refugiados na Índia. E não apenas por sediar as comemorações religiosas e ser lugar de oração e recolhimento para centenas de monges e leigos, mas porque as imagens de adoração unem esse povo àquele Tibete místico que não mais existe. Na nave central — ampla e ladeada por dezenas de tankas de beleza excepcional — há três imagens; a principal, no meio do altar, corresponde ao Buddha Sakyamuni, sentado em posição de lótus, folheada em bronze e com 2,70m. de altura. À sua direita estão Padmasambhava, também em bronze e com 3,60m, e Avalokiteshvara — o Buddha da Compaixão. Dispostas lateralmente, ambas as imagens estão voltadas para o Tibete. Todavia, a história desta última lhe confere um valor todo especial. A imagem de Avalokiteshvara, da Catedral Central de Lhasa, tinha sido esculpida no século VII a instâncias do rei Songtsen Gampo e, por isso mesmo, tornara-se objeto de culto de toda a Ásia Central.

Durante a Revolução Cultural — teríamos de indagar o que teve de cultural

essa revolução – a Catedral foi saqueada e destruída, os santuários profanados, as relíquias queimadas junto a manuscritos sagrados, e a estatutária despedaçada e atirada às ruas. A cabeça de Avalokiteshvara foi encontrada e escondida por tibetanos piedosos que, passando-a de mão em mão, a fizeram chegar a Dharamsala, através do Nepal, em 1967. Essa cabeça está hoje incorporada à nova imagem do Buddha da Compaixão do Tsuglag Khang e, a despeito da sua trágica história, continua despertando o mesmo amor e veneração de outrora.

Entre a baixa Dharamsala e McLeod Ganj estão as dependências do Governo do Tibete em Exílio e, pouco acima destas, a Biblioteca de Estudos e Pesquisas Tibetanas. É difícil imaginar uma biblioteca semelhante no seio de montanhas rudes, selvagens, ermas. Os seus portais, entalhados em madeira, mostram as cores vivas e brilhantes que enfeitaram outras bibliotecas, lá, no país das neves eternas. No andar térreo de sua sólida estrutura encontramos duas salas imensas, uma frente à outra. À margem direita, e precedidos por um aconchegante salão de leitura, vamos encontrar livros, na maioria, sobre budismo, nas mais variadas línguas ocidentais. Perfeitamente classificados por áreas, conforme abordem temas de filosofia, arte, mística, literatura, liturgia, história, provêm de todas as partes do mundo. À esquerda está a coleção de manuscritos tibetanos e alguns poucos sânscritos. Cuidadosamente enrolados em pano de algodão alaranjado, com fitas tríplices de cores vistosas, observam um outro tipo de classificação, porém tão precisa e meticulosa quanto a primeira. Mais do que um arquivo de manuscritos, parece ser um santuário; seus bibliotecários são, por via de regra, monges, e um estranho perfume, mistura de presente e passado, envolve o recinto. Há tanta história, tanta vida e santidade impressas nesses textos, que o silêncio convida ao recolhimento.

No andar superior está a sala de meditação, onde regularmente se ministram aulas de filosofia budista, e um pequeno museu de preciosidades tibetanas.

Esta biblioteca foi meu lar-físico e espiritual – durante os seis meses de estada em Dharamsala. Ali passei grande parte de meus dias lendo, pesquisando, descobrindo, procurando compreender aquilo que se insinuava em cada texto, em cada palavra ouvida, em cada pedra, em cada som...

Dalai Lama com Thomas Merton
na América (1978)



A avidez por encontrar algo **definitivo**, a ansiedade gerada pelo primeiro contato com as tradições tibetanas, a inquietação ante o desconhecido e insólito foram-se desvanecendo pouco a pouco. As “informações” que tinha levado do Ocidente com respeito ao Tibete e os tibetanos não encontraram ponto de contato com a realidade. Esta última superou infinitamente as minhas “teorias” e “informações”.

Levitação... Telepatia... Fenômenos paranormais? Ensinamentos ocultos e enigmáticos de tanto interesse para os ocidentais! Como comparar tudo isso à bravura de um povo que luta contra o tempo e o espaço a fim de preservar suas raízes histórico-religiosas? Como compará-lo à felicidade e paz de coração daqueles refugiados que teriam razões suficientes para serem descrentes e ressentidos? Como, frente à humildade de monges e monjas – alguns deles verdadeiros sábios – que diariamente carregam pedras para construir mais um mosteiro ou uma sala de aula? Como, diante da resposta que deu o Dalai Lama a um jornalista que lhe perguntara se sua pregação de amar a todos os seres também era extensiva aos chineses... “sobretudo a eles porque, como nós, procuram a felicidade e fogem da dor”? Como comparar esses brinquedos de uma cultura que se intitulou racional e materialista, que desmistificou seus santos e busca desesperadamente um porto onde ancorar seus sonhos insatisfeitos, com um punhado de homens e mulheres que estão desafiando as próprias leis da sobrevivência recriando um espírito milenar longe da pátria que lhe deu origem? De um povo tão generoso que, a despeito do seu infortúnio, está saciando a sede de eternidade de milhares de ocidentais que acodem a suas portas em busca de luz? É verdadeiramente rei apenas aquele que consegue sê-lo fora de seu reino – talvez os tibetanos sejam um povo de reis...

A situação dos tibetanos fora do Tibete é uma página inédita na biografia da humanidade. Nunca um povo em exílio conseguiu vencer a tentação de vingança; nunca procurou – com sinceridade de coração – amar seu inimigo. Este é um episódio amargo, sem dúvida, contudo luminoso, heróico, que nenhum de nós pode ignorar.

Dentre as muitas e ricas situações vividas em Dharamsala há uma que, especialmente, desejo contar-lhes, talvez porque foi através dela que percebi com maior clareza a qualidade humana dessa gente.

6 de junho – 16:30 horas. Tinha acabado as aulas de tibetano e dirigia-me ao meu quarto. Senti um clima de alvoroço à minha volta: pessoas indo e vindo, pessoas que nunca tinha visto por aqueles lados. Todas bem arrumadas – as mulheres usando coloridas blusas de seda, os homens casacas escuras, pretas algumas, marrons e cinza, outras. Procurei saber o que acontecia, porém não consegui entender as respostas. Decidi seguir o fluxo e cheguei ao portal de acesso à Gangchen Kyishong – Secretariado Central do Tibete. Lá, vi quilômetros de filas humanas acostadas a ambos os flancos da estrada. Nas mãos levavam flores e incenso. Voltei a perguntar o que se passava e, com incredulidade e surpresa, ouvi: “Como, você não sabe? Está chegando o Dalai Lama!” Desconcertada ante a boa-nova – sabia que Sua Santidade estava num giro internacional, mas não que estava regressando nesse dia –, corri até meu quarto em busca de incenso. Novamente à beira da estrada, uma jovem, percebendo que eu não levava flores, ofereceu-me algumas de seu próprio ramalhete.

Era pouco mais de 17:00 horas. A multidão conversava e ria; as crianças corriam para cima e para baixo; os monges, reunidos em pequenos grupos, saudavam-se cordialmente; alguns estrangeiros moradores em McLeod Ganj apro-



Dalai Lama com
o Papa João Paulo II
Vaticano (1980)

ximaram-se de mim, trocamos informações, ouvi piadas e histórias fabulosas sobre os poderes deste ou daquele lama.

Pouco a pouco o silêncio foi ganhando a estrada; ao longe ouvia-se apenas um rumor de carros, seis ou sete, não mais. Os incensos já queimavam, o perfume ia criando uma atmosfera suave e cálida, a despeito da paisagem dominada pelas pedras. O alvoroço inicial havia-se transformado em serena expressão de júbilo.

O carro onde estava o Dalai Lama ia subindo a encosta e, à sua passagem, todos se inclinavam em sinal de respeito. O gesto era tão sincero, tão humilde e amoroso. ... um respeito tão prenhe de doçura! ... Jamais vi algo semelhante! Os rostos luziam de um contentamento infinito; as mãos juntas, em oração, agitavam de leve perfume e cores.

Quando o carro já estava distante, talvez chegado ao destino, a multidão foi-se dispersando em silêncio, como querendo preservar o clima angelical de bem-aventurança.

Até então, estava convencida de que os tibetanos eram parcos quanto aos sentimentos, emocionalmente tímidos e quase inexpressivos. Nada mais distante da verdade! Os fatos provaram que meus conceitos não eram adequados para "medir" aquela gente e, se desejava aprender algo com eles, necessitava deixar minha "bagagem", pois não havia nela nada que fosse de utilidade no momento. O espanto que esta descoberta provocou em mim abriu-me as portas de Dharamsala, não aquela que havia procurado ajustar às minhas expectativas e suposições, porém essa outra, a real.

Vi o Dalai Lama em mais três ocasiões, duas em audiência pública e a última quando da entrevista. E em todas as vezes me perguntava – ainda comovida ante a lembrança da cena daquele 6 de junho – “como pode um homem (apenas um homem?) inspirar um amor tão sublime

entre sua gente?” Há perguntas que gostamos de guardar sem resposta. ... como guardarmos folhas ou flores. ... são um universo aberto, sem definição. ... um significado que insinua. ...

Na manhã ensolarada de 20 de setembro de 1986, no Salão de Audiências, assistido pelo seu Secretário Privado, Sr. Tenzin Geyche, Sua Santidade Tenzin Gyatso, o Décimo Quarto Dalai Lama, recebeu-me com um cálido sorriso e sua gigantesca simplicidade. Após me perguntar o que estava fazendo em Dharamsala, respondeu calma e pacientemente a estas questões:

Lia – Sua Santidade define a si próprio como um simples monge budista. Entretanto, Sua Santidade não é apenas um monge, é o chefe espiritual e político de mais de 6.000.000 de tibetanos. Como consegue conciliar ambos os poderes?

Dalai Lama – *Eu faço uma distinção entre a instituição religiosa e a instituição política, entre a função religiosa e o poder temporal. Acredito poder haver complicações, dificuldades, contudo a instituição religiosa está acima da função temporal, e aqueles que estão envolvidos em política ou administração de governo têm de possuir uma mente religiosa. Quando isto acontece, em muitos casos, suas ações são melhores, mais benéficas. A política aliada a uma atitude religiosa significa maior honestidade, veracidade, compaixão. Se procurarmos separar as pessoas religiosas das funções políticas ou outros afazeres no mundo, e essas áreas forem ocupadas por quem não possua sentimentos religiosos, então, às vezes, isso acarreta infortúnio.*

Certa ocasião, numa reunião de políticos, um líder indiano apresentou-se como político, não como homem de religião. De

certo modo, foi uma expressão de modéstia, de humildade, por parte dele; todavia, eu lhe disse “O Senhor, como político, deve ter mente religiosa.”

Pessoas que vivem reclusas nas montanhas, isoladas do mundo, se tiverem uma mentalidade incorreta, extraviada, não se tornam muito perigosas. Por exemplo, se um monge ou uma monja de vida monástica enlouquece, o efeito de sua loucura não provoca maiores danos. Porém, uma pessoa que ocupa uma posição governamental, que exerce função de poder, se perder o senso comum, se sua mente se tornar negativa, pensando apenas em obter riquezas e maior poder, então as dimensões do prejuízo aumentam consideravelmente: não haverá justiça, nem moral, ocorrendo um verdadeiro desastre.

Religião, ou melhor dizendo, prática religiosa, significa bondade de coração, boa motivação, sinceridade de propósitos.

Assim, não importa qual seja a função, o trabalho – como administrador, político, engenheiro ou médico –, todo trabalho exige sincera motivação. Um professor, por exemplo, não transmite conhecimento apenas; ele tem de mostrar uma responsabilidade moral sincera, amor, dedicação pelos seus estudantes. Desta maneira, eles receberão algo mais que simples conhecimento: suas mentes desenvolver-se-ão de modo harmonioso e sadio. A qualidade do labor que se realiza depende, em última instância, da motivação que se possui.

Lia – Na sua obra *A Human Approach to World Peace*, Sua Santidade diz que seria importante os líderes políticos se encontrarem, de tempos em tempos, num lugar tranquilo a fim de se conhecerem mais profundamente uns aos outros, e estabelecerem, deste modo, relações mais sólidas. Todavia, os líderes políticos ocupam seus cargos por cinco ou seis anos. Não seria conveniente, então, que esses encontros reunissem também líderes religiosos que, por via de regra, permanecem nas suas funções por um espaço de tempo maior? Tais encontros seriam possíveis?

Dalai Lama – *Sim. Correto. Acredito que isso seria importante. Em nossos dias, as relações entre as diferentes comunidades religiosas estão crescendo, estão se tornando mais próximas.*



**Dalai Lama com Lia Diskin
Dharamsala (1986)**

Lia – E esse contato, essas relações, estão sendo sinceras?

Dalai Lama – Em muitos casos, sim. Embora nos encontremos fisicamente, às vezes há restrições mentais, algo assim como uma desconfiança. Seja como for, acredito que maior número de encontros, maior conhecimento mútuo, auxiliam e em muito. Isso depende também da forma de pensamento de cada indivíduo. O diálogo entre um budista muito ortodoxo e um cristão igualmente ortodoxo é, de fato, difícil. Cada um acredita que a *sua* é a única religião verdadeira.

Penso que na atualidade as coisas estão mudando consideravelmente, se as compararmos com os tempos passados, quando as pessoas nem sequer mantinham contato entre elas, nem sequer se conheciam. Hoje a situação é bem outra: nós vivemos em interdependência; para viver, para sobreviver, temos de estabelecer contato e relações com outras pessoas. Essa é a realidade, esse o modo de vida presente.

Então, sob estas condições, qualquer fator que crie barreiras não é bom, não é positivo.

A religião é um direito muito individual, algo muito particular. Você não pode pedir a alguém para crer ou deixar de crer. Além do mais, há uma grande diversidade de valores e diferentes formas de expressá-los.

Assim, uma só religião, uma só tradição, não conseguiria satisfazer a todo o mundo. A variedade de religiões, a variedade de filosofias é, por conseguinte, muito benéfica. Contudo, o objetivo fundamental de toda religião é promover o ser humano, criar boas motivações, fomentar a bondade de coração. O Cristianismo propala o amor, a compaixão, o perdão, a tolerância; da mesma maneira, o Budismo. Todas as religiões do mundo estão ensinando os mesmos princípios, oferecendo os mesmos conselhos, todas visam o bem da humanidade.

Lia – O problema, então, radica-se apenas na prática?

Dalai Lama – Só nisso. É mister cultivar, desenvolver uma mente religiosa. O mero recitar de uma oração, o rito formal, não são suficientes, não têm grande valor.

Lia – Em termos gerais, a atitude mental do homem do Ocidente é egocêntrica e materialista. Neste caso, o que fazer? Como fazer?

Dalai Lama – Primeiramente é necessário compreender que há limitações, há limites. Sob um prisma material, os limites também existem. Você pode desejar algo ou alguma coisa que, na realidade, não se cumpre; isto gera problemas, problemas mentais e, às vezes, até físicos. Então é preciso entender que existem limites.

Se você quer algo, realiza o esforço e o consegue, ótimo! Entretanto, se não o consegue, é mister aceitar a limitação e experimentar algum tipo de contentamento, para o que uma boa dose de paciência e tolerância é necessário.

Lia – Paciência e tolerância...

Dalai Lama – Autoconsciência ou vida interior é igualmente efetivo. Se você pensar tão só no que é material, sem ponderar a respeito do mundo interior, espiritual, isso também criará problemas. O equilíbrio é muito importante – desenvolvimento exterior junto ao desenvolvimento interior.

Lia – Há uma escola dentro do Budismo tibetano, sobre a qual nós, ocidentais, fazemos reais confusões. Refiro-me ao tantrismo.

Dalai Lama – Oh! Sim. Antes de tudo é preciso dizer que há um tantrismo budista e um tantrismo não-budista. Naquilo que concerne ao tantrismo budista, a condição primordial para sua prática é o altruísmo e a compreensão do *sūnya* (o Vazio). Depois, sem o auxílio de um mestre qualificado, não é possível a prática do Tantra. Há muitos simbolismos nesta prática. Não é fácil. Uma compreensão séria e profunda é um requisito indispensável.

Após trocar mais algumas palavras e agradecer sua gentileza e bondade, atravessei a sala de espera onde aguardavam três padres e três freiras americanas, que estavam falando, auxiliados por um monge tradutor, com o Ven. Geshe Lobsang Tsephel. A cena era tão bela – uns com sua batina preta, outros com manto cor de vinho!... De súbito ressoaram na minha consciência as sábias palavras que acabara de ouvir: “O objetivo fundamental de toda religião é promover o ser humano, criar boas motivações, fomentar a bondade de coração. O Cristianismo propala o amor, a compaixão, o perdão, a tolerância; da mesma maneira, o Budismo...”

O diálogo está aberto!

LIA DISKIN



LITERA(VEN)TURAS

COM BORGES

A noite é um longo texto de silêncios: estou cativo de seus sonhos lápis-lazúlis. Cá da minha choça, contemplo a viagem náutica do zodíaco. . . Dezembro veleja a "nave dos loucos" enquanto um verão menino, ansioso, espera um dia todo pelo amigo capricórnio . . .

*Acabou-se o óleo na lamparina
mas . . . eis a lua
que entra pela janela. (1)*

Abraçando a saudade e sugerindo um passeio na praia . . .

*Ó mar, ó mito, ó ampla sepultura!
Sei por que te amo. Sei que ambos
Somos muito velhos.
Que nos conhecemos há séculos . . .
Ó protético, nasci de ti.
Nós dois agrilhoados e vagantes,
Nós dois famintos de estrelas,
Nós dois com esperanças e desapontamentos . . .! (2)*

Este foi o primeiro poema que Borges publicou. Senti um bocado de coisas lendo a vida na companhia do mestre "Bruxo", tantas que necessito prosear — limpar gavetas e deixar que a quietude e o esquecimento (uma das formas da memória) incorporem a mim o que ficar . . .

*Silêncio:
as cigarras escutam
o canto das rochas (3)*

Caminho na areia. O marulhar me recorda o mito da ninfa Eco. Apaixonada por Narciso mas desprezada pelo eterno enamorado de si mesmo, Eco se isola nas montanhas onde o desespero a consome como o calor ao gelo. De todo o seu lindo corpo só nos restou uma voz metálica e lamurirosa . . . Será inútil o choro dos que amam ao desespero?

Arrebatado de mim por tais pensamentos, jogo uma pedra ao acaso, sem muita esperança de conseguir despertar as gaivotas . . .

Eeiii! tu, tão contemplativo como eu, não voes! Ainda não . . . É que não tenho sono e procuro conversa, tu sabes: inquietações.

Topas? Queres repousar tuas asas aqui? Vem, vem! Acomoda-te na esteira — é japonesa — e serve-te das frutas — vovó as trouxe. As mangas? Estão um mel... Puxa, há bastante tempo esperava alguém para contar algumas litera(ven)turas. Afinal, "o Universo (que outros chamam a biblioteca) constitui-se de um número indefinido, e quicá infinito, de galerias hexagonais, com vastos poços de ventilação no centro, cercados de varandas baixíssimas. (...) Como todos os homens de biblioteca, viajei na minha juventude, peregrinei em busca de um livro, talvez o catálogo de catálogos; agora que meus olhos quase não podem decifrar o que escrevo, preparo-me para morrer, a poucas células do hexágono em que nasci. Morto, mãos piedosas não faltarão que me atirem pela varanda afora; minha sepultura será o ar insondável: meu corpo se fundirá dilatadamente e se corromperá e dissolverá no vento originado pela queda que é infinita. Afirmo que a biblioteca é interminável."⁽⁴⁾ Blanchot está certo: Borges é um homem essencialmente literário.

Mas tranquiliza-te, não pretendo te expor um ensaio crítico da obra borgeana. Para que se já existem muitos? O espírito é outro. Aliás, adorei o conselho do mestre: "Fui professor de literatura inglesa, durante vinte e cinco anos, na Faculdade de Filosofia e Letras de Buenos Aires. Sempre dizia a meus alunos que procurassem ler pouca bibliografia, que não lessem críticas, que lessem diretamente os livros. Entenderiam pouco, talvez, mas sempre usufruíam algo e estariam ouvindo a voz de alguém. Eu diria que o mais importante de um autor é a sua entonação, o mais importante de um livro é a voz do autor, a voz que chega até nós."⁽⁵⁾

Portanto nada de críticas, crivos, critérios, crises ou outro "cri-cri" qualquer. Nada de explicações, elas só "grilam" a amizade. Ademais, as coisas do convívio já estão bastante cheias de artifícios. Antes, poupemo-nos esse desconforto cantando os repentes que, ofegantes, arrepiarem nossas peles querendo ar de jardim.

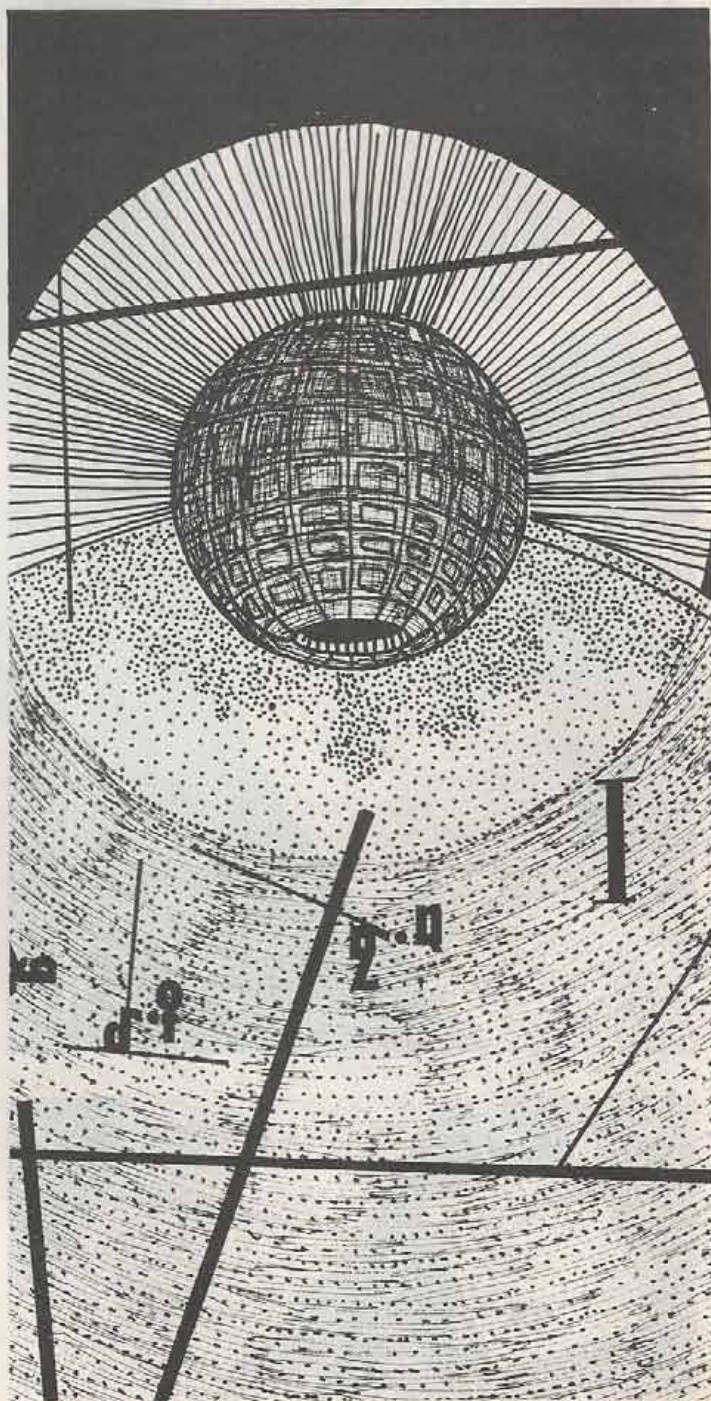
"Se a música atua sobre as serpentes não é pelas noções espirituais que ela veicula, mas porque as serpentes são compridas, porque se enrolam longamente sobre a terra, porque seus corpos tocam terra em sua quase totalidade, e as vibrações musicais que se comunicam à terra atingem-nas como uma sutil e demorada massagem."⁽⁶⁾ As serpentes são imagéticas, simbólicas. As serpentes são a manifestação mais pura do tato. As pitonisas que servem a Apolo antes serviram à serpente Píton, são profetizas que tocando o "umbigo do mundo" (o *omphalos* de Delfos) recebem os vaticínios divinos. Tato é contato, mas também é prudência. O tato é o único sentido que me garante que a matéria é dura, e isto é importante.

Ah, camarada. Já notastes como nós desrespeitamos a personalidade ultra-sensível e feminina da pele? "A pele humana — poetou Paul Valéry — separa o mundo em dois espaços: lado cores, lado dores."

*Leio jornais e ando em coletivos...
Na rua? Muita gente.
No ônibus? Muita rua.
A criança vomita e chora.*

O mundo, dizem, está pessimista e triste. Lado dores. Questão de escolha? Acho que tal atmosfera "down" é o acúmulo de nossa indelicadeza com a pele. Não faz mal: a meteorologia dos que acreditam na boa-vontade aposta nas chuvas de compaixão. Elas estão próximas. Posso ouvir seus trovões: a esperança toca tambores.

Perplexos, ouçam! Migra-se ao espaço-cores do mundo por um único caminho (uma única yoga, se quiserem): o amor.



Seres telúricos, nossos rostos esculpidos no barro são escavados pelas velozes patas do tempo; os desejos.

Ó tu que me ouves, contra as rugas — vales de dor e tédio — sugiro o afeto e a amizade. O teatro de Shakespeare ensinou-me que apenas o amor é capaz de dominar a cavalcada viril e juvenil do tempo. Madre Teresa de Calcutá — personagem viva — é o meu melhor exemplo. Esta criatura nega a história, nega o derrotismo. É eterna. Em outras palavras: é uma epifania da coragem e da fé. Vendo-a confiante e ativa no meio da miséria (TV, aquele abraço!) pude sentir a força do texto de André Gide: “Nossos atos prendem-se a nós como a luz ao fósforo. Consomem-nos, é certo, mas fazem nosso esplendor. E se a alma pôde valer alguma coisa, foi porque ardeu com mais ardor do que algumas outras”. (7)

Com Borges descobri mais coisas ainda. Descobri que as fronteiras entre o sonho e o tempo são como o horizonte que supostamente separa o sol do mar: elas não existem...

Olhe! Todos se precipitam no rio!

*O segundo crepúsculo.
A noite que se afunda no sono.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo.
A manhã que foi a aurora.
O dia que foi a manhã.
O dia numeroso que será a tarde gasta.
O segundo crepúsculo.
Esse outro hábito do tempo, a noite.
A purificação e o esquecimento.
O primeiro crepúsculo...
A aurora sigilosa e na aurora
o soçobrar do grego.
Que trama é esta
do será, do é e do foi!
Que rio é este
pelo qual flui o Ganges?
Que rio é este cuja fonte é inconcebível?
Que rio é este
que arrasta mitologias e espadas?
É inútil que durma.
Corre no sono, no deserto, num porão.
O rio me arrebatou e sou esse rio.
De matéria corrosível fui feito, de misterioso tempo.
Talvez o manancial esteja em mim.
Talvez de minha sombra,
fatais e ilusórios, surjam os dias. (8)*

Goethe: “As mãos querem ver, os olhos querem aca-riar”...

O lado dores é pura desatenção de nosso olhar. Um olhar ingênuo que se acredita descomprometido das coisas que mira. Como, se a gente só olha aquilo que procura? Os olhos do homem são sempre os olhos de um pintor, já-mais os de um fotógrafo.

“Um homem se propõe a tarefa de esboçar o mundo. Ao longo dos anos povoa um espaço com imagens de províncias, de reinos, de montanhas, de baías, de navios, de ilhas, de peixes, de habitações, de instrumentos, de astros, de cavalos e de pessoas. Pouco antes de morrer, descobre que esse paciente labirinto de linhas traça a imagem de seu rosto.” (9)

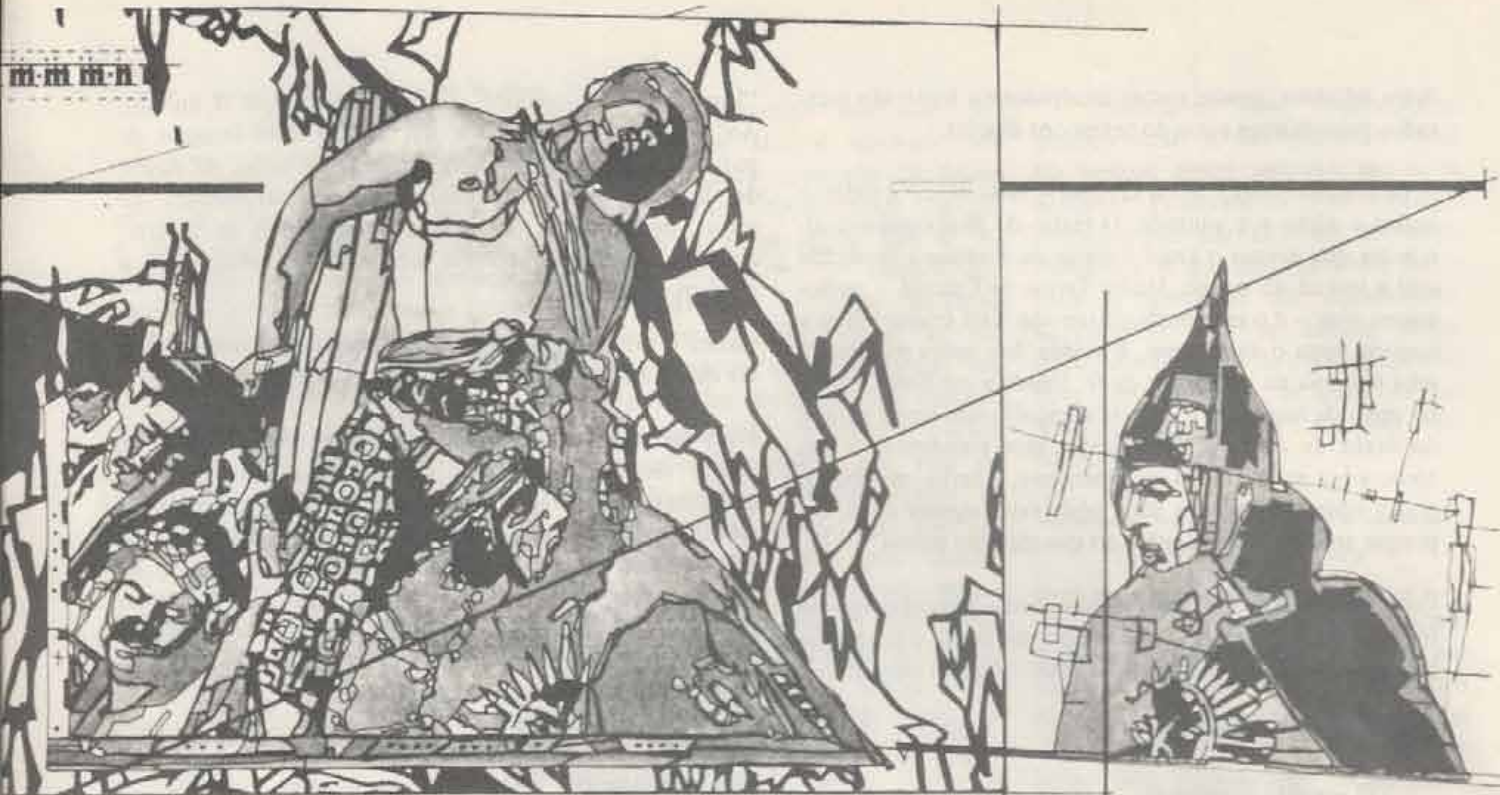
Assim é o homem: sempre às voltas consigo mesmo. Daí ele extrai a sua riqueza e também a sua pobreza.

Duas leões vêem a mesma zebra assustada. Para leões, zebras são zebras, ou seja, alimento. Só alimento. Dois caçadores nunca vêem um mesmo leão. Para os homens, leões não são só leões. Podem ser troféus, dólares, alvos de violência incontida, vaidade, a figura do imposto de renda, a vitalidade do sol... Acontece que os homens costumam se julgar mais importantes do que a realização pretendida; sofrem por causa disto. Mas como te passar o que estou sentindo e pensando? Já sei...

Vamos ao teatro... Um ator que, no palco, “prefira-se” à personagem é um ator que não emociona e tampouco convence alguém, vale dizer, não é ator. As pessoas querem mais é ser conquistadas pela personagem e pela fantasia, não lhes interessa, naquele momento, a individualidade concreta e o mundo do artista. Elas querem ser transportadas pelo mistério ao reino do mito, o reino da despersonalização por excelência. A realidade do teatro deve ser mágica e intemporal. Os espectadores esperam ser comovidos por um “espetáculo”. O teatro é a arte da imaginação; uma imaginação que faz gestos (nesse sentido toda dança é uma peça de teatro. Dionísio é o deus da dança e também o deus do teatro, é também o deus da comunhão dos espíritos). Gestos que manipulam ludicamente o transitório. Qual a diferença entre o transitório da realidade cotidiana e o da realidade cênica?

A tensão entre o mundo lá fora e o mundo do teatro é resolvida pela emoção estética (isto vale para todas as outras artes). Para ser possuído pelo sentimento estético, pelo belo, pela beleza bailarina, devo acreditar que os gestos do palco são acontecimentos verdadeiros. O que vejo acontece de fato e eu sou “uma testemunha” de todos esses fatos. A peça a que assisto é tão parte da história como a guerra no Líbano.

“A fé poética é uma suspensão voluntária da incredulidade”, disse Coleridge. Ao assistir a uma representação teatral, sabemos que os atores estão fantasiados, repetindo palavras que Shakespeare, Ibsen ou Pirandello colocaram em suas bocas. Mas também sabemos que esses homens não se disfarçam. Aquele ator fantasiado que monologa lentamente na antecâmara da vingança é de fato Hamlet, o príncipe da Dinamarca. E nos abandonamos a ele. No cinema, a situação é ainda mais curiosa, pois já não estamos vendo sequer alguém fantasiado: vemos as fotografias de um disfarce.



E, no entanto, acreditamos nelas enquanto dura a projeção.”⁽¹⁰⁾

Uma nota de dor. Acreditamos na fome da Etiópia exatamente da mesma forma que acreditamos num filme: apenas enquanto dura a projeção das imagens dos telejornais. Somente alguns “sonhadores” e “idealistas” continuam acreditando no filme e na mazela africana.

“Quanto a Dante, tudo é tão vívido que chegamos a pensar que ele acreditou nesse seu outro mundo (o da *Divina Comédia*), do mesmo modo como pôde acreditar na geografia ou na astronomia geocêntricas — e não em outras astronomias.”⁽¹¹⁾

Gestos que manipulam ludicamente o transitório... Sabes, as coisas dão certo quando a gente está feliz e não o contrário, ou seja, que a gente fica feliz quando as coisas dão certo. Não devemos tomar os acontecimentos da vida demasiadamente a sério. Os adultos devem brincar mesmo enquanto trabalham. Quando a alegria envolve uma ação, a transitoriedade do fato ganha a categoria de eterno. “O dever de todas as coisas é ser uma felicidade; se não são uma felicidade são inúteis ou prejudiciais.”⁽¹²⁾

O amor é a fonte da alegria, do movimento, do silêncio e da perseverança. Entendo que somente a lembrança de tais valores, tão desprezados pelo cotidiano, pode impedir um soldado de matar... A fraternidade começa na pele da criança e nos “olhos” dos pais; não é, Rousseau?

Ó meu amigo, desculpa-me... Acontece que o céu noturno, aos olhos da insônia, se converte num imenso espelho da alma... Monologava com a minha...

*Criou Deus as noites que se armam
De sonhos e as formas do espelho
Para que o homem sinta que é reflexo
E vaidade. Por isso nos alarmam.* (13)

Não, é claro que não foi para isso que eu retardei a busca que você está fazendo de si mesmo... Mas vamos, prova os pêssegos. Ah, eu prefiro figos...

As litera(ven)turas começaram com uma visita à livraria Carla, a mais completa no gênero. Naquela época — assim como hoje — estava duro, mas felizmente “lá eu sou amigo do rei” e pude tomar emprestado vários livros de Borges. Saí carregado e bastante ansioso. Foi só chegar ao quarto, tirei os sapatos antes de entrar no labirinto mágico construído pelo escritor. Fiz isso não só por respeito mas para mostrar a Borges minha disponibilidade. Eu não tinha pressa. Esta manifestação o deixou contente.

Pés alados, nadando leve, caminhando solto, levei o espírito trajado com a necessária elegância. Uma elegância tigrina muito ao gosto do “Bruxo”.

No interior do “ondequando”⁽¹⁴⁾ borgeano, me deparei com textos que me fizeram meditar sobre coisas a um só tempo próximas e esquecidas... A metáfora sempre presente...

“Meias macias os afagam de dia e sapatos de couro cravados fortificam-nos, mas os dedos de meu pé não querem saber disso. Não lhes interessa outra coisa que não emitir unhas: lâminas córneas, semitransparentes e elásticas, para se defenderem de quem? Brutos e desconfiados como só

eles, não deixam um segundo de preparar esse tênue armamento. Recusam o universo e o êxtase para continuarem elaborando infindavelmente umas inúteis pontas que as bruscas tesouradas de Solingen aparam e tornam a aparar. Nos noventa dias crepusculares de clausura pré-natal eles estabeleceram essa indústria única. Quando eu estiver guardado na Recoleta, numa casa cor cinzenta provida de flores secas e de talismã, eles continuarão seu pertinaz trabalho, até que os modere a corrupção. Eles e a barba em meu rosto.”(15)

Declararam 1986 um ano internacional dedicado à Paz. Foi? As unhas (atômicas, biológicas, da miséria . . .) deixaram de crescer? De quem as nações e os homens querem se defender? E nós — tu e eu? E tudo, porque somos “unhas de fome” . . .

“Então é Natal: o que tens feito? Um outro ano se foi e um novo está começando . . .” Gosto muito dessa música de John Lennon (*Happy Christmas*).

O que tenho feito? Ora, promessas. Como muitos, eu tenho feito promessas . . .

Um pintor nos prometeu um quadro.

Agora, em New England, sei que morreu. Senti, como outras vezes, a tristeza de compreender que somos como um sonho. Pensei no homem e no quadro perdidos.

(Só os deuses podem prometer, porque são imortais.)

Pensei num lugar prefixado que a tela não ocupará.

Pensei depois: se estivesse aí, seria com o tempo uma coisa mais, uma coisa, uma das vaidades ou hábitos da casa; agora é ilimitada, incessante, capaz de qualquer forma e qualquer cor e a ninguém vinculada. Existe de algum modo.

Viverá e crescerá como uma música e estará comigo até o fim. Obrigado, Jorge Larco.

(Também os homens podem prometer, porque na promessa há algo imortal.) (16)

Idéias e sentimentos que tornam delicadas as nossas faltas sempre são reconfortantes . . .

Quando a lucidez exorbita ela cega . . . Admira — não sem lágrimas a figura de Lúcifer: o anjo da luz caminha altivo para o seu principado de trevas. Lúcifer recusou obediência; ele via tudo e estava cativo de sua contemplação. Uma taça de borbulhantes dúvidas, eis o que o homem necessita para agir. . .

Nas terras sem chuvas, o orvalho tem que ser de amor. . .

Gaivota amiga, te percebi impaciente enquanto disputávamos as tâmaras . . . Bem sei dos teus anseios; o hábito da sinceridade torna visíveis os desejos. Queres alcançar aquele altar suspenso nas alturas, ainda virgem, onde nunca alguém

orou. Esta é a tua maneira de ficar sozinha. Sozinha com Deus.

As cumeadas onde plana a tua gente não satisfazem o teu desejo de voar mais e mais alto, de compreender-te e realizar-te melhor. De amar com arte.

O pensamento da maioria te asfixia; o ar da vida é rarefeito no interior das palavras que o arquitetam. Preferes conversar com o silêncio e com a música (uma das metamorfoses do silêncio). No fundo é exatamente isto o que somos: uma conversação.

Voar baixinho é não voar. É aceitar o mundo tal como está, não por fé na Providência mas por atrofiamento da vontade; vontade de ser.

As aves, como os homens, recusam o que é diferente. Tu és diferente: tu ainda sonhas e não admities que o sem sentido domine o espaço. Recheia-o com ímpetos de beleza.

Paul Valéry: “Um diamante dura mais que uma civilização.”

O discurso do bando cansou você? Então dê um *break*. Descanse. Confie-se nos carnudos braços da poesia. Deixe que esta maravilhosa mulher te embrulhe como a um bebê.

Todo discurso representa (em tese) a realidade fazendo a palavra jorrar.

A poesia represa essa mesma palavra. Aquieta-a para que nós a contemplemos em toda a sua estranheza.

“Acredita-se que a prosa está mais próxima da realidade que a poesia. A mim isso parece um equívoco. Cada palavra é uma obra poética e a linguagem é uma criação estética. Acho que não há qualquer dúvida a respeito. Temos uma prova disso quando estudamos um idioma. Obrigados a ver as palavras de perto, elas nos parecem bonitas ou não. Quem estuda um idioma vê as palavras com lupa e pensa: esta palavra é feia, esta outra é bonita, aquela é pesada. Isso não acontece com nossa língua materna, cujas palavras nos parecem sempre inseridas num discurso.”(17)

Poetar é represar e ampliar a palavra no instante. O poeta dá um *zoom* na palavra, tornando-a insaciável. Devoradora.

W. Benjamim: “Quanto mais de perto se olha uma palavra, mais fundo ela recua, para devolver o olhar . . .”

*Mirar o rio feito de tempo e água
E recordar que o tempo é outro rio,
Saber que nos perdemos como o rio
E que os rostos passam como a água.
Sentir que a vigília é outro sonho
Que sonha não sonhar e que a morte
Que nossa carne teme é essa morte
De cada noite, que se chama sonho.*

*Ver no dia ou no ano um símbolo
Dos dias do homem e de seus anos.
Converter o ultraje dos anos
Em uma música, um rumor e um símbolo.*

*Ver na morte o sonho, no ocaso
Um triste ouro, tal é a poesia
Que é imortal e pobre. A poesia
Volta como a aurora e o ocaso.*

*Às vezes nas tardes uma face
Nos fita desde o fundo de um espelho,
A arte deve ser como esse espelho
Que nos revela nossa própria face.*

*Contam que Ulisses, farto de prodígios,
Chorou de amor ao divisar sua Ítaca
Verde e humilde. A arte é essa Ítaca
De verde eternidade, não de prodígios.*

*Também é como um rio interminável
Que passa e cai, é cristal de um mesmo
Heráclito inconstante, que é o mesmo
E é outro, como o rio interminável.* (18)

O homem tem consumido milênios na tentativa de se aproximar da realidade. A questão é inevitável; contudo, por mais que as palavras irrompam e rebentem, Maya continua brincando conosco.

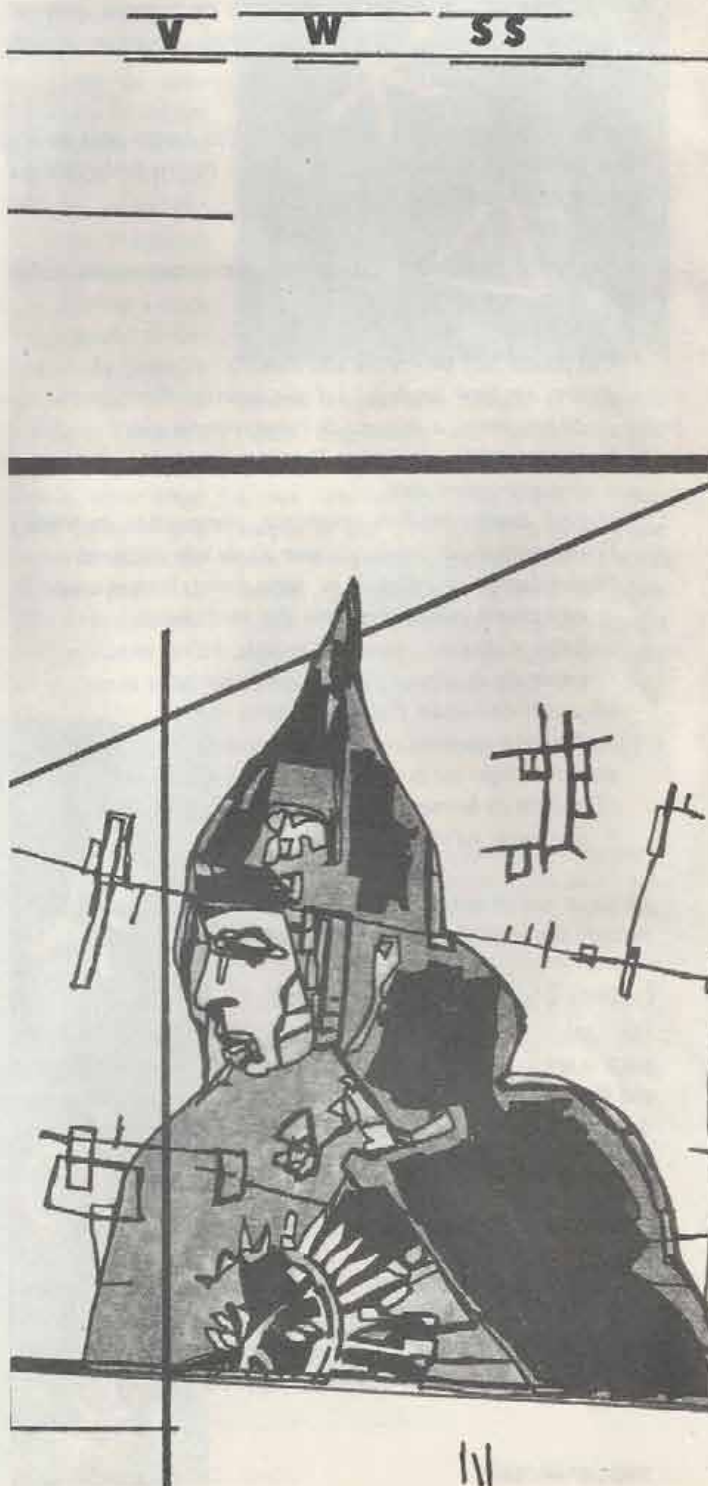
Sexto Empírico (de quem Borges gostava muito) imagina a seguinte situação: "Estamos numa casa onde se encontram muitos objetos preciosos, e todos procuramos, às escuras, o ouro; cada um pensaria ter encontrado o ouro, contudo jamais o saberia com certeza, mesmo que o tivesse realmente encontrado. Da mesma maneira os filósofos entram neste mundo como numa grande casa, para procurar a verdade; mesmo que eles a encontrassem, contudo, não poderiam saber se realmente a encontraram." (19)

Isto não te põe medo? Pensar que toda filosofia ao fim se resume numa incerteza? No entanto, por que se preocupar em demasia com o que não podemos evitar?

"Lucrécio usa o seguinte argumento: vocês se lastimam porque todo o futuro lhes faltará. Pensem entretanto que antes de vocês há um tempo infinito. Que quando nascesteis — diz ao leitor — já havia passado o momento em que Cartago e Tróia lutavam pelo domínio do mundo. Contudo, isto já não te importa. Então como pode importar-te o que virá? Perdeste o infinito passado. Que te importa perder o infinito futuro?

"Nosso eu é o menos importante para nós. Que significa nós nos sentirmos "EU"? Em que pode ser diferente eu me sentir Borges e vocês se sentirem A, B ou C? Em nada,

absolutamente. Esse "EU" é o que partilhamos, é o que está presente, de uma forma ou de outra, em todas as criaturas. Deste modo, poderíamos dizer que a imortalidade é necessária; não a pessoal, mas essa outra imortalidade. Por exemplo, cada vez que alguém ama um inimigo, surge a imortalidade de Cristo. Nesse momento, ele é CRISTO. Cada vez que repetimos um verso de Dante ou de Shakespeare, somos, de algum modo, aquele instante em que Shakespeare ou Dante criaram esse verso. Enfim, a imortalidade está na memória dos outros e na obra que deixamos. Que importa que essa obra seja esquecida?"



"Cada um de nós colabora, de um modo ou de outro, neste mundo. Cada um de nós quer que este mundo seja melhor. E, se o mundo realmente melhora, eterna esperança; se a pátria se salva — por que não haverá de salvar-se a pátria? — nós seremos imortais nessa salvação, não importa que conheçam ou não nossos nomes.

"Para concluir, quero dizer que acredito na "imortabilidade". Não na "imortabilidade" pessoal, mas sim na cósmica."⁽²⁰⁾

Sonhar nos sonhos de Borges foi mesmo incrível. Foi um esforço de ruptura que permitiu a emergência do "fantástico" (nos dois sentidos: assombroso e maravilhoso) no ambiente diário, julgado soberano e imutável. Foi assumir a facticidade de modificar esse cotidiano sem sal...

Fernão Capelo Gaivota, meu amigo... Os homens não podem esquecer de ti. Voa mais alto! Voa mais rápido! Tu sonhas, então podes.

Voa, e se quiseres leva estas litera(ven)turas contigo. Não, é melhor não levar nada. No cume máximo de teus vôos tu te encontrarás com o próprio Jorge Luis Borges, ainda sonhando. Sonhando e escrevendo.

"Quando era jovem, pensava na literatura como um jogo de variações engenhosas e surpreendentes; agora que descobri minha própria voz, sinto que remendar ou alterar não melhoram muito nem prejudicam muito meus rascunhos. Suponho que minha melhor produção está acabada. Isso me dá uma certa satisfação e tranquilidade íntimas. E contudo não sinto que tenha esgotado minhas possibilidades de escrever. De algum modo, a juventude parece mais próxima de mim hoje do que quando era moço. Não mais considero

a felicidade inatingível como há muito tempo atrás eu a considerava. Agora sei que ela pode acontecer a qualquer momento, mas que nunca deveria ser buscada. Quanto ao fracasso ou a fama, são muito irrelevantes e nunca me preocupei com eles. O que estou procurando agora é a paz, a alegria de pensar e da amizade, e, embora possa ser demasiada ambição, uma sensação de amar e de ser amado."⁽²¹⁾

"Afim de contas, a literatura não é outra coisa que um sonho dirigido."⁽²²⁾

Agora, no horizonte, sobe o amanhecer...

MANHÃ ROMPEDORA
POR TI
ESPELHO-ALMA-MÁGICO
REFLETORA
DO MUNDO-VERDE-AZUL-ROSA-CORES!

MANHÃ ROMPEDORA
POR TI
LEITORA-ALMA-ESCRITORA
PORTO
DO MAR-DELÍCIAS DESTA VIDA-AMIZADE!!

MANHÃ ROMPEDORA
POR TI
IRMÃ-ALMA-GÊMEA
ARQUEIRA
JANELA-OLHOS AFORA!!!
DE SONHOS-FLECHAS

GEORGE BARCAT

NOTAS

1. Bashô, M.: *O Gosto Solitário do Orvalho*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1986, p. 52.
2. Borges, J.L.: *Elogio da Sombra — Perfis*, Ed. Globo, Porto Alegre, 1985, p. 82.
3. Bashô, M.: *O Gosto Solitário do Orvalho*, Assírio e Alvim, Lisboa, 1986, p. 39.
4. Borges, J.L.: *A biblioteca de Babel*, in *Ficções*, Ed. Globo, Porto Alegre, 1976, pp. 61 e 62.
5. Borges, J.L.: *O Livro*, in *Cinco Visões Pessoais*, Editora Univ. de Brasília, Brasília, 1985, p. 10.
6. Artaud, A.: *O Teatro e seu duplo*, Max Limonad, São Paulo, 1985, p. 105.
7. Gide, André: *Os Frutos da Terra*, Rio Gráfica Editora, Rio de Janeiro, 1986, p. 20.
8. Borges, J.L.: *Heráclito*, in *Elogio da Sombra — Perfis*, Ed. Globo, Porto Alegre, 1985, p. 7.
9. Borges, J.L.: *Epílogo*, in *O Fazedor*, Difel, São Paulo, 1985, p. 102.
10. Borges, J.L.: *A Divina Comédia*, in *Sete Noites*, Max Limonad, São Paulo, 1980, p. 27.
11. Borges, J.L.: *idem*, p. 27.
12. Borges, J.L.: *Borges em diálogo*, Rocco, Rio de Janeiro, 1986, p. 9.
13. Borges, J.L.: *Los Espejos*, in *Obra Poética*, Emecé, Buenos Aires, 1964, p. 185.
14. Termo criado pelo poeta Cummings para designar a unidade espaço-tempo da teoria da relatividade de A. Einstein.
15. Borges, J.L.: *As unhas*, in *O Fazedor*, Difel, São Paulo, 1985, p. 12.
16. Borges, J.L.: *The Unending Gift*, in *Elogios da Sombra — Perfis*, Ed. Globo, Porto Alegre, 1985, p. 13.
17. Borges, J.L.: *A Poesia*, in *Sete Noites*, Max Limonad, São Paulo, 1980, p. 122.
18. Borges, J.L.: *Arte Poética*, in *O Fazedor*, Difel, São Paulo, 1985, p. 93.
19. Citado in *Os Pré-Socráticos*, Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1973, p. 77.
20. Borges, J.L.: *A Imortalidade*, *Cinco Visões Pessoais*, Ed. Univ. de Brasília, Brasília, 1985, pp. 18, 19 e 20.
21. Borges, J.L.: *Elogio da Sombra — Perfis*, Ed. Globo, Porto Alegre, 1985, p. 124.
22. Borges, J.L.: *O Informe de Brodie*, Ed. Globo, Porto Alegre, 1983, p. 6.

DO SAGRADO E DO PROFANO nas sociedades arcaicas

— I —

É muito difícil delimitar a esfera da noção do Sagrado; este é um fenômeno complexo e rico. Notamos apenas que, ao tentar delimitá-lo, os autores colocam oposição entre o sagrado e a vida religiosa, o profano e a vida secular.

Definir o fenômeno religioso não é o mais importante, sob nosso ponto de vista, mas sim situá-lo no conjunto dos outros objetos do espírito. Acontece, porém, que mesmo essa tarefa não é fácil, pois o fenômeno religioso se apresenta como um enorme conjunto de gestos, crenças e teorias que nos aturdem. Encontramo-nos na presença perturbadora de fatos sagrados heterogêneos como ritos, mitos, formas divinas, objetos sagrados, símbolos, cosmologias, homens consagrados, animais, plantas e lugares sagrados. Cada um deles com riquíssima morfologia, seja ele um mito cosmogônico melanésio, um sacrifício bramânico, um texto místico sufi ou de S. João da Cruz, o simbolismo de um templo hindu, o traje e a dança de um xamã siberiano, as pedras sagradas, as cerimônias agrárias, os mitos e ritos das grandes deusas ou as superstições das pedras preciosas. Cada um é hierofania (epifa-

nia) expressando uma experiência do sagrado em um dado momento da história humana. As grandes experiências místicas assemelham-se pelo seu conteúdo e expressão, porém, por mais individuais e transcendentais que sejam, trazem muito visível a influência do momento histórico em que se processaram.

Algumas hierofanias são locais, outras têm valências universais e, muitas vezes, as locais podem se fazer universais. Assim, por exemplo, os semitas adotaram em certa época de sua história o deus Baal, da tempestade e fecundidade e Belit, a deusa da fertilidade agrícola. Com a reforma mosaica, eles vão chegar a uma concepção mais pura e completa da divindade.

A hierofania de Baal e Belit revelava, até ao monstruoso, a sacralidade da vida orgânica, as forças elementares do sangue, da sexualidade e da fecundidade. Tudo isso foi válido durante séculos, até que a forma divina *Iavé*, mostrando a sacralidade de maneira mais elevada, sacralizou vida, revelando uma economia espiritual na qual se atribuíam novos valores ao homem e ao seu destino, levando a

uma experiência religiosa mais rica, elevada e completa. Esta hierofania javeíta triunfará e, através do cristianismo, tornar-se-á um valor religioso multivalente e universal. Nem sempre uma hierofania é vivida e interpretada da mesma forma pelas elites religiosas e pelo resto da comunidade. Assim, para o povo, que no início do outono vem até o templo de Kalighat em Calcutá, Durgá é uma deusa terrível, à qual é necessário se sacrificar bodes. Para alguns iniciados, contudo, ela é a epifania (manifestação) da vida cósmica em perene transformação. As duas hierofanias são válidas e as modalidades do sagrado, reveladas através dela, não são contraditórias, mas complementares.

As hierofanias vegetais (sagrado revelado pela vegetação) estão presentes nos símbolos (árvore cósmica), nos mitos metafísicos (árvore da vida), nos ritos populares (cortejo da árvore de Máiv, fogueiras juninas, ritos agrários). Nas crenças ligadas à idéia de uma origem vegetal da humanidade, nas relações místicas entre certas árvores e certos indivíduos, nos contos em que o herói covardemente assassinado se transforma em vegetal

(como na bela lenda da mandioca do folk-lore indígena sul-americano), todas essas hierofanias conduzem a uma teoria da sacralidade vegetal, algumas de maneira velada, como o costume de se levar ramos verdes nas procissões de Primavera (Domingo de Ramos na liturgia cristã), outras de maneira clara como o símbolo da árvore cósmica.

A diferença muitas vezes de nível, entre um símbolo e um rito, é de tal natureza, que jamais o rito revelará tudo aquilo que o símbolo revela. Para o ocidental, habituado a relacionar espontaneamente as noções de sagrado, religião e magia com certas formas históricas da vida religiosa judaico-cristã, certas hierofanias dos povos arcaicos parecem aberrantes. Ainda mesmo que esteja predisposto a considerar com simpatia alguns aspectos de religiões, por exemplo, orientais, dificilmente compreende a sacralidade das pedras ou a erótica mística.

O homem moderno encontra dificuldade em apreender a sacralidade das formas perfeitas, uma das categorias do divino muito comum entre os gregos, ou então considerar o símbolo como manifestação do sagrado, ou sentir que as estações, os ritmos ou a plenitude das formas (quaisquer que elas sejam) são outras formas de sacralidade. Mas, na medida em que ele se desembaraça dos preconceitos didáticos, esquece que essas atitudes foram taxadas de panteísmo, feiticismo, infantilismo, etc., e conseguirá apreender o sentido do sagrado nas culturas arcaicas e aumentará suas probabilidades de compreender os modos e a história da sacralidade.

Tudo quanto o homem sentiu, encontrou ou amou, ou então manipulou, pode se tornar uma hierofania. Os gestos, as danças, os folguedos infantis, os brinquedos, têm origem religiosa e foram, em certa época, gestos ou objetos culturais. Assim, os instrumentos musicais, a arquitetura, os meios de transporte começaram como objetos ou atividades sagradas. Não podemos nos esquecer também que os gestos quotidianos (levantar depois da noite dormida, caminhar, correr), os trabalhos (caça, pesca, agricultura), os atos fisiológicos, as palavras essenciais da língua, têm origem sagrada ou foram

valores de culto. A hipótese evolucionista de que toda a espécie humana passou por todas as fases de evolução, hoje em dia está superada, mas em qualquer lugar, em um momento histórico, cada grupo humano transubstanciou certos objetos, animais, plantas, minerais e gestos em hierofanias.

Se qualquer coisa pode expressar o sagrado, em que medida permanece válida a dicotomia sagrado-profano?

É verdade que qualquer coisa pode se tornar uma hierofania. Não há, talvez, nenhum objeto, ser ou planta que, em certo momento ou lugar, não tenha assumido o prestígio da sacralidade. Não se conhece, entretanto, nenhuma religião ou povo que tenha acumulado ao longo de sua história todas essas hierofanias.

**A história das religiões
é, em grande parte, uma
seqüência de desvalorizações
e revalorizações do processo
de manifestação do sagrado.**

**A idolatria, o iconoclasticismo
são atitudes naturais do
espírito perante as
hierofanias; são
posições justificáveis.**

Ao lado dos objetos e seres profanos sempre existiram, no quadro de qualquer religião, objetos ou seres sagrados. Assim, quando se fala do culto das pedras, não se quer dizer que todas as pedras são sagradas, mas certas pedras são veneradas devido à sua forma, tamanho ou implicações rituais; são veneradas na medida em que não são apenas pedras, mas hierofanias, algo que ultrapassa sua condição normal de pedra.

Tudo o que é insólito, singular, novo, perfeito ou monstruoso, torna-se sensível às forças mágico-religiosas e, conforme as circunstâncias, um objeto

de veneração ou temor, devido ao sentimento ambivalente que o sagrado provoca. A ambivalência do sagrado não é só de ordem psicológica (atração ou repulsa), mas de ordem axiológica; o sagrado é, ao mesmo tempo, sagrado e maculado. Em latim, a palavra *sacer* significa, ao mesmo tempo, maldito e santo. Tanto os objetos como os seres impuros estão proibidos à experiência profana. A palavra polinésia *tabu*, adotada pelos etnógrafos, significa a condição de objetos, ações ou pessoas "isoladas", "interditas", em virtude do perigo que comporta o seu contato. A morfologia dos objetos, pessoas ou ações que são considerados tabus nas sociedades arcaicas, é muito rica.

Durante muito tempo, na ilha de Madagascar, os cavalos, os coelhos, o sal, o rum, a pimenta, trazidos pelos europeus à ilha, foram tabus. Foram tabus temporários, porém, pois, à medida em que foram deixando de ser algo novo, foram sendo manipulados e se integraram no universo quotidiano malgaxe, perderam a capacidade de destruir o equilíbrio das forças, perderam a condição de tabus.

Há tabus permanentes como o rei, o santo, o nome, os metais, certas regiões cósmicas, etc. Nestes casos, as interdições são devidas à maneira específica das pessoas e objetos tabus. Devido à sua situação real, o soberano é reservatório pleno de forças e, só é possível uma aproximação de sua pessoa, tomando-se certas precauções. O rei não deve ser tocado, não se deve olhá-lo diretamente, nem lhe dirigir a palavra de forma direta. O rei não deve tocar a terra, pois poderia torná-la estéril, devido às forças acumuladas em si; é necessário transportá-lo ou então fazê-lo caminhar sobre um tapete. As precauções com os santos, sacerdotes e curandeiros, explicam-se pelos mesmos receios.

Alguns elementos naturais são considerados tabus, em determinadas culturas, quando eles participam de um universo que está fora de seu quotidiano. Exemplificando, é o caso do ferro quando utilizado por grupos secretos de ferreiros, fundidores e fei-

ticeiros, ou como o mistério e a impeniência que envolve certas ilhas e montanhas.

Existe uma medrosa reserva, um temeroso respeito por tudo o que é estrangeiro, estranho ou novo, pois tais coisas são sinais de uma força venerável, mas perigosa. O mecanismo é sempre o mesmo; algo, pessoas ou regiões participam de um sistema ontológico diferente, por essa razão seu contato produz ruptura do nível ontológico, o que poderia ser fatal.

A ambivalência do sagrado, que atrai e atemoriza, é um aspecto digno de um estudo mais longo e profundo. O fato de os xamãs siberianos e curandeiros de certas regiões serem recrutados entre os neuróticos ou de equilíbrio nervoso instável é devido ao insólito e ao extraordinário da doença. Esses estigmas denotam uma escolha divina e seus portadores têm que se submeter à divindade, tornando-se sacerdotes, xamãs ou feiticeiros. É claro que esse não seria o único predicado pedido; a vocação religiosa aparece nos exercícios rituais ou em uma seleção feita pelo feiticeiro, mas sempre se trata de uma escolha.

O insólito, o extraordinário são epifanias perturbantes, indicam a presença de algo diferente do natural, presença, apelo desse algo. Um hábil animal, um objeto estranho, um fato monstruoso destacam-se de maneira tão evidente como uma pessoa muito feia, nervosa, ou isolada do resto da comunidade por qualquer estigma natural ou adquirido através de cerimônia realizada com o fim de indicar o eleito.

Todos esses exemplos nos fazem melhor compreender o conceito de Mana entre os melanésios. É a força misteriosa e ativa que possuem alguns indivíduos e as almas dos mortos; o ato da criação cósmica, segundo esses povos, só foi possível pelo Mana da divindade. A noção dessa força, embora se encontre em religiões exteriores ao círculo melanésio, não é uma noção universal. Assim, outros povos conhecem uma força desse gênero, capaz de tornar as coisas poderosas reais, no pleno sentido da palavra. Lembremo-nos que não é qual-

quer pessoa ou coisa que possui essa força, só as divindades, os heróis, as almas dos mortos, os homens e objetos que mantêm certa relação com o sagrado. Essa idéia de força misteriosa vamos encontrar no *Xuarenab* iraniano, no *Imperium* romano ou no *Hamingja* nórdico.

Analisando as hierofanias, cratofanias (manifestação de força sagrada) e o Mana não temos a pretensão de esgotar-lhes o significado, mas ilustrar simplesmente as modalidades mais elementares do sagrado nas sociedades arcaicas. As hierofanias e cratofanias elementares não esgotam, entretanto, a experiência e a teoria religiosa dos povos mais simples. As categorias do sagrado, como sua morfologia, excedem a essas epifanias, ultrapassando-as constantemente com o culto dos antepassados, a crença dos espíritos e os cultos naturalistas. Ao lado de tais experiências e teorias religiosas encontramos vestígios mais ou menos ricos de um culto a um Ser Supremo manifestado por epifanias celestes. Esse Ser Supremo, entretanto, desempenha papel discreto, no culto, substituído pelo totemismo, culto dos antepassados, mitologias solares e lunares, epifanias da fertilidade, etc.

O desaparecimento gradativo de tais Seres Supremos da atualidade religiosa é um problema histórico ligado a determinadas forças. Esses seres pertencem ao patrimônio religioso dos povos mais simples e essa presença não pode ser desprezada, quando se analisa a experiência global do sagrado na humanidade arcaica.

As hierofanias e cratofanias não são fechadas, podem aumentar sua função formal. No culto das pedras, por exemplo, se uma pedra de culto em certo momento histórico demonstra uma forma de sacralidade, mostra que o sagrado é algo diverso do meio cósmico circundante, está de maneira absoluta, invulnerável e estática subtraído do devir. A mesma pedra pode ser venerada mais tarde não pelo que revela de imediato, mas porque integrada num espaço sagrado (templo ou altar), ou por ser a epi-

fania de um deus. Continua assim a ser algo de insólito, a ser sagrada em virtude da hierofania primeira que a escolheu, embora o valor que lhe é atribuído mude conforme a teoria religiosa em que esta hierofania vem se integrar.

A história das religiões é, em grande parte, uma sequência de desvalorizações e revalorizações do processo de manifestação do sagrado. A idolatria, o iconoclasticismo são atitudes naturais do espírito perante as hierofanias; são posições justificáveis. Para aqueles que estão pregando uma nova Revelação (mosaísmo, cristianismo, islamismo), as antigas hierofanias são manifestações diferentes do sagrado, são obstáculos para a perfeição de nova experiência religiosa. Os contemporâneos de uma Revelação mais completa, mais adequada às suas possibilidades espirituais e culturais, não podem acreditar nem valorizar as hierofanias do passado.

A idolatria, de forma geral, é a revalorização de antigas hierofanias; o fato delas se expressarem através de um objeto do mundo imediato ou da imensidão cósmica, figura divina, símbolo, lei moral ou idéia é indiferente. Assim, sob certo ponto de vista, uma pedra sagrada, um avatar de Vishnu, uma estátua de Zeus, uma epifania mosaica são válidas, pela simples razão de que o sagrado, ao se manifestar, se limitou, se incorporou. O ato da incorporação, que não deixa de ser paradoxal, torna possível todas as formas de hierofanias, desde as mais elementares até a encarnação do Logos em Jesus Cristo; encontra-se por toda a parte e em todas as religiões.

Os habitantes de Tanganica conhecem, *Kyala*, deus celeste, criador, poderoso, justo, que não se manifesta só por hierofanias uranianas, mas tudo o que é grande (animal ou árvore), um temporal, cachoeira, terremoto, leão, serpente, podem ser domicílio temporário do deus. Entre outros povos, tudo quanto é estranho, não compreensível, é manifestação do Senhor Supremo. Notemos que essa atitude é encontrada entre po-

vos que não sofreram o trabalho sistemático de teólogos e místicos.

A interpretação da mesma epifania depende do grau de cultura do indivíduo. Assim, por exemplo, a escola mística Vishnuíta chama *Arca* (homenagem) a todo objeto material venerado pelo povo há séculos (a planta tulasi, os ídolos de Vishnu) e considerados como epifanias do grande deus.

Os místicos e teólogos já interpretam essa epifania paradoxal como instante de dialética do sagrado que, embora eterno, absoluto, livre, manifesta-se num fragmento material, precário, limitado. Assim, a incorporação de Vishnu num ídolo tem um fim soteriológico (de salvação), o amor divino é demonstrado aos homens na degradação de sua epifania através de um objeto material. Essa hierofania tem também sentido teológico, a incorporação divina de Vishnu revela sua liberdade em tomar qualquer forma e a condição paradoxal do sagrado que pode coincidir com o profano sem anular sua própria maneira de ser.

Todas as hierofanias, até as mais elementares, revelam a paradoxal coincidência do sagrado e do profano, do ser e do não ser, do absoluto e do relativo, do eterno e do devir. Quando um teólogo explica uma hierofania, tem a função de revalorizá-la, reintegrá-la em um novo sistema religioso.

O fato de a dialética da hierofania da manifestação do sagrado nos objetos materiais continuar a ser objeto de sofisticadas especulações como, por exemplo, na Idade Média, prova que essa dialética continua a ser o problema central de qualquer religião.

Segundo muitos autores cristãos, todas as hierofanias dos povos arcaicos seriam prefigurações do milagre da Encarnação, tentativas falhas da revelação do mistério da coincidência homem-Deus.

Fascinante não é a manifestação do sagrado nas pedras, árvores, animais, mas o fato de ele se manifestar, se limitar, se tornar relativo.

O modo de ser celeste é uma
hierofania inexaurível. Tudo o
que se passa nos espaços
celestes, nas regiões
superiores da atmosfera,
a revolução rítmica dos astros,
o vagar das nuvens,
as tempestades, o raio,
os meteoros, o arco-íris,
são instantes dessa hierofania.

Poderíamos dizer que o sagrado é qualitativamente diferente do profano, embora se manifeste de qualquer modo e em qualquer lugar do mundo profano. Tem assim o sagrado a capacidade de transformar qualquer objeto cósmico em paradoxo, através de uma hierofania. O objeto deixa de ser ele mesmo, como objeto cósmico, mas permanece inalterado; essa dialética do sagrado é válida para todas as religiões, desde as mais simples às mais sofisticadas.

O homem moderno tem dificuldade de compreender certos símbolos, acontecimentos sociais, cósmicos e biológicos, idéias, valorizadas como hierofanias no plano religioso pelas sociedades antigas. Ele pode até aceitar que os ritmos lunares, as estações do ano, a iniciação sexual ou social, o simbolismo espacial adquiram valores sagrados para a humanidade arcaica, mas não consegue apreender em que medida os gestos fisiológicos, a nutrição, o ato sexual, o ano, possam reivindicar o mesmo valor sagrado. Há uma extrema dificuldade em se aceitar, modernamente, a sacralidade da vida fisiológica total, de ideogramas, leis cósmicas ou morais. Aquilo que nos separa do homem das culturas antigas é precisamente essa incapacidade que temos de viver a vida orgânica (sexualidade, nutrição) como um sa-

cramento, no seu sentido mais profundo de sinal de sagrado. A sexualidade para o homem moderno são meros atos fisiológicos, mas para o indivíduo das culturas arcaicas são sacramentos, cerimônias, através dos quais o ser humano se comunica com a Força e a Vida, são epifanias da realidade última.

Rito, segundo a definição de Mircea Eliade, é a "repetição de um gesto arquetípico realizado *in illo tempore* pelos antepassados ou pelos deuses; tenta-se assim "ontificar" através da hierofania os atos mais simples e insignificantes. Pela repetição, o rito coincide com seu arquetipo e o tempo profano desaparece. Ao transformar os atos fisiológicos em cerimônias, o homem das sociedades arcaicas se esforça por passar além, se projetar para lá do tempo (devir) na eternidade. Quando se alimenta ou pratica o ato sexual ele se insere num plano que, de qualquer maneira, não é o da nutrição nem o da sexualidade. É uma experiência religiosa indistinta, estruturalmente diferente das experiências representadas pelas hierofanias do insólito, do extraordinário, do Mana (força), etc., mas não é experiência menor da vida desse homem, ainda que, devido à sua natureza, escape aos observadores.

A vida religiosa de qualquer grupo humano encerra certo número de elementos teóricos (símbolos, ideogramas, mitos cosmogônicos) considerados como hierofanias pelas culturas antigas, porque revelam as modalidades do sagrado e através delas o homem se defende do insignificante, do nada, enfim, o homem escapa do profano.

Observamos que o funcionamento do pensamento arcaico não usa só conceitos ou elementos conceituais, mas, e principalmente, símbolos e com uma lógica específica. A aparente pobreza conceitual das culturas arcaicas não revela incapacidade para produzir teoria, mas estilo de pensar diferente do pensar moderno, o qual se baseia nos esforços da especulação helênica. Encontra-se em grupos humanos pouco evoluídos conjunto de verdades coordenadas, mui-

tas vezes, de maneira sistemática, constituindo uma ontologia pragmática, soteriológica, no sentido de tentar se salvar e se integrar no Real por meios dessas verdades.

Todas as ações realizadas pelos povos arcaicos pressupõem um modelo transcendente, por isso tais atos só são eficazes na medida em que são reais e exemplares; a ação é cerimônia, pois coloca o homem numa zona sagrada, e é também forma de inserção no real.

É quase universal a crença num ser divino celestial, criador do universo, assegurador da fertilidade terrestre, presciente e infinitamente sábio. As leis morais e ritos foram instituídos por ele durante sua breve permanência na terra. Vela pela observância das leis e todo homem que se lhe opõe é fulminado. Isso levou muitos estudiosos, como W. Schmidt, a admitir a existência de um monoteísmo arcaico, tendo como base apenas a presença de deuses uranianos entre as sociedades mais antigas; esse tema é motivo de muitas controvérsias entre os estudiosos do assunto.

De onde surgiu a idéia da significação religiosa do céu? Em si mesmo?

Sem necessidade de profundas especulações, o céu revela sua transcendência, força e sacralidade; com o simples observar, a olho nu, de um firmamento constelado de astros ou com o fulgor incomparável do sol. Dessa forma, a simples contemplação da abóboda celeste provoca no espírito primitivo uma experiência religiosa, pois para a mentalidade arcaica a Natureza nunca é exclusivamente natural. O simples contemplar do céu para o homem primitivo, sensível aos milagres quotidianos, difíceis de entendermos hoje, seria equivalente a uma revelação. O simbolismo da transcendência celeste deriva da simples tomada de consciência de sua altura infinita. O "alto" é dimensão inacessível ao homem, pertence por direito às forças e seres divinos. Quando o sacerdote sobe os degraus de um santuário, ou altar, ou uma escada ritual, deixa de ser um homem comum. O céu, por estar no alto, é poderoso (no sentido religioso da palavra), cheio

de sacralidade e a transcendência divina se revela na inacessibilidade, na infinitude, na eternidade e na força criadora do Céu.

O modo de ser celeste é uma hierofania inexaurível. Tudo o que se passa nos espaços celestes, nas regiões superiores da atmosfera, a revolução rítmica dos astros, o vagar das nuvens, as tempestades, o raio, os meteoros, o arco-íris, são instantes dessa hierofania.

É muito difícil se precisar quando as divindades celestes surgiram e tomaram o lugar da sacralidade celeste. Suas hierofanias, dramatizadas pela experiência mítica, permaneceram, com o tempo, hierofanias uranianas e a história dessas divindades celestes é a das instituições de força, criação, leis e soberania.

Nas sociedades arcaicas, o grande deus celeste está muito distante ou é demasiado bondoso para ter necessidade de um culto específico; só é invocado em casos muito graves. Os homens só se lembram do Céu e da divindade suprema, quando um perigo os ameaça diretamente. Para além dessas circunstâncias, sua religiosidade é solicitada pelas necessidades quotidianas, suas práticas e devoções orientam-se para as forças que controlam essas necessidades, mas isso não diminui a grandeza e a soberania dos seres celestes supremos. O homem primitivo, tal como o civilizado, esquece os deuses supremos na medida em que não tem necessidade deles; as lutas e aflições da vida fazem-no olhar mais para a Terra do que para o Céu, só redescobre a importância deste último quando algo grave como a morte o ameaça.

A divindade celeste suprema, entre os povos antigos, cede lentamente o lugar a outras formas religiosas, passa-se da transcendência e passividade dos seres celestes às formas religiosas dinâmicas, eficientes, mais acessíveis. Há uma progressiva queda do sagrado no concreto, a vida humana e o meio cósmico que a rodeia cada vez mais se tingem de sacralidade. O animismo, o totemismo, a devoção para com os mortos, as divindades locais, colocam o homem numa

posição religiosa diferente daquela que ele mostrava perante o Ser Supremo Celeste. A própria estrutura da experiência religiosa muda, é a vitória das forças dramáticas, dinâmicas, ricas de valências míticas sobre o Ser Celeste Supremo, Nobre, mas distante. Em muitos povos o Ser Supremo dá lugar a um demiurgo, por ele mesmo criado, que em seu nome, segundo suas diretrizes, organiza o mundo.

Por todo o continente africano os estudiosos encontraram vestígios de um grande deus celeste quase em vias de desaparecer, sendo seu lugar ocupado por outras forças religiosas, principalmente pelo culto dos antepassados. O grande deus celeste vai se fazendo cada vez mais distante. Os yorubas (Costa dos Escravos) acreditam num deus celeste (Olorum) criador do mundo, tendo confiado a criação a um deus inferior: Obatalá. Olorum é invocado no candomblé baiano, de origem yoruba, como último recurso em tempo de calamidade. Os orixás, intermediários entre a divindade e o homem, são muito mais invocados e populares. O candomblé é uma religião muito bem estruturada, diferente da macumba, de origem banto, mais animista e primitiva. Os escravos yorubas vieram nas primeiras levas para o Brasil. Procediam geralmente de zonas urbanas, eram marceneiros, ourives, entalhadores, relojoeiros, barbeiros, etc. Permaneceram nas cidades e muitos conseguiram sua própria alforria. Após 1888 alguns voltaram à terra natal e lá se tornaram respeitados como "brancos brasileiros". Os bantos vieram posteriormente, foram caçados e aprisionados no interior das florestas africanas, eram mais primitivos, não tinham ofícios, encaminharam-se para as fazendas do interior brasileiro.

Os seres supremos celestes das populações primitivas, como os grandes deuses das primeiras civilizações históricas, traem as relações mais ou menos orgânicas com o Céu, a atmosfera, os acontecimentos meteorológicos, etc. Aliás, a via atmosférica e meteórica se revela como um mito sem fim.

Não podemos, contudo, reduzir os seres supremos a uma hierofania celeste, pois são algo mais, são uma "forma" que pressupõe um modo de ser próprio e exclusivo, isto é, irredutível à vida uraniana ou à experiência humana, esses seres supremos são criadores, bons, eternos (velhos), fundadores de instituições, guardiões das normas, atributos que só imperfeitamente podem ser explicados pelas hierofanias celestes.

Com o tempo esses deuses serão eclipsados por outras forças religiosas ou por uma divindade mais concreta, dinâmica, fértil (Sol, Grande Mãe, Deus Macho), o vencedor é sempre ou o distribuidor da fecundidade, ou o distribuidor da vida. Até mesmo a crença nos mortos e demônios se reduz ao temor de que a vida seja ameaçada por essas forças hostis que devem ser conjuradas e neutralizadas.

Em certas épocas e regiões, devido ao aparecimento da agricultura, o deus celeste reconquista atualidade como deus da atmosfera e da tempestade, mas esta especialização limita-lhe o poder. O deus da tempestade é dinâmico, forte, é o touro, o fecundador, seus mitos são ricos e complexos, seus cultos luxuosos e solenes, mas ele não é o criador do universo, nem do homem, deixa de ser onisciente, muitas vezes é simples parceiro de uma grande causa. Foi contra esse deus, grande fecundador, rico em epifanias dramáticas, cujo culto é opulento e sangrento (sacrifícios, orgias), que se deram as revoluções religiosas de estrutura mono-teísta, profética, messiânica, do mundo semita. Na luta entre Baal ou Jeová e Allah se produziu uma renovação dos valores celestes opostos aos valores terrestres (riqueza, fecundidade, força), critérios qualificativos (interiorização, fé, prece, caridade), contra os critérios quantitativos (sacrifício concreto, supremacia de gestos rituais).

O fato, porém, de a história ter tornado inevitável a ultrapassagem dessas epifanias das forças elementares da vida, não quer dizer que elas tenham perdido o valor religioso.

Essas epifanias arcaicas representavam na origem meios pelos quais a vida biológica era santificada; perderam seu sentido à medida em que perderam sua função primitiva, esvaziando-se do sagrado, tornando-se simples fenômenos vitais, econômicos e sociais.

Em certas regiões o deus celeste é substituído pelo sol, que se torna o distribuidor da fecundidade na Terra e protetor da vida.

Por vezes, a ubiqüidade, a sabedoria, a passividade do deus celeste são expressas num sentido metafísico e o deus se torna epifania da norma cósmica, lei moral, a pessoa divina se apaga perante a Ideia e a limitada experiência religiosa dá lugar à compreensão teórica, à especulação filosófica.

Mesmo quando a vida religiosa já não está dominada pelos deuses celestes, as regiões siderais, o simbolismo uraniano, os mitos e ritos de ascensão conservam um lugar importante na economia do sagrado. Tudo o que está no alto, o que é elevado, continua a expressar o transcendente. Se as formas divinas mudam, porque se revelam como formas na consciência humana, elas possuem uma história, seguem uma linha, o sagrado celeste conserva sua atualidade por toda a parte e em toda a circunstância. Afastado do culto, substituído no mito, o Céu permanece no simbolismo. Esse simbolismo celeste mantém numerosos ritos (ascensão, escalada, iniciação, realeza, etc.), mitos (árvore cósmica, cadeia de flechas, montanha cósmica), lendas (vôo mágico). O próprio simbolismo do Centro, que tem papel relevante em todas as grandes religiões históricas, é consituído por elementos celestes (eixo do mundo, ponto de comunicação entre as três regiões cósmicas) e é no Centro que se opera a ruptura do nível, a passagem para as diferentes zonas cósmicas.

A história empurrou para o plano de fundo as formas divinas de estrutura celeste (caso dos seres supremos) ou então abastardou-as (deuses da tempestade, fecundadores) mas, como essa história é a experimentação e interpretação sempre nova do sagrado

pelo homem, não conseguiu abolir a revelação imediata e contínua do sagrado celeste, revelação de estrutura impessoal, intemporal. Porque sua modalidade de ser é intemporal que o simbolismo celeste conseguiu permanecer em todos os conjuntos religiosos, pois o simbolismo valoriza e mantém toda forma religiosa sem se esgotar com essa participação.

TERESA DE BARROS VELLOSO

BIBLIOGRAFIA

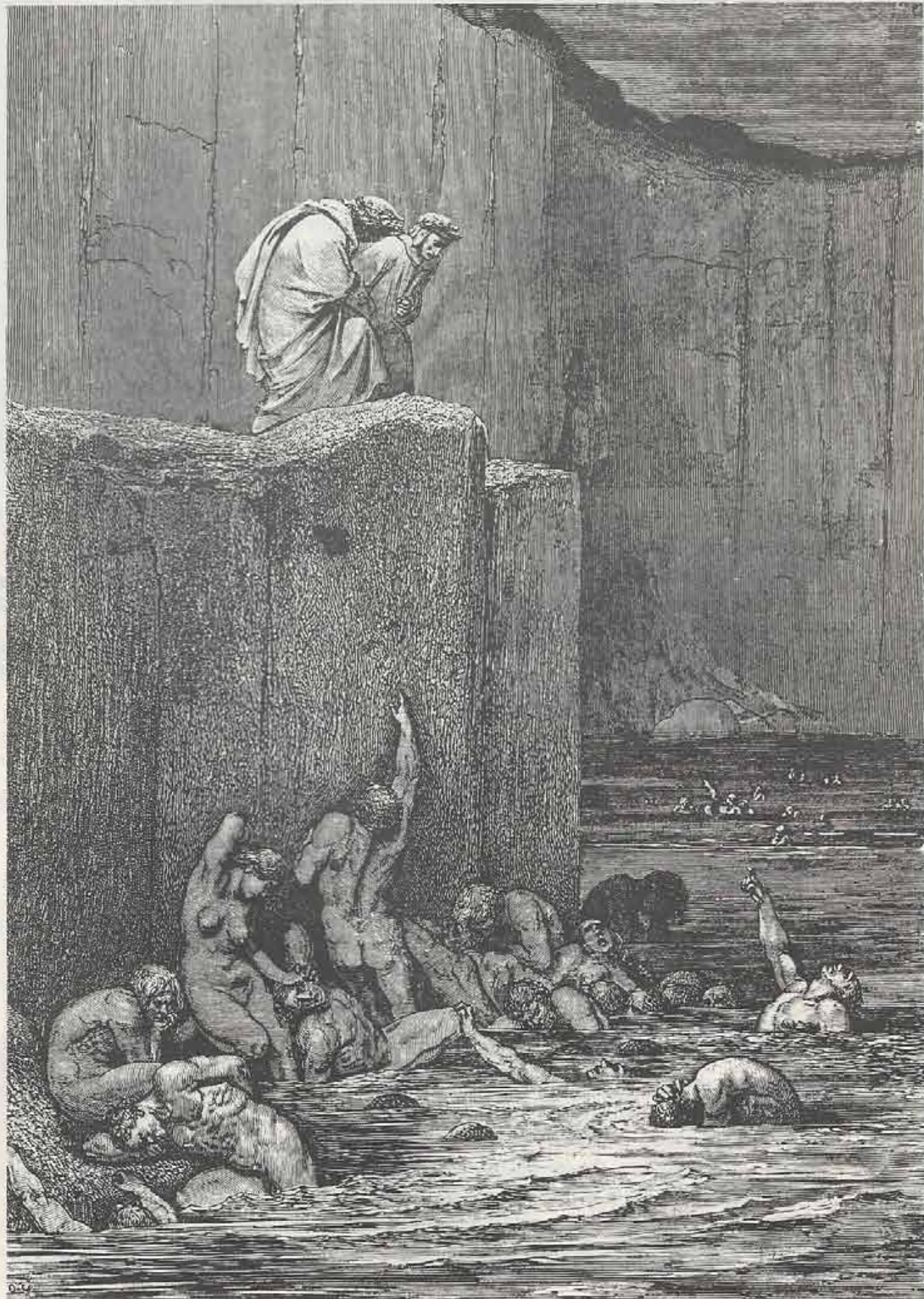
- Pettazzoni; *Saggi di Storia delle Religioni e di Mitologia*, Roma, 1946 e *Miti e Leggende*, vol. I. Torino, 1948.
- Le Roy, Mgr. A.; *La Religion des primitifs*, 7^a ed. Paris, 1925.
- Trilles, H.; *Les Pygmées de la Forêt Équatoriale*, Paris, 1932 e *L'âme du Pygmée d'Afrique*, Paris, 1945.
- Dixon, Rolland B.; *Oceanic Mythology*, Boston, 1916.
- Eliade, Mircea; *Le Chamanisme*, Payot, Paris, 1970.
- Gimpera, P. Bosch; *Les Indo-Européens: Problèmes Archéologiques*, Payot, Paris, 1961.
- Keith, A.B.; *The Religion and Philosophy of the Veda and Upanishad*, 2 vols., Harvard Oriental Series Cambridge Mass., 1925.
- Cook, A.B.; *Zeus, a Study in Ancient Religion*, 3 vols. Cambridge, 1940.
- Dumézil, G.; *Mythes et Dieux des Germains*, 2^a ed. Paris, 1959.
- Auran, Ch.; *La Préhistoire du Christianisme*, vol. I, Paris, 1940.
- Grabar; *Le Thème Religieux des Fresques de la Synagogue de Doura*, Rev. Hist. Rel. 1941, n° 363.

DANTE

E A DIVINA COMÉDIA

Uma explicação da DIVINA COMÉDIA diz que esta seria uma viagem de Dante a seu próprio eu.

Desde que se evitem exageros psicanalíticos, esta é uma abordagem interessante, segundo a qual Dante viveu o Inferno do "terrível" eu, saindo para um Purgatório "purificador" e chegando finalmente à sua própria pessoa, que seria o Paraíso, a "tranquilidade" consigo mesmo.



Nosso tema é uma introdução à filosofia medieval e à figura de Dante em seu contexto.

Dizê-lo um homem da Idade Média talvez expresse tudo; porém, é necessário darmos ao medievo seu verdadeiro conteúdo, tendo cuidado para não imaginá-lo como uma época absolutamente acabada ou atribuir ao homem medieval uma concepção estática do universo, que foi substituída por Galileu – do século XVI para o XVII – pela idéia de que a terra se move.

A observação dos autores medievais mostra exatamente o contrário: a filosofia da Idade Média é uma filosofia de transição, coisa que tem escapado à compreensão daqueles que não vêem a flexibilidade de pensamento dessa época tão longínqua e tão diferente daquilo que conhecemos.

O fato de ser ela uma fase de transição escapa a seus detratores e também a seus admiradores; há estudiosos que a glorificam como a época da mais singular perfeição atingida pela humanidade. Esta visão, própria do Romantismo, também não corresponde à realidade; a Idade Média não é uma época de conto de fadas, mas sim um período duríssimo, de lutas e choques, em que está sendo forjado o mundo moderno.

Não se trata de uma era de trevas, nem de luz extraordinária, mas de luz e sombra, como todas as outras; nela ocorre a transição entre o mundo antigo, que desaparece gradualmente, e o mundo moderno, que inicia sua gestação.

A peculiaridade de Dante está em ser a figura-chave dessa transição, desse movimento dos gonzos do tempo e da história humana, final de uma época do pensamento e primeiro germe de outra.

É um autor originalíssimo, muito pouco compreendido em sua época, tanto pelos chamados inovadores – já que representava algo que estava desaparecendo – como pelos tradicionalistas, por significar uma novidade que ultrapassava o imediato.

É importante que se localize o momento da Idade Média em que viveu Dante e qual foi sua contribuição.

Entre nós, Dante é conhecido principalmente pelo poema filosófico *A Divina Comédia*, muito se tendo escrito e interpretado acerca de seu significado.

Ensinava-se nas escolas que a Idade Média produziu dois grandes gênios: São Tomás de Aquino, na filosofia, e Dante, na poesia. Assim se encerrava o papel deste último, considerado como uma espécie de *pendant* de São Tomás de Aquino, uma equivalência, no campo da poesia, do que aquele filósofo realizou na *Suma Teológica*. Dizia-se mesmo, de seu notável poema, que era uma *Suma Teológica* em versos.

Realmente, há alguma verdade nessa afirmação; Dante é fiel ao pensamento escolástico, tomista; contudo, ele não é apenas isso e nem, tão somente, poeta.

Como diz René Guénon em seu livro *Esoterismo de Dante*, ele se vale da poesia e da linguagem simbólica para dizer o que não seria certo se fosse dito de forma lapidar, em prosa. Através da poesia, transmitiu grandes verdades que gostaria que sua geração compreendesse.

De fato, há inúmeras leituras possíveis da *Divina Comédia*. Podemos lê-la, principalmente, como poema religioso, como exaltação mística do aprendizado no catecismo. Há quem veja em Dante o precursor do mundo moderno, do Estado independente da igreja, visão política compatível com a obra do poeta.

Portanto, cada leitor verá o que lhe aprouver – curiosamente, sem ofender a verossimilhança. Com efeito, não é preciso forçar para descobrirmos nele o antecedente do Estado moderno, do pensamento liberal, da Revolução Francesa ou de Napoleão. O precursor do mundo ocidental, pode-se dizer.

Nossa sensação de familiaridade à sua literatura provém de que seus ensinamentos encontram correspondência na cultura ocidental de uma tal forma que até hoje defendemos idéias de Dante, ignorando ter sido ele o primeiro a lançá-las. De fato, o plano da autoria das idéias é muito curioso: com o passar dos anos, perde-se a autoria verdadeira, e a distância temporal precipita o autor no ignoto, no desconhecido, não se lhe atribuindo mais a criação de coisa alguma; ou deturpando-se, retirando-se as idéias de seu contexto primitivo.

Porém, lendo Dante no original ou tradução fiel, encontramos a maior parte das idéias que imaginamos terem nascido após a Segunda Guerra Mundial, mas que principiaram no século XIII. Extraordinário como é, o pensamento de Dante antecipa não em cem, mas em mil anos, nossa geração. Conhece todos os problemas da época presente, o que lhe confere perenidade e atualidade singular.

FILOSOFIA MEDIEVAL: FÉ E RAZÃO

Nesta altura, já poderíamos abordar a Filosofia Medieval, que é o resultado do esforço de pensadores cristãos no sentido de dotar sua religião – que se constitua, fundamentalmente, até então, de puro sentimento – de uma lógica e racionalidade capazes de ombrear com a Lógica e com a Filosofia grega e romana.

Como se sabe, o Cristianismo foi conduzido para a Grécia e para Roma – centros da Civilização Ocidental – não por filósofos, mas por pensadores, que conquistaram as multidões não por defender grandes sistemas filosóficos, mas por falar a simples linguagem da verdade.

E o Ocidente se tornou cristão.

O ser humano, embora possa se deixar guiar pelo sentimento, necessita que a razão o explique. Nesse aspecto, faltava ao cristianismo um arcabouço doutrinário racional que lhe legitimasse a filosofia; este foi um trabalho de pensadores gregos, latinos e, posteriormente, de outros povos que se foram cristianizando.

De imediato, colocou-se o problema: como buscar na razão humana fundamentos para uma fé sobrenatural? Não seria um desrespeito reduzir a Revelação divina ao silogismo de Aristóteles?

Para alguns autores, explicar racionalmente o Cristianismo seria diminuí-lo; prefeririam que se preservasse a condição de religião revelada, puro sentimento, considerando que o homem nada sabe ou pode vir a conhecer, a não ser por comunicação divina.

Os integrantes da elite intelectual estavam insatisfeitos com a não existência de uma filosofia cristã: construíram-na. Eram originários da filosofia grega, como o platônico Santo Agostinho, que, ao converter-se, conduziu para o Cristianismo a profunda riqueza da filosofia platônica, à qual recorreu como fonte de explicação e base racional.

O mesmo ocorre depois, com outros filósofos orientais e ocidentais.

Na época de Dante, a filosofia já está suficientemente elaborada, com o nome de Escolástica, nela pontificando valores como o franciscano São Boaventura e o dominicano São Tomás de Aquino, na Sorbonne francesa, centro cultural de então, ministrando aulas de Filosofia, Lógica e Metalísica.

Predominava a filosofia de Aristóteles que, através da Escolástica, transformara-se na "filosofia por excelência", explicando o Cristianismo, que seria a "religião por excelência".

A filosofia medieval procura dar um cunho de unidade absoluta ao conhecimento humano, o que se demonstra em São Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*. Seu livro é um resumo da totalidade, a nível não de detalhe, mas de princípio, defendendo que tudo deve reverter ao ponto primordial, que é Deus. Um quadro, por exemplo, deve ser pintado com Deus por última referência. Ou seja, a arte deve ter relação com a natureza; a natureza com a moral; a moral com a fé; a fé com Deus.

A idéia de direito natural é típica da Escolástica; somente lhe é superior a mente divina, *Lex Aeterna*. Abaixo está o direito feito pelos homens, direito positivo, *Lex Humana vel Positiva*.

Quanto à política ordenada por esse sistema, só se compreendia enquanto cristã e, mais do que cristã, católica.

Tal concepção dava à filosofia medieval uma unidade notável, evidenciada, inclusive, na arquitetura gótica, cujos arbotantes parecem precipitar-se para atingir a fecha que aponta para o céu.

Já se disse que a arte gótica é a Escolástica transformada em pedra. É verdade. Não seria possível, para uma época que construiu as catedrais de Chartres e Reims, elaborar uma filosofia que não fosse poderosamente unitária, exatamente como a Escolástica. Porém, como em tudo

que é humano, havia uma grande desvantagem: no interior da própria escolástica já se travava uma discussão sobre o fato de saber se Deus era o centro de tudo. Isto daria à Igreja, enquanto instituição, o poder de interferir na política, na economia, nas artes, etc.

Grandes sumidades confirmaram o direito dessa interferência política, por ser o papa o vigário de Cristo na terra. E à Igreja, instituição divina, continuação e Corpo Místico de Cristo, compete o dever — não apenas o direito — de interferir na política que deve ser cristã, como também lhe compete controlar a arte, para que não se desencaminhe.

Outros autores discordavam profundamente desse ponto de vista, argumentando que, embora tais afirmações fossem verdadeiras, vivemos no mundo. Nossa alma habita o corpo e este a aprisiona e dirige; ela repousa e desperta quando ele repousa e desperta. Portanto, tudo, inclusive o poder espiritual, deve subordinar-se à realidade terrena, que é o poder político.

Esse debate, que se iniciou nas universidades, transferiu-se para os campos de batalha, digladiando-se adeptos da supremacia do papa e aqueles que aderiam à autoridade do rei.

A situação acirrou-se de modo mais terrível na Itália de Dante, em que o papa não era apenas uma potência espiritual, teórica. Na França, não haveria dúvida para aceitar-se, em princípio, o poder teórico papal. Este estava bastante distante. A grande realidade local era o poder do rei e dos feudos.

DANTE NA ITÁLIA DO SÉCULO XIII: GUELFOS E GIBELINOS

Quanto à Itália, sentiu na própria carne o poder direto e temporal do papa, porque ele estava lá, presente, em Roma e nos Estados da Igreja.

Embora pessoas discordassem, achando que a Itália deveria ser governada pelo poder temporal, este não tinha condição de enfrentar o poder papal, com seus canhões, tropas, castelos, etc.

É quando se vai buscar a antiga teoria do Império Romano Germânico: Frederico II, um Hohenstaufen, rei da Alemanha, é um descendente legítimo de Carlos Magno, isto é, do último imperador romano, cabendo-lhe poder total sobre a Itália e adjacências. Os próprios Estados da Igreja existiam como concessão do próprio Carlos Magno ao papa.

Acreditando-se descendente de imperadores, Frederico II mudou-se para o Sul da Itália, fundando uma universidade para restaurar a cultura romana. Corria uma lenda de que esse rei tão só morreria quando o Império Romano estivesse restaurado.

Houve um choque de forças poderosas, entre os Guelfos, adeptos do poder papal, e os Gibelinos, adeptos do imperador.

As cidades italianas, todas elas pequenas repúblicas das dimensões de um bairro, tomaram partido, gerando uma desunião que perdurou até 1870 e cujas conseqüências se fazem sentir ainda hoje. As rivalidades locais eram tais que bastava que Siena se declarasse gibelina para que Florença se declarasse guelfa, enquanto Milão, por oposição à última, se proclamava gibelina, e assim por diante...

Vivendo de 1265 a 1321, Dante assistiu a tudo isto, presenciando as lutas entre as duas facções nas ruas, ora sendo hasteada a bandeira branca e dourada do papa, ora a bandeira azul do imperador, enquanto a população ia sendo dizimada. Ao passo que os partidários escapavam ilesos, eram mortos pelos guelfos os fazendeiros que apoiavam os gibelinos, que distribuíam as terras dos derrotados entre os vitoriosos. E vice-versa.

Foi esta a Florença que Dante viu.

A família Alighieri, por tradição, era guelfa, partidária do papa. A biografia do poeta mostra como, mesmo educado dentro dessa orientação, não aceitava o que se fazia em nome dela, em sua própria família. Auxiliou-o nessa independência espiritual, o contato com a poesia que se fazia em Provença, a poesia provençal, trovadoresca.

A propósito, não foi ainda suficientemente valorizada, na história europeia, a importância do sul, de onde veio, por exemplo, esta poesia dos trovadores, dentre os quais destacamos São Francisco de Assis, que levou às últimas conseqüên-

cias o espírito trovadoresco. A propósito, seu nome verdadeiro era Pedro; "Francisco" foi uma homenagem prestada à França por sua mãe, porque o filho falava muito bem o "francês de Provença" (*langue d'oc*).

Em Portugal, a poesia trovadoresca deu as famosas "cantigas de amor" e "cantigas de amigos".

Dante começou a frequentar um grupo de trovadores, os "Fiéis do Amor" – *Fedeli d'Amore* – espécie de ramo italiano e florentino do trovadorismo provençal. Como confessa em seu livro *O Convívio*, através deste contato com artistas ele perde a rigidez dos teóricos e filósofos, tornando-se um homem compreensivo, sensível às nuances das coisas.

De fato, os artistas têm o dom de captar o que não é rígido, aquilo que flui e é mais real, por assim dizer; enquanto o estudioso de filosofia tem uma certa tendência a viver em sistemas ideológicos mais ou menos fechados e doutrinariamente coerentes, às vezes, sem perceber a realidade que está à sua frente.

O convívio de Dante com os trovadores – muito importante para a evolução de seu pensamento – provocou inicialmente nele uma revolução interna e, depois, uma espécie de revolução externa.

Quanto à revolução interna (aquela que tem origem no sentimento, sendo depois racionalizada, o que não nega, mas reforça o sentimento), Dante integrou-se aos guelfos brancos, facção não muito benquista pela Igreja, que propunha a coexistência do papa com o imperador.

Provavelmente por serem poetas *Fedeli D'Amore*, percebiam mais o aspecto simples que o aspecto complicado do Cristianismo e se horrorizavam com o que, em nome dele, acontecia no país. Desejavam da Igreja o que podemos chamar de autocrítica, para que se verificasse se alguém vestindo cota de armas, portando espada e lança, mandando invadir cidades, matando pessoas, poderia representar, na Terra, o Cristo que "não tinha onde repousar a cabeça"...

Começou a germinar em Dante a idéia de que estava errada a visão da Igreja como o sol em torno do qual tudo se move. "Não, dizia, deve haver dois sóis: enquanto a Igreja é aquele que ilumina o espírito, o Império é outro sol, que ilumina o corpo. Assim como

deve haver uma autoridade unificadora da ordem espiritual, que é o papa, deve haver outra que unifique o mundo: o Império, o imperador."

É fácil perceber que Dante está produzindo uma ruptura no mundo medieval; este não admitia um poder imperial que não fosse subordinado ao supremo poder do papa. Ao admitir dois poderes paralelos, altera toda a cosmovisão da Idade Média.

Tudo indica que perceberam isto, porque o poeta foi imediatamente exilado de Florença, fato que se repetiu com frequência em sua vida. Quando era substituída a facção que estava no poder, chamavam-no de volta; ao voltar, insistia em seus pontos de vista, reforçados por novos aspectos que estudara durante o exílio.

Pois bem: exilado em Mântua, Dante lembrou-se do mantuano Virgílio, começando a ler-lhe as obras e percebendo não se tratar somente de um poeta, mas de um filósofo, em quem encontrou as grandes provas de seus argumentos.

Viu que, embora Virgílio nunca houvesse conhecido o Cristianismo, seus poemas poderiam ter sido subscritos por qualquer cristão; o autor da *Eneida* acreditava na beleza, na bondade, na simplicidade. A história de Enéias está repleta de exemplos glorificadores do ser humano, é **humanismo e cristianismo**.

Dante voltou "pior", isto é, mais convicto, para Florença, argumentando não estar isolado em seus pontos de vista: Virgílio o antecederia.

Na Idade Média, Virgílio sempre foi considerado um autor importante, que vaticinara, em plena época de Augusto: *Novus orbis nascitur ordo*, ou seja, "Uma nova ordem de coisas está para acontecer". Essa ocorrência seria o nascimento de Cristo.

Na época de Dante, Virgílio era conhecido não pela leitura de suas obras, mas pela autoridade dessa frase que profetizava uma nova ordem. Como se vê, esse problema de reduzir-se um autor a pequenas frases é antigo, não se restringe apenas à atual cultura de massas.

Dante se revolta contra a "cultura de massas" de seu tempo. Era preciso ler Virgílio! Como é que ninguém conhecia as *Églogas* e dizia-se que Virgílio era lido?!



Dante discutia esses temas, principalmente com Brunetto Donati, férreo defensor do guelfismo e irmão de Gemma Donati, com quem Dante se casaria. Brunetto, temendo pela saúde mental do futuro cunhado, tinha sérias dúvidas sobre a conveniência de conceder-lhe a irmã em casamento.

Esse matrimônio fora tratado entre as famílias de ambos, embora Dante estivesse apaixonado por Beatriz, "Beatrice", que alguns tomam por lenda mas que existiu realmente. Apaixonara-se ao vê-la passar um dia na rua; ela estava com quinze, ele com vinte anos. Por horas in-

teiras, esperava-a à saída da igreja, dizendo ter ganho o dia, ao vê-la.

A linda "Beatrice", "bem-aventurada", revestiu-se, na obra de Dante, de um simbolismo muito bem elaborado.

A TENTACÃO DO EPICURISMO: DESCIDA AO INFERNO

Nas gravuras que se conservam, Dante parece um homem taciturno, triste; sensibilibíssimo, nunca pôde realizar o maior anelo de sua vida: viver ao lado de Beatriz, cuja família já contratara seu casamento.

Revoltado porque Beatriz casou-se com outro, enquanto ele mesmo desposava uma mulher de que não gostava, Dante começou a ser influenciado pelo epicurismo através de um amigo, Guido Cavalcanti, que lhe dizia que, como afirmava Epicuro, as moléculas se reúnem sem que saibamos como; o mundo não tem lógica, é um caos.

Dante dedica-se, então, a ler Lucrecio, poeta epicurista, e esta filosofia conquistou-o pelo seu aspecto poético. Tornando-se epicurista, distanciou-se da mulher, dos filhos, integrando-se a grupos libertinos. Insatisfeito, compôs as *Canzones*, que retrataram as emoções que estava experimentando, emoções estas de profunda amargura, e que revelam também a grande transformação interior pela qual passava o autor.

Uma explicação da *Divina Comédia* diz que esta seria uma viagem de Dante a seu próprio eu. Desde que se evitem exageros psicanalíticos, esta é uma abordagem interessante, segundo a qual Dante viveu o Inferno do "terrível" eu, saindo para um purgatório "purificador" e chegando finalmente à sua própria pessoa, que seria o Paraíso, a "tranquilidade" consigo mesmo.

A história narra apenas que, na Semana Santa de 1300, Dante se viu numa selva escura, numa floresta sem saída;

andando por ela, começa a descrever o que vai vendo:

Nel mezzo del cammin di nostra vita

Mi ritrovai per una selva oscura

"No meio do caminho da minha vida

Eu me encontrei numa selva escura"...

Porque o poeta tem exatamente trinta e cinco anos de idade, período que é considerado por seus estudiosos como a idade média de sua vida, por ele escolhida para simbolizar o meio do caminho, quando ainda não se é velho, nem se é mais jovem; é o período da maturidade.

Nessa selva muito densa, encontra repentinamente três animais que o ameaçam: uma loba, uma pantera e um leão. Não sabe que caminho tomar, quando aparece alguém que, pelos louros que traz sobre o cabelo, identifica como o grande Virgílio, que lhe diz ter vindo para livrá-lo daquela encruzilhada. Para isso, era mister subir a um monte, o Monte Selvático, "Mont Salvage", que se eleva até as nuvens. Nesta passagem estão muito presentes o trovadorismo provençal e o catarismo.

Virgílio explica que para se subir é preciso dar-se a volta subterrânea e tomar-se o outro lado; Dante, então, o acompanha entrando com ele pelo centro da terra, a fim de não cair como tantos caíam. Dante contempla as pessoas que tentam a escalada e estão tombando da montanha. Virgílio o conduz detendo as feras com um gesto. "Meu chefe, *Duca mio*, - pergunta Dante - quem enviou estas feras para me devorar?" Virgílio revela: a loba é a avareza e a cobiça; o leão, a soberba e o orgulho, e a pantera, a sensualidade.

Dante estava se confrontando com a representação de três defeitos que cultivava: a sensualidade de uma vida desregulada, abandonando a própria família; a avareza e a cobiça de um homem dotado de educação e gênio, voltado unicamente para seus próprios interesses, ignorando a miséria que andava à solta em sua terra; o leão, o orgulho que sempre teve.

Há aqui duas leituras possíveis: numa segunda abordagem, a loba significa a Igreja, cabeça e ambição do poder, e a avareza sacerdotal, típica dos que não seguem a caridade de Cristo, cuja túnica envergam. O leão soberbo é a França, país cujo signo astrológico é justamente o Leão, e onde seu rei, Felipe, o Belo, pre-

tendia invadir a Itália. A pantera representava a sensualidade típica da Itália daquela época, cuja devassidão descontrolada pode explicar as lutas partidárias, mesclando-se a sede de prazer com a cobiça de ouro e prata para comprar aquele...

Virgílio o encaminha para uma porta negra, a do inferno, onde se lê: "Deixai aqui toda a esperança, ó vós que entraís!"

Ao entrar, Dante observa que a estrada do inferno não é reta, plana, mas é como um precipício em forma de funil, em que as pessoas são devoradas por uma espécie de velocidade. Os vícios menores são castigados nas esferas superiores; à medida que crescem em maldade, encaminham-se para baixo, onde estão os dois crimes piores: o de Judas, que traiu Cristo, e o de Brutus, traidor de César. Observe-se a fidelidade de Dante a seu pensamento, quando toma o imperador como pólo político e o papa, como pólo espiritual. Para o poeta, o maior crime é o da traição; traição contra quem? A pior delas fora cometida contra o próprio Cristo, razão pela qual coloca Judas no fundo do inferno. Nessas profundezas coloca também Brutus, que ergueu a mão para apunhalar César, eliminando o imperador - o que é muito simbólico.

Os círculos infernais e seus ocupantes denotam a grande penetração psicológica de Dante com referência às qualidades e defeitos humanos. Coloca sempre juntos, por exemplo, os pródigos e os avarentos, cujos defeitos são o inverso um do outro. Enquanto os pródigos espalham dinheiro a rodo, os avarentos o retêm. Colocando-os no mesmo círculo, o poeta faz com que a tortura dos avarentos seja presenciar os pródigos atirando moedas de ouro por toda a parte; os avarentos precipitam-se para recolhê-las, até que não falte nenhuma e sobem com elas, apenas para que os pródigos as lancem de novo ribanceira abaixo, obrigando-os a levá-las para cima outra vez. Quanto ao castigo dos pródigos, é não ter a satisfação de ver as moedas caindo ao chão; os avarentos lá estão, apanhando uma a uma, sem que sobre nada.

É impossível nos estendermos falando de todas as personagens do "inferno", mas não podemos deixar de mencionar algumas, que são muito interessantes.

Dante imagina, por exemplo, os suicidas transformados em árvores. Quando passa distraidamente, bate em um ramo: — “Por que me bates?”, pergunta a árvore. Ele vê que ali está um ser humano metamorfoseado. As ilustrações de Gustavo Doré, em fantásticas imagens, captam muito bem o espírito da obra de Dante, nesse e em todos os momentos.

Os suicidas transformados em árvores experimentam uma angústia correspondente ao crime que cometeram. Extirparam a vida humana e têm que continuar vivendo sob forma vegetal, para que avaliem o que significou o atentado cometido. Dante imagina que o maior sofrimento para alguém que não quer existir é continuar existindo e prosseguir a vida nessa forma intermediária, isto é, vegetal — nem como mineral inacessível, nem como animal.

Dante coloca no “Inferno” personagens que conheceu na vida real e também figuras da mitologia grega, que converte em demônios, como o minotauro, os centauros, as hárpias. Porém, a predominância é de personagens históricas. Numa edição bem comentada da *Divina Comédia* aprende-se história de maneira muito pitoresca. Encontramos reis, príncipes, bispos, papas, o que causou grande escândalo quando da publicação. Lá estava, no Inferno, o papa Clemente V, que condenou os templários como hereges, possibilitando sua destruição. Muito se falou a respeito, insinuando-se que o próprio Dante seria um adepto daquela Ordem, coisa que jamais se saberá ao certo. O que sabemos é que teve o bom-senso de reconhecer que foi um absurdo o que fizeram aos templários.

Como se sabe, esta era uma ordem monástico-militar, de cavaleiros do Templo de Jerusalém, que tinha por finalidade dar assistência aos peregrinos que iam à Terra Santa, logo depois da libertação daquela cidade.

Os templários levavam vida monástica, faziam voto de pobreza, não podiam ter bens; porém, a Ordem era muito rica: cada pessoa abastada, ao ingressar, oferecia um dote e renunciava a tudo. Portanto, a Ordem tornou-se dona de castelos, de um tesouro incalculável, empregado na defesa de muitas cidades do Oriente. Não havia desperdício de bens,

os monges tinham uma vida extremamente dura.

Quando Felipe, o Belo, da França, quis dinheiro para suas lutas, para invadir a Itália e a Inglaterra, viu que seria possível consegui-lo se entrasse no tesouro dos templários. Tentou fazer de seu filho, grão-mestre da Ordem, ou seja, a “chave-mestra” para a abertura do tesouro. Os templários recusaram incisivamente; o rei vingou-se: através de seus sicários, torturou muitos monges-cavaleiros, forçando a confissão de crimes horríveis e de heresias.

Felipe, o Belo, tinha no papa Clemente V um cordato servidor, que lhe acatava as ordens. O rei francês esbofeteara seu antecessor Bonifácio VIII — quando este estava aproximadamente com oitenta anos! — que não concordava com mudanças pretendidas pelo monarca nos impostos do clero (como se vê, uma questão bem pouco espiritual). Bonifácio VIII excomungou-o, mas veio a falecer de desgosto; os desgostos dos papas encheriam um livro de histórias.

Clemente V, o novo papa, subserviente ao rei, convocou o tribunal da Santa Inquisição para uma devassa na Ordem dos Templários, que foram imediatamente presos e condenados ao suplício; eram milhares, espalhados em vários priorados por toda a Europa, à semelhança de uma ordem religiosa internacional.

Se Dante, que simpatizava com os templários, colocou Clemente V no Inferno, não fez o mesmo com Felipe, o Belo; de acordo com a sua idéia de além, não decorreria tempo suficiente para que o rei fosse julgado.

Se Felipe, o Belo, escapou, Dante colocou no Purgatório o primeiro tronco da casa real de Bourbon, da qual aquele monarca descendia: Hugo Capeto, que condenava as ações de seu sucessor e sua impunidade, dizendo ser necessário vingar o sangue inocente derramado.

Havia dois amantes cuja história era muito conhecida na época: Paolo e Francesca. Paolo fora professor de gramática e Francesca, sua aluna, uma jovem que gostava de poesia. Juntos, haviam começado a ler a história de Tristão e Isolda, acabando por revivê-la. O marido de Francesca matou-os, sendo absolvido pelos tribunais como um homem dotado de *senso di onore* (senso de honra).

Dante, comiserando-se dos dois amantes, coloca-os no Inferno, não em situação grotesca, mas, com simpatia, põe-nos juntos num tufão, num vendaval em que estão os voluptuosos. Permanecem ali, abraçados, eternamente e, ao passar por Dante, narram-lhe sua história. Apiedado, o poeta pergunta a Virgílio se é possível retirá-los daquela *bufera*. Sapiientemente, responde-lhe o autor da *Eneida*: — “Diz isso a eles...” Paolo e Francesca respondem que não querem



sair dali, não querem separar-se. É seu lugar, pela eternidade: escolheram e assumem a escolha.

É linda essa atitude e Dante como que homenageia o par amoroso, destacando a honestidade da escolha, mesmo colocando-os no Inferno.

SUBIDA AO PARAÍSO PELAS MÃOS DE BEATRIZ E SÃO BERNARDO

Depois da longa viagem infernal, o poeta chega ao Purgatório, onde encontra antigos filósofos que muito admirava, impedidos de entrar no Paraíso por não serem cristãos, como é o caso de Platão e Aristóteles. Encontra também Hipócrates, o médico sábio, e o grande senador romano Catão, além de várias personagens da Alta Idade Média, como Hugo de Bourbon, já mencionado, a criticar Felipe, o Belo.

Um aspecto interessante é que, enquanto o Inferno é dividido em círculos, o Purgatório é uma montanha, que configura bem a idéia de esperança: quanto mais se ascende, mais se espera chegar ao

cume. É a melhor imagem possível, a mais exata, para o Purgatório, local de onde se vai sair, expectativa que eleva os que ali estão. É um estado de espírito completamente diferente daquele provocado pelo Inferno, em que a situação é eterna, enquanto o Purgatório sugere trânsito, mudança e, em consequência, esperança.

Neste novo ambiente os versos se tornam mais tranquilos e as palavras, menos pesadas; as personagens habitualmente invectivavam antes as pessoas que permanecem sobre a Terra do que a si mesmas, parecendo aceitar com resignação esta passagem transitória, já que é difícil ao ser humano ser absolutamente puro.

Subindo a montanha, Dante chega ao Paraíso — lido por poucos, é pena. Nossa época parece ter predileção por iniciar a leitura da *Divina Comédia* pelo *Inferno*, o que não é necessário; seria como principiar a leitura da Bíblia pelo Gênesis; não é preciso. Pode-se principiar a *Divina Comédia* pelo *Paraíso*, o que não quebra a unidade do poema. Virgílio deixa Dante aos cuidados de Beatriz, o antigo amor de Dante, já falecida nessa época.

Dante imagina o Paraíso como uma sucessão de céus.

O primeiro deles é o céu da Lua, que chama de "planeta" mais próximo da Terra; o segundo é o céu de Mercúrio; o terceiro, o de Vênus; o quarto, o do Sol;

depois, vêm os de Marte, Júpiter, Saturno, Urano. Plutão não era conhecido.

É interessante que Dante foi rigorosamente fiel tanto à Astronomia — no que se refere à disposição dos planetas em relação à Terra — quanto à Astrologia, colocando, por exemplo, no céu da Lua, que muda tantas vezes, as pessoas volúveis, que vacilaram durante a vida; tendo feito o bem, não poderiam ir para o inferno, e passaram pelo purgatório, mas portaram-se com indecisão; por isso, ele as coloca neste primeiro céu.

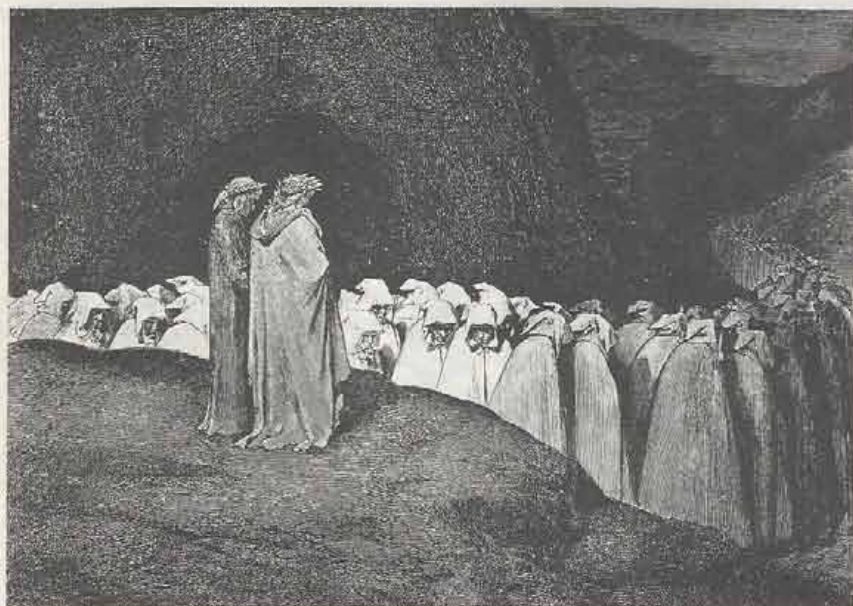
No céu de Mercúrio coloca aqueles que muito trabalharam, pois este é o planeta da revolução mais rápida e, na mitologia, era o deus que estabelecia a comunicação entre todo o universo.

Acima deste está o céu de Vênus, que Dante atinge, em sua ascensão rumo ao Empíreo; aqui estão os que muito amaram e este é o palco de um dos mais belos episódios, o encontro do autor com São Francisco, que abençoa tudo o que fez na Terra, por lhe ter proporcionado tão grande prêmio. Os versos têm tal musicalidade e rimas tão belas que mais parecem um cântico. Este céu, que significa a perfeita realização do ser humano, é ambiente completamente diverso, de sorriso e alegria contínua, de um resplendor muito bem captado pelo desenho de Gustave Doré. É por isso que seu guia agora é Beatriz, a bem-aventurada (Beatrice).

A seguir está o céu de Marte, que confirma a adequação exata entre planeta — aliás, o planeta vermelho — e mitologia.

Dante fica estupefato: aqui estão os guerreiros, os que praticavam a violência. Amigo da paz, indaga como é possível que guerreiros estejam no céu e não no inferno. É quando aparece Beatriz, para explicar que nem toda luta é injusta, há aquelas que são necessárias, travadas em defesa do bem. A guerra que acaba com as tiranias, que liberta, não é a mesma que oprime. Dante elabora todo um tratado sobre a guerra justa, ao explicar a situação daqueles que chama de militantes do céu de Marte.

O sexto céu é o de Júpiter, em que estão os grandes governadores e juízes, os grandes magistrados. É onde encontra Justiniano, um espírito brilhante que esvoaça e que lhe responde, quando o poeta lhe pergunta quem é: — "Fui César, sou



Justiniano". A frase diz tudo: a função desempenhada pelo homem não é nada, desaparece com a morte; o que nunca desaparece, **nem na eternidade**, é a personalidade.

Justiniano, imperador de Bizâncio, mostra o que se orgulha de ter feito: o famoso *Corpus Juris Civilis*, que os estudantes de Direito conhecem como as primeiras codificações e consolidações do Direito Romano e que tanto influíram para modificar positivamente a idéia de justiça. É no céu de Júpiter que está Justiniano, o que nos recorda que Júpiter, rei dos deuses, governava o Olimpo. Tudo isso está relacionado.

A seguir, Dante chega ao céu de Saturno. As personagens da *Divina Comédia* saem de cena sem ruído: quando percebemos, já se foram, silenciosamente, sem despedida. Ao desaparecer Virgílio entra Beatriz, com absoluta naturalidade, precisamente como aquela que deveria conduzi-lo ao Paraíso, pois Virgílio, como pagão, nunca teria a compreensão total do que é o Paraíso cristão. Essa tarefa caberia a Beatriz, idealizada como mulher perfeita e, para alguns, símbolo da Sabedoria.

Beatriz vai lhe mostrando e explicando o céu, onde vão ter, finalmente, com São Bernardo, entre os grandes místicos e contemplativos.

São Bernardo foi o fundador da Ordem dos Templários e criador da Ordem de Cister, muito lutando para que a Igreja se espiritualizasse e o papa perdesse o poder temporal.

Escreveu um livro chamado *A Consideração*, que ofertou ao papa, dizendo: — "Considerai, Santo Padre, que sois o vigário de Cristo. Não podeis ter todo esse poder, toda essa riqueza." Foi uma das maiores invectivas que se fez contra o poder temporal dos papas, em plena Idade Média.

Dante coloca São Bernardo no céu dos místicos, ao lado de São Bento e de Joaquim de Flore. Este é outra personagem plena de significado, um abade calabrês que previa que a Igreja Católica medieval sofreria profunda transformação. Explicava que a humanidade vivera duas grandes épocas. À primeira, época do Pai, do Deus Vingador e Julgador, correspondia a Sinagoga dos Judeus.

Seguiu-se a era do Filho, do Sacramento, da Graça e da Igreja.

O amor pleno dar-se-ia na era do Espírito, posterior à do Filho; a esta, que é a 3ª fase da humanidade, corresponderia o ideal monástico.

Finalmente, com a fase do Espírito, vindoura, desapareceriam as instituições e os sacramentos, tornados desnecessários porque o Espírito Santo iluminaria diretamente, sem intermediários.

Por essas afirmações, Joaquim de Flore era considerado por muitos como herege ou alucinado. Na realidade, talvez estivesse prevendo grandes verdades.

Dante finaliza seu longo passeio pelo Paraíso com São Bernardo a mostrar-lhe os coros angélicos, de milhares de miríades de anjos luminosos, uns diferentes dos outros, em suas várias hierarquias. Bem fiel ao pensamento medieval e com uma beleza incalculável, não imaginava os anjos, arcanjos, principados, potestades, dominações, tronos, querubins, serafins, como figuras estáticas numa catedral, mas sim em movimento, formando rosas e cruzeiros. Cruzes e rosas. É um fantástico simbolismo!

Dante viu tudo isso no século XIII! É um dos criadores do pensamento rosacruz, que aborda em linguagem cifrada, colocando no Empíreo a Rosa e a Cruz, símbolos de Maria e do Cristo. Maria é a Rosa Mística e Cristo triunfou pela Cruz, que o destruiria e que se converteu, através do bem, em sua vitória.

Dante observava isto, enquanto os anjos, em seu volteio contínuo em meio à música celeste, o impelem até um grande centro luminoso, onde vê um triângulo; ali pára: a grandiosidade é excessiva e ele desperta do sonho. É de provocar lágrimas, sua constatação: — "Eu não posso ver Deus!"

Voltando a si, novamente posto naquela selva escura, não é mais esta que vê, mas as estrelas: — "Voltei a ver as estrelas..." Sim, pois, de acordo com nosso estado de espírito, vemos os espinhos dos arbustos, e não as estrelas. Agora, porém, regressara de sua grande viagem, não se sabendo ao certo se se trata realmente de uma viagem mística ou de uma viagem interna; tal mistério está contido nos refulgos íntimos da poesia de Dante, nunca revelados.

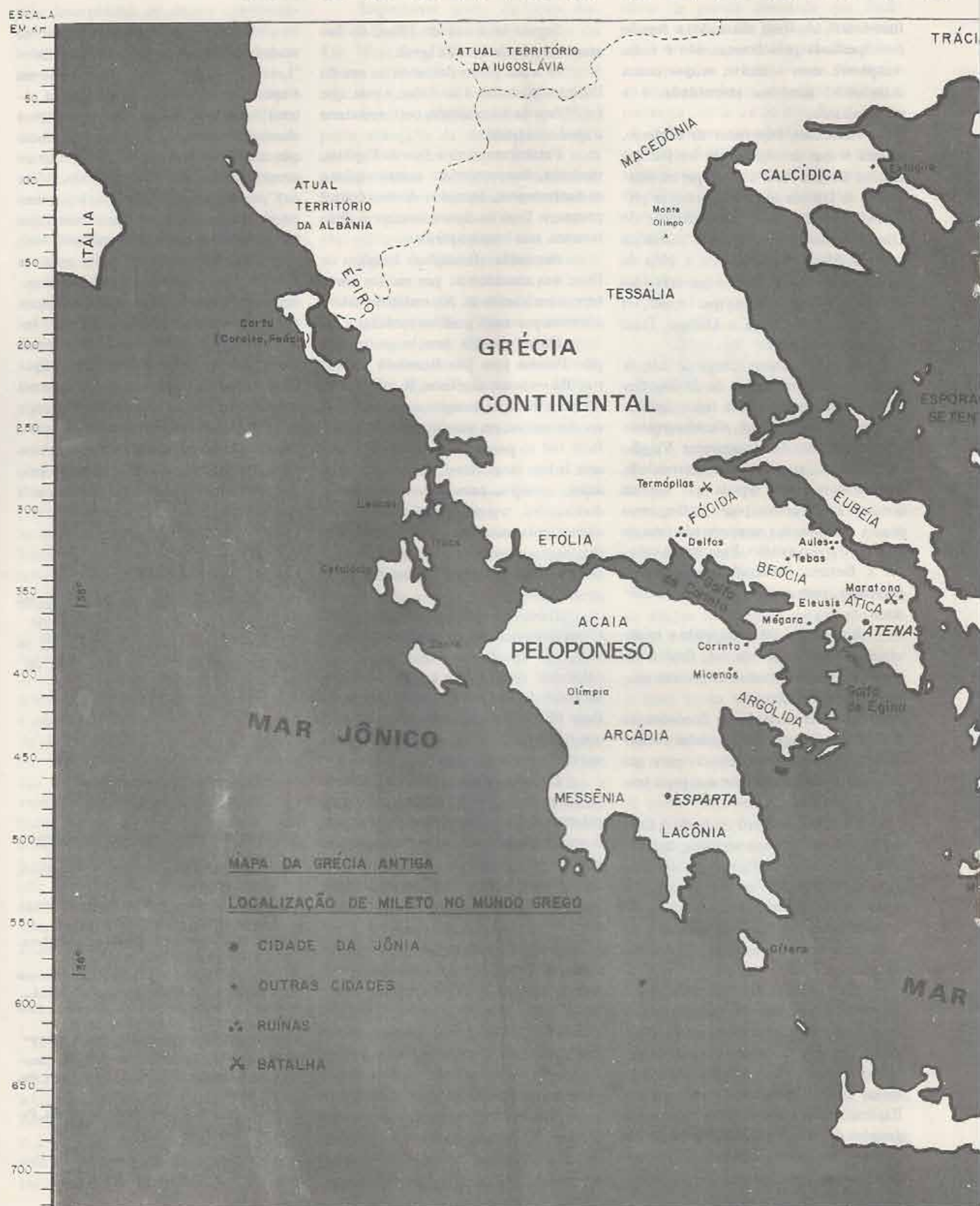
Várias vezes perguntado se na verdade havia ido ao além, respondia: — "Leia a *Comédia*". Não esclareceu se ela é apenas uma produção poética ou se retrata uma experiência que poderíamos chamar de extra-sensorial, ou seja, fatos que nossos avós do século XIX tinham como ridículos: — "Onde já se viu, inferno?", mas que hoje a parapsicologia considera estágios do ser humano, ainda que não conhecidos e olhados com muito mais respeito e, portanto, com muito mais sabedoria. Porque só é próprio dos enfatuados negar o que não entendem. Já Dante, em sua modéstia, chamou a trilogia "Inferno — Purgatório — Paraíso" de "*Comédia*" (ou drama no sentido clássico da palavra "comédia"), porque na verdade era uma síntese do drama humano. Segundo se sabe, foi seu biógrafo Boccaccio que a chamou "Divina" e assim ficou *Divina Comédia* pois "divina" ela não é só pelo transcendente conteúdo mas também pela grandeza da concepção.

Conferência proferida em 17 de maio de 1986 pelo prof. Dr. CLÁUDIO DE CICCIO — Livre-Docente em Filosofia do Direito pela USP, — no Auditório da Associação Palas Athena.

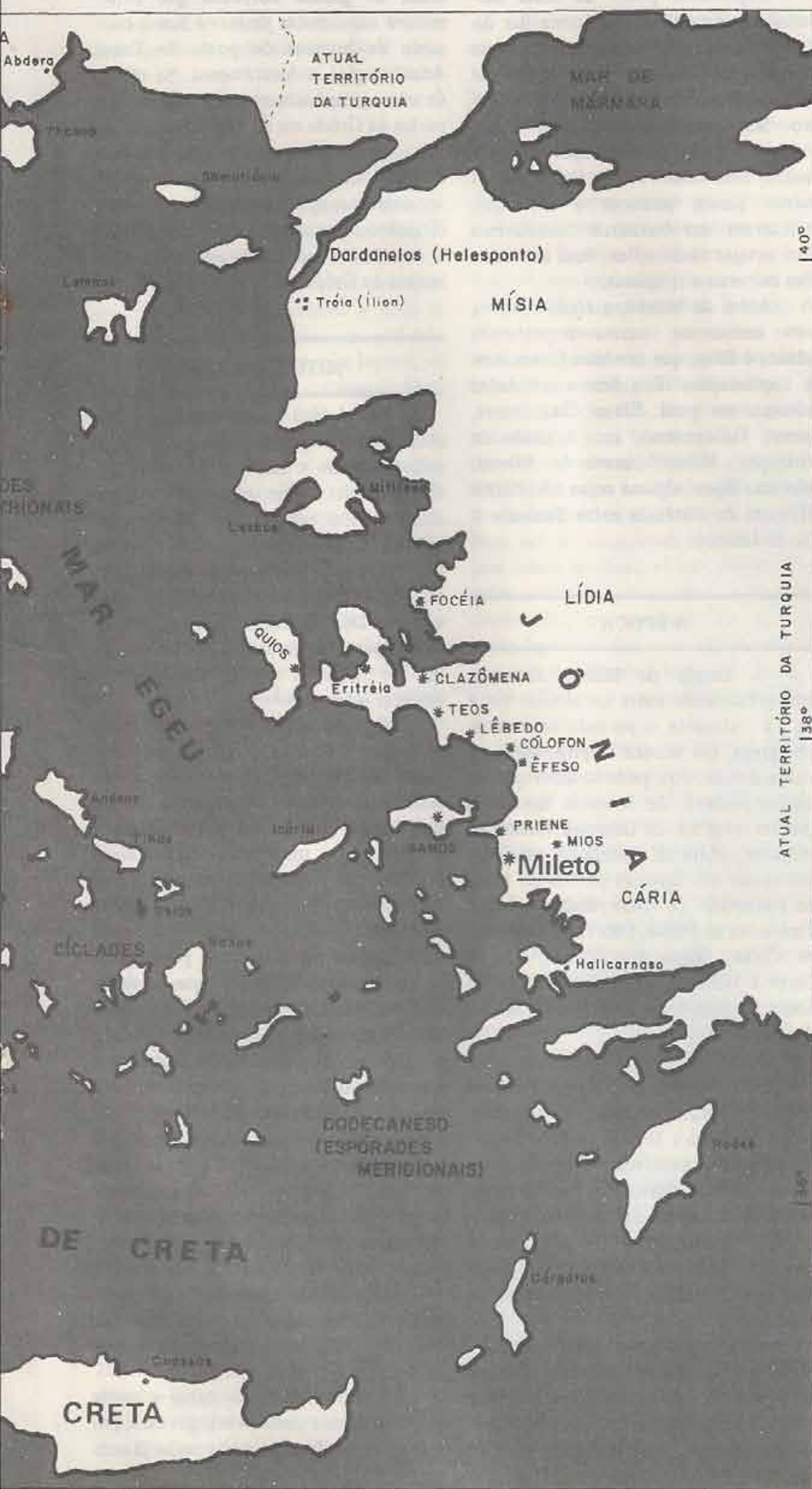
BIBLIOGRAFIA

- Alighieri, D., *Obras Completas*, Ed. das Américas, S. Paulo.
Passerini, G. L., *Dante et son Temps*, Ed. Payot, Paris, 1953.
Guénon, R., *O Esoterismo de Dante*, Ed. Vega, Lisboa, 1978.
Gilson, E., *Dante et la Philosophie Médiévale*, P.U.F., Paris, 1968.
Évola, J., *Le Mystère du Graal et l'Idée Impériale Ghibelline*, Ed. Naditionelles, Paris, 1974.
Velloso, T. de B., *Os Cátaros: Heresia ou Civilização Original*, in THOT, nº 30.
Cicco, C. De, *Os Templários*, in THOT, nº 23.
Leclercq, D. J., *Saint Bernard et l'Esprit Cistercien*, coll. Maîtres Spirituels, Ed. Seuil, Paris, 1966.
Labande, E., *L'Italie de la Renaissance*, Ed. Payot, Paris, 1954.

O COSMOS SEGUNDO



A ESCOLA DE MILETO



PRÓLOGO

A Escola de Mileto representa, sem dúvida, um dos pontos culminantes da história do pensamento humano. Seus representantes mais expressivos foram Tales, Anaximandro e Anáxímenes.

Muitos estudiosos vêem nas concepções dessa Escola a própria marca do nascimento do Ocidente e conseqüentemente da separação entre dois mundos: de um lado, o Oriente, fiel aos seus mitos; de outro lado, o Ocidente com seu pensamento racional. Paradoxalmente a cultura ocidental teria então nascido em uma cidade da Ásia Menor, portanto no Oriente.

Para melhor compreender as verdadeiras dimensões do papel desempenhado pelos milésios na formulação dos rumos da filosofia, é necessário situar suas idéias dentro do quadro geral do pensamento da Antigüidade.

As narrativas de feitos heróicos, da participação dos deuses no quotidiano dos homens, os ensinamentos morais e religiosos, transmitidos de aldeia em aldeia por figuras reais ou legendárias como Homero, destituídos que fossem de qualquer preocupação de coerência ou verossimilhança, constituíam assim mesmo um princípio de ordenamento de idéias, de unificação de mitos e conhecimentos.

A Teogonia de Hesíodo, com sua explicação mitológica sobre a origem do mundo a partir de antepassados divinos, já apresenta tendência de racionalização e quicá uma forma de personificação de poderes naturais através da figura de deuses. De qualquer modo, os deuses de Hesíodo não tinham uma conotação religiosa, não eram apresentados como seres que inspirassem, necessariamente, veneração e respeito.

Por outro lado, o elevado nível material e cultural de Mileto e, sobretudo, a viva consciência de que essa situação tinha sido alcançada pelo esforço, pela diligência, pela alta qualidade humana de seus habitantes e não

pelo beneplácito de deuses condescendentes, afastavam dos milésios qualquer sentimento de estarem em dívida para com os deuses.

Todas essas circunstâncias abriram o caminho para que surgisse em Mileto uma corrente de pensamento orientada no sentido de procurar uma explicação natural para as coisas naturais, independente dos deuses. Isso não impedia que se buscasse também encontrar em algum princípio imutável a origem última do universo.

Foi dentro desse contexto que surgiu a Escola de Mileto, com pensadores da estatura de Tales, Anaximandro e Anaxímenes. Tiveram atividade extensa e diversificada. Formularam hipóteses. Buscaram, acima de tudo, encontrar algo que fosse uno, permanente, eterno e se mantivesse inalterado dentro da contínua transformação das coisas que presenciamos em toda nossa vida. Buscavam a *arché*. Cada um dos três filósofos encontrou uma resposta, como veremos a seguir. Considera-se que a linha da Escola de Mileto não foi interrompida, culminando com as teorias atomistas de Leucipo e Demócrito.

Alguns estudiosos estabeleceram paralelismos, pontos de convergência entre os mitos e as concepções dos milésios: o rio Oceano das tradições homéricas e a substância primordial de Tales, a água; o Caos de Hesíodo e o *apeiron* de Anaximandro, etc. A diferença é que os milésios atribuíam a causas naturais e não a deuses antropomórficos — versão exacerbada de virtudes e defeitos humanos — a responsabilidade pela criação do mundo. Até que ponto se teria então uma diferença de fundo e não de forma, até que ponto a Escola de Mileto estaria realmente inovando — é uma questão que vem sendo levantada ultimamente.

A REGIÃO

Mileto foi durante muitos anos, até sua tomada pelos persas em 498 a.C., a mais importante cidade da Jônia, uma região povoada pelos gregos, entre o 2º e o 1º milênio, situada na península da Anatólia ou Ásia Menor e hoje incorporada ao território da Turquia.

Importante porto da costa ocidental da Anatólia, situado na foz do Rio Meandro, Mileto mantinha uma intensa atividade comercial e cultural com as principais cidades do Mediterrâneo. Sua proximidade com a Lídia, posto avançado da civilização mesopotâmica, bem como com a Pérsia e com outros países asiáticos e africanos, facilitavam um constante intercâmbio com antigas civilizações, ricas em tradições culturais e religiosas.

Além de Mileto, a Jônia contava com numerosas outras importantes cidades e ilhas, que também foram sede de inquietações filosóficas e atividades culturais em geral: Éfeso, Clazômenas, Samos, Halicarnasso, etc. A título de ilustração, Mileto distava de Atenas, pelo mar Egeu, alguma coisa não muito diferente da distância entre Santos e o Rio de Janeiro.

A ÉPOCA

A Escola de Mileto floresceu primordialmente entre os séculos VII e VI a.C., durante o período arcaico da arte grega. Em termos amplos, usando a escala dos séculos, pode-se dizer que foi contemporânea de homens ligados a grandes eventos de natureza filosófica, religiosa, cultural, política, etc., que ocorreram em diversos pontos do mundo conhecido de então: Buda na Índia, Zaratustra na Pérsia, Lao-Tse e Confúcio na China, Sólon em Atenas, Ciro e Dario I também na Pérsia, Nabucodonosor na Babilônia, Pitágoras na Magna Grécia, etc.

Nos séculos anteriores, dois grandes poetas tinham reunido em famosos textos os principais mitos do mundo grego: Homero e Hesíodo — não importa saber se Homero realmente existiu ou foi apenas uma figura lendária. Os mitos que contavam, há muito tempo incorporados às tradições do povo grego, tomaram uma forma definitiva e sistematizada e eram repetidos nas festas públicas.

Criar uma nova visão cosmogônica, que de algum modo contrariava tradições tão arraigadas, era portanto uma empresa gigantesca que dificilmente poderia ter sido realizada fora do

clima de grande liberdade que então reinava nas cidades jônicas e sem o concurso de homens do porte de Tales, Anaximandro e Anaxímenes. Na verdade não se conhecia esse clima em outras partes da Grécia ou do mundo.

As sementes plantadas pela Escola de Mileto frutificaram e nos dois séculos seguintes nos apresentaram figuras como Heráclito, Parmênides, Sócrates, Platão e Aristóteles em pleno esplendor intelectual da Grécia.

MITO E LOGOS

Não é fácil traçar uma linha divisória entre o pensamento mítico e o racional, entre o mito e o logos. Não é fácil definir o que seja mito. Alguns comparam o mito a uma fábula que contém um núcleo de verdade envolto em um manto de fantasia criado pelo tempo. Sua própria origem é controversa. Thomas Bulfinch, que viveu no século passado, compilou quatro teorias que os filósofos teriam sugerido para explicar o assunto.¹

A primeira teoria afirma que todas as lendas mitológicas gregas são derivadas das Sagradas Escrituras. Deucalião seria Noé, Hércules seria Sansão e assim por diante. Uma outra teoria considera o mito como uma narrativa de fundo histórico: as personagens míticas teriam sido criaturas humanas reais e as lendas narrariam apenas os seus feitos com embelezamentos e adições posteriores. A teoria alegórica supõe que os mitos dos antigos tenham um sentido alegórico e simbólico e contenham alguma verdade moral, religiosa ou filosófica e que, com o correr dos tempos, adquiriram um sentido literal. Por último, a teoria física julga que os elementos primordiais — a água, o mar, a terra, o fogo —, tenham sido originalmente objeto de adoração religiosa e que as principais divindades nada mais fossem que a personificação de poderes da Natureza. Bulfinch acredita que todas essas teorias encerram uma parte de verdade; essa proposição nos parece razoável.

A dificuldade de saber-se onde acaba o mito e começa o logos está, por exemplo, no fato de que o mito já con-

tém um fundo de verdade e o logos, pensamento racional, não se libertou, pelo menos no início, de uma certa carga mítica. Os dois se interpenetram. Kant dizia que, de algum modo, a intuição mítica sem o elemento formador do logos ainda é cega, e que a conceituação lógica sem a intuição mítica originária permanece vazia.

Devemos, contudo, estar alertas para não cair na tentação de supor que em seus primórdios, entre os filósofos jônios, o pensamento racional tivesse as características do que hoje entendemos como ciência. A arrancada inicial do pensamento científico teve como efeito básico a dessacralização do pensamento mítico; procurava-se explicar as coisas pela ação de causas da própria natureza e não mais de causas sobrenaturais, deuses antropomórficos, criados pelo homem à sua própria imagem. Não havia experimentação; havia observação e muita especulação. Mudava-se a roupagem, mas não inteiramente o fundo. A arbitrariedade dos deuses foi substituída por uma ordem jurídica cosmogônica, por uma ética dos elementos. Quem cometesse o pecado original de separar-se da unidade pagaria por esse desvio. Os próprios elementos fariam justiça entre si.

Essas considerações não tiram o mérito dos filósofos da Escola de Mileto.

Eles criaram o método: observar, criar uma teoria e aceitá-la enquanto dá explicações satisfatórias. Como ainda hoje. O logos nos dá soluções provisórias. Assim, não temos o direito de julgar que estejamos mais próximos da verdade última do que estavam os filósofos milésios. Excetuada a matemática em sua mais ampla abrangência, uma pura criação da mente, sem qualquer dependência da apreensão enganosa dos sentidos, feita essa exceção, todos os conhecimentos, todos os direcionamentos, todos os gostos estão sempre sujeitos a uma revisão crítica, passam sempre pelo crivo das novas gerações, são sempre provisórios. Seria isso uma fraqueza do logos? De forma nenhuma. O logos tem uma permanente capacidade de renovação, de rever os seus conceitos.

O mito, estando desvinculado de qualquer liame rígido com a realidade do mundo em que vivemos, sobrevive às mutações da humanidade e não envelhece. E, ainda hoje, em plena era de sofisticação tecnológica, o homem continua criando mitos em que seres das mais diversas naturezas possuem poderes extraordinários.

Essa transição de uma concepção mítica do mundo para uma concepção lógica ou racional, a criação de uma nova linha de pensamento, a própria existência de um dialeto regio-

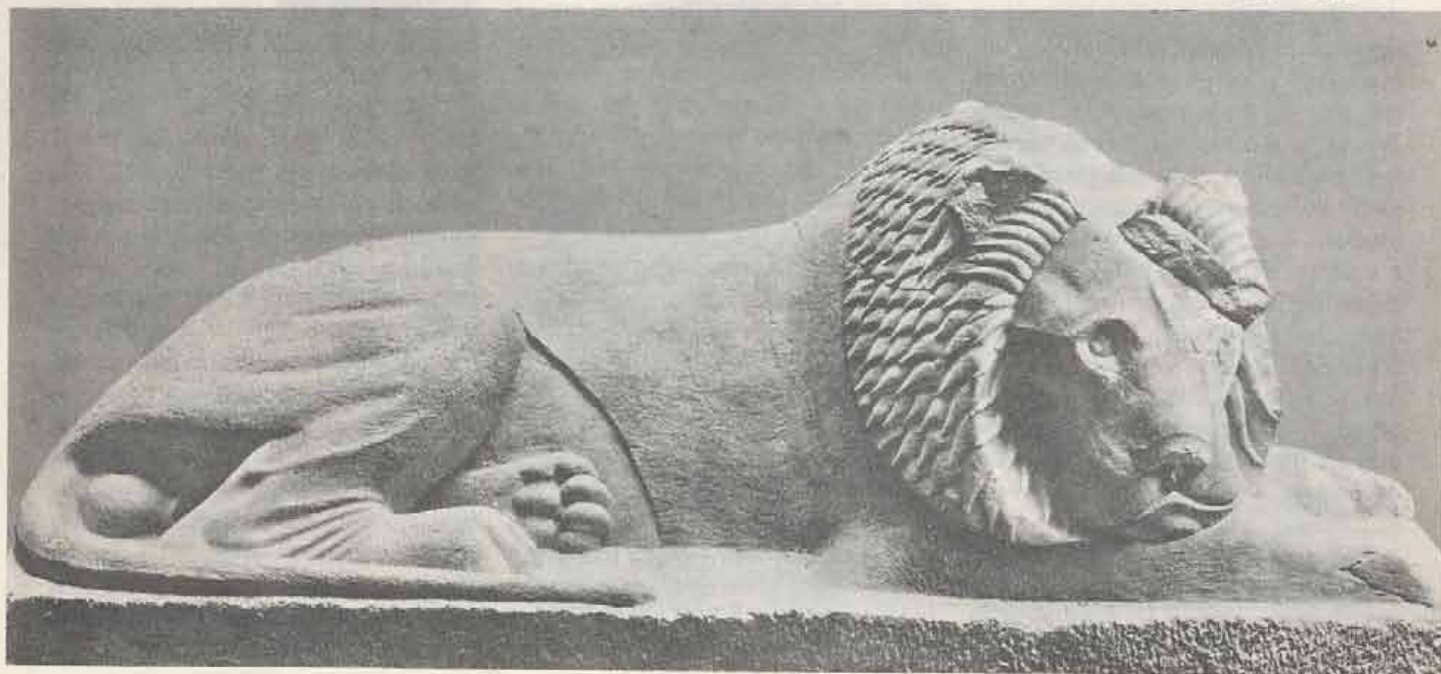
nal, foram condições que levaram os filósofos da Escola de Mileto a utilizar um vocabulário específico, em que algumas palavras antigas receberam um significado novo, enquanto outras pouco se alteraram. Alguns desses termos serão examinados no Apêndice incluído no final deste artigo sob o título *Vocabulário de Mileto*.

TALES

Pouco se sabe de positivo sobre a vida de Tales. Supõe-se que tenha nascido em 624 a.C. e morrido em 548 a.C. Heródoto atribuiu a Tales uma origem fenícia. Segundo outros autores, seria descendente de uma rica família milésia. Heródoto e Diógenes Laércio foram as principais fontes de informação sobre Tales. Aristóteles o considerava como o fundador da filosofia dos físicos ou fisiólogos. Incluído nas diversas listas de Sete Sábios da Grécia, não se conhecem obras de Tales, apenas um ou outro pensamento.

Contam-se alguns episódios da vida de Tales. Alguns provavelmente verdadeiros. Outros de caráter anedótico. Aristóteles nos conta em sua *Metafísica* que, conhecedor de meteorologia, Tales previu uma grande safra de oliva. Alugou instalações de produção e armaze-

Leão deitado - Mileto



namiento de azeite por preço muito favorável. Veio a safra, grande como previra. Procurado por interessados, cobrou alto aluguel pelas instalações e ganhou muito dinheiro. Não que lhe interessasse o dinheiro, pois só buscava o saber; queria apenas mostrar aos contemporâneos que um filósofo — termo que certamente ele não usou, pois foi criado posteriormente — também poderia enriquecer, se assim o quisesse.

O episódio anedótico nos foi contado por Platão, pela voz de Sócrates, no *Teeteto*: andando e observando as estrelas, Tales caiu em um poço. Comentou uma escrava (trácia, segundo a lenda): “se ele não conhece as coisas da terra, como quer conhecer as coisas do céu?” Mas conhecia e por isso previu um eclipse do Sol, ocorrido em 585 a.C. e que pôs fim à guerra entre lídios e medos. Essa previsão trouxe-lhe grande notoriedade. Dentro desse mesmo campo da Astronomia, indicou a constelação da Ursa Menor como ponto de referência para a localização do Pólo Norte, mais adequado do que a constelação da Ursa Maior pela qual se orientavam os marinheiros gregos. Segundo a tradição, dividiu o ano em 365 dias, agrupados em 12 meses de 30/31 dias, baseando-se em suas observações sobre o curso do Sol.

Entre nós, Tales é mais conhecido como matemático. No canto de nossa memória está seu nome ligado a uma série de teoremas de Geometria. Poderíamos destacar aquele que leva o seu nome: uma paralela ao lado de um triângulo, determina dois triângulos semelhantes. Diz-se também que, fazendo uso da sua habilidade nessa ciência, teria calculado a altura das pirâmides a partir da extensão de suas respectivas sombras, e a distância entre os navios e a costa. Não se sabe ao certo se foi realmente Tales quem enunciou pela primeira vez os teoremas que lhe foram atribuídos. Sabe-se, contudo, que visitou o Egito e outros países e de lá trouxe ensinamentos das diversas áreas do conhecimento humano. E teria sido certamente o introdutor da Geometria na Grécia.

Interessado por tudo que se apresentava aos seus olhos curiosos, Tales descobriu as propriedades magnéticas do

ímã natural e do âmbar, ingressando assim no âmbito do que hoje entendemos por Física. Por outro lado, essa descoberta levou-o a crer que todas as coisas têm alma.

No campo da política, Tales mostrou que sua capacidade especulativa não conflitava com uma viva consciência cívica, que se manifestava, por exemplo, em uma aguda percepção dos perigos que ameaçavam Mileto e toda a Jônia. Prevendo um ataque dos persas sob o comando de Ciro, convenceu as outras cidades jônicas a formarem uma federação e escolheu para capital a cidade de Teos. Prudentemente, dissuadiu os milésios de se aliarem a Creso, rei da Lídia, que foi mais tarde derrotado pelos persas; não obstante, afirma-se que teria desviado o curso do rio Halis, permitindo ao rei Creso atravessá-lo com seus exércitos.

Entretanto, foi por sua cosmovisão como filósofo que Tales mais se elevou no conceito da História. Não aceitava que por trás de todo esse espetáculo de contínua mudança — nascimento e morte, criação, corrupção, destruição — não houvesse algum princípio eterno, indestrutível, que desse origem a tudo. Para Tales, esse princípio era a água, era o estado úmido. A água estava no sêmen dos animais, na chuva que fazia brotar as sementes das plantas, ela estava sempre na origem da vida. Sobre a água fluía a terra, que era cercada pelas águas do rio Oceano. A água era conhecida nos três estados físicos: no estado líquido como água, no estado sólido como gelo e no estado gasoso como vapor. Tales imaginava que a água continha um princípio ativo, uma força vivificadora e transformadora e, nesse sentido, afirmava que “tudo está pleno de Deus”.

Como dissemos, Aristóteles considera Tales como o criador da escola filosófica dos “físicos” ou “fisiólogos” (*Metafísica* I, 983 b 20). Os jônios eram frequentemente denominados hilezoístas. É necessário atentar para o significado das palavras usadas pelos filósofos da Escola de Mileto, que veremos com mais detalhe no Vocabulário anexo. *Fisis*, ou *physis*, era um termo usado para designar a natureza, ou mais propriamente, tudo que nasce, cresce e morre, tudo

que se transforma. Físicos ou fisiólogos eram aqueles que se preocupavam com a *physis*, a Física daquela época, muito diferente da Física de nossos tempos. O conceito de “físico” de algum modo se opunha ao de “teólogo”. O termo *hile*, usado por Aristóteles, significava matéria, mas numa acepção que não corresponde exatamente ao que hoje por tal entendemos. Os hilezoístas jônios não eram materialistas, no sentido de que na matéria se encontraria a causa primeira de tudo. Eles apenas queriam dizer que aquilo que nós vemos provém apenas de coisas reais, que também poderíamos em princípio ver ou ter visto. Não lhes interessava a origem última das coisas. Procuravam saber “de que” e não “como” ou “por que” foi feito o mundo.

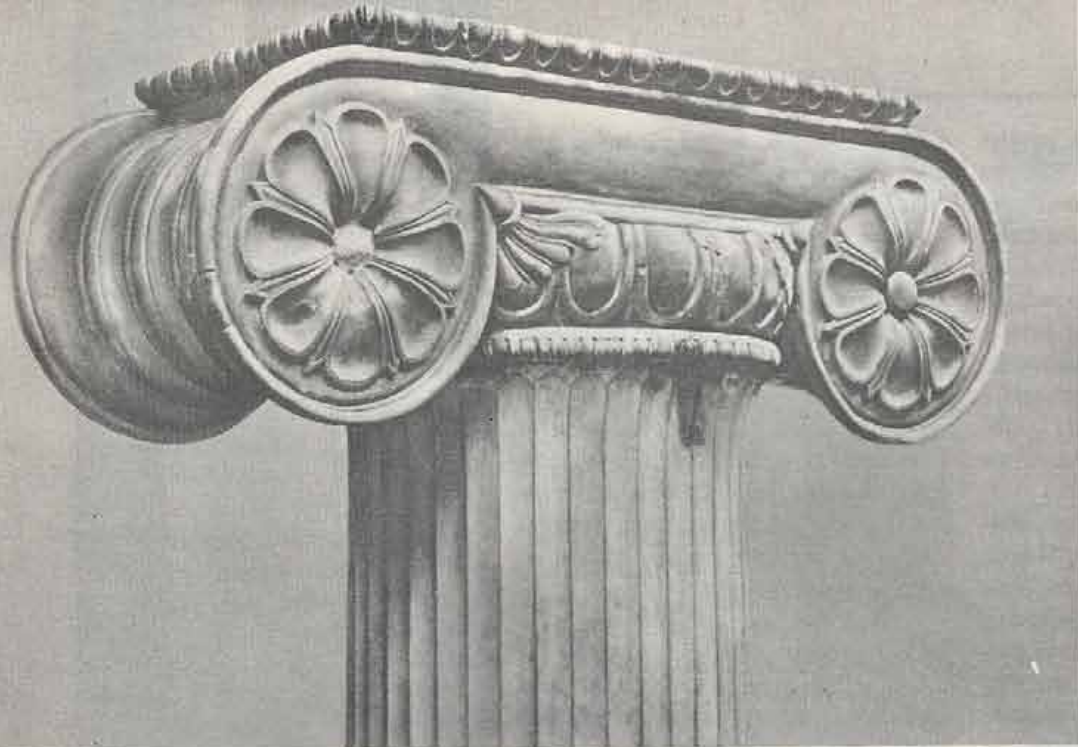
Diógenes Laércio atribuiu a Tales os seguintes pensamentos: “De todos os seres, o mais antigo é Deus, que não foi engendrado; o maior é o espaço, que tudo contém; o mais rápido é o espírito, que erra por toda parte; o mais forte é a necessidade, que triunfa de tudo; o mais sábio é o tempo, que tudo descobre” e “Conhece-te a ti mesmo”.

ANAXIMANDRO

Anaximandro é considerado por Bertrand Russell — entre outros autores — como o mais importante dos filósofos milésios, aquele que de um modo mais significativo pôs em evidência a extraordinária amplitude do pensamento jônico.

Contemporâneo de Tales, de quem foi discípulo, nasceu em Mileto, provavelmente em torno de 611 a.C., cerca de 13 anos mais tarde que seu mestre, e morreu em 547 a.C., um ano depois de Tales.

Anaximandro julgava que todo o mundo em que vivemos seria feito de um princípio uno, geral, eterno, imprecívvel e indeterminado — o *apeiron* — no qual se encontrariam fundidos, em forma latente, ainda não diferenciados, os elementos contrários: quente e frio, seco e úmido. Da separação desses contrários resultariam então todas as substâncias, todas as coisas do nosso mundo. Para designar esse princípio, Anaximan-



Capitel de coluna Jônica
Éfeso

dro utilizou-se do termo *arché* (também grafado *arquê* ou *arkê*), anteriormente usado em acepção diferente.

Além de indeterminado, o *apeiron* deveria também ser ilimitado para que não houvesse possibilidade de interrupção dos nascimentos. E, como ilimitado, teria a configuração de uma esfera infinita — idéia que parece um pouco estranha, porque dificilmente um grego conceberia um ser divino com extensão indefinida e ainda menos infinita.

Anaximandro lançou a idéia do que poderíamos chamar um sistema de ética cósmica, segundo a qual o simples ato da criação pela separação dos contrários constituiria por si só algo semelhante ao pecado original, uma ruptura da ordem universal, e que por esse pecado o seu autor deveria um dia pagar.

Essa visão da ordem cósmica era possivelmente inspirada, e certamente fortalecida, pela observação do percurso do Sol através dos signos do Zodíaco, com a predominância de cada um dos contrários em cada estação do ano: o verão quente, o outono úmido, o inverno frio, a primavera seca. Assim o avanço e o recuo das forças contrárias provocaria, entre outros efeitos, o nascimento, o crescimento e a morte dos vegetais. Ampliando esse modo de ver, Anaximandro imaginava a existência de grandes ciclos do Tempo — Cronos

agindo —, de um grande ano dividido em um grande verão e um grande inverno. Isso pode parecer associado, ainda que remotamente, ao velho pensamento grego de que ocorreriam destruições alternadas de uma parte da humanidade pela água e pelo fogo.

Anaximandro refutava a idéia de Tales de ser a água uma substância primordial, princípio e elemento básico das coisas. Se um dos elementos — no caso a água — fosse o princípio gerador do mundo, esse elemento, qualquer que fosse, acabaria por predominar sobre os outros e os destruiria.

Pelo que se sabe até hoje, Anaximandro, com seu livro *Acerca da Natureza*, concluído pouco antes de sua morte, foi o primeiro grego a escrever em prosa. Poder-se-ia dizer que esse livro marca o início da especulação cosmológica dos jônios. É seu o seguinte pensamento: "Aquilo de que os seres tiram a sua existência é também aquilo a que regressam quando da sua destruição, segundo a necessidade. E esses entes fazem-se mutuamente justiça e reparação de sua injustiça, segundo a ordem do tempo".²

Anaximandro concebia a Terra como um cilindro achatado, um disco de diâmetro igual a três vezes sua altura, em torno do qual giram, em ordem decrescente de distância, o Sol, a Lua e as estrelas. A Terra, com seus mares e suas partes secas, estaria no centro do universo, flutuando no espaço, e como tal,

sendo igualmente solicitada por todos os lados, não necessitaria suporte para manter-se no lugar. Não aceitava a idéia de um espaço infinito em que todos os corpos, todas as coisas caíssem para baixo. Em seu entender, para baixo deveria significar em direção ao centro.

Estudioso da Natureza, ofereceu explicações para os fenômenos naturais como a trovada, os relâmpagos, os raios, as trombas d'água, os turbilhões, a chuva, o arco-íris etc., considerando-os como efeitos diretos ou indiretos de rajadas de vento provocadas pela ação do Sol sobre as partículas mais finas e mais úmidas.

Não importa que essas idéias estejam em desacordo com o que hoje conhecemos ou supomos conhecer sobre o assunto — inclusive porque nós próprios não sabemos até quando será considerada verdadeira a nossa atual visão do cosmos. O que importa é essa atitude corajosa de romper com o que era tido como certo, uma intuição, o lançamento de uma hipótese sobre a forma e o comportamento de corpos tão distantes e inacessíveis e sobre a própria Terra, com o uso único da razão e dos sentidos, sem auxílio de instrumentos óticos que só muito mais tarde foram criados. Ele próprio inventara, é bem verdade, o *gnômon*, um notável invento para a época, mas de qualquer modo um instrumento basicamente rudimentar.

Além de, ou, talvez mesmo apesar

de dedicar-se com tanto afã às grandes questões que sempre preocuparam os homens, Anaximandro tinha um lugar de destaque na pólis, no cotidiano da comunidade em que vivia — foi ele encarregado de conduzir uma expedição à Apolônia, uma nova colônia milésia fundada no Mar Negro. Teria elaborado um mapa do mundo então conhecido, organizado em bases científicas — tomando-se esse termo no sentido mais amplo do conhecimento objetivo.

Com uma certa analogia em relação ao pensamento de Tales, Anaximandro afirmava que as criaturas vivas nasceram do elemento úmido, quando evaporado pelo Sol. Durante esse processo, surgiram os primeiros animais, na forma de peixes com suas escamas; dos peixes vieram os animais terrestres e por fim o homem.

ANAXÍMENES

O último, o menos conhecido e possivelmente o menos expressivo dos filósofos da Escola de Mileto, Anaxímenes tinha uma visão de certo modo antropomórfica do cosmos. Viveu aproximadamente entre 585/584 e 528/524 a.C. e teve seu acme em torno de 546 a.C. Foi discípulo e amigo de Anaximandro.

Tal como outros filósofos antigos, entendia que o Universo tinha uma vida semelhante à do homem e que a *arché*, princípio de tudo, era o ar, o hálito de vida que compunha a vida humana. Essa matéria primordial tem natureza divina — é vivente e eterna, duas características que explicam o processo cósmico. Em seu único fragmento conhecido, Anaxímenes diz: “Como a nossa alma, sendo ar (*αἴρ*), nos sustentam também um sonho (*πνεῦμα*) e um ar envolvem o mundo inteiro” (13 B 2).³

Em sua concepção de *arché*, Anaxímenes aproxima-se de Tales, que também propunha uma substância definida como princípio universal. Aproxima-se também de Anaximandro, escolhendo uma substância que apresenta algumas características do princípio proposto por seu mestre: a indeterminação do movimento eterno que se encontra no ar. Através do movimento infinito e

sem começo, o ar transforma-se por meio de fenômenos de dois tipos. Pela rarefação, o ar sofre aquecimento e se converte em fogo. Pela contração, pela condensação, converte-se em nuvem, água, terra e pedras.

No processo de criação do universo, formou-se primeiramente a Terra. É plana e sustentada pelo ar. Os vapores que emanam da Terra condensam-se e convertem-se em fogo. Parte desse fogo, premeida pela ação do ar, transforma-se em astros, que têm tamanho similar ao da Terra e giram em seu redor, flutuando no espaço.

Supõe-se que Anaxímenes tenha sido o primeiro homem a afirmar que a Lua reflete a luz do Sol e a dar uma explicação natural para os eclipses desses astros, atribuindo-os a corpos celestes semelhantes à Terra, que giram no universo. Observou o arco-íris lunar e a fosforescência marinha.

Embora não se possa propriamente atribuir caráter científico às opiniões deste filósofo, baseadas em observações não sistemáticas dos fatos, seu pensamento, seguindo a trilha aberta por seus antecessores da Escola de Mileto, representa mais um passo na mudança da concepção mítica para a busca de explicações naturais. Com a idéia de evolução das coisas a partir de uma matéria primordial, apresentou, como os outros milésios, ainda que de maneira rudimentar, o problema da unidade e da multiplicidade, um tema básico da filosofia tradicional.

CONCLUSÃO

O movimento criado pelos filósofos da Escola de Mileto — Tales, Anaximandro e Anaxímenes — representa um dos pontos áureos da história do pensamento humano. Independentemente de ter havido ou não uma mudança radical na explicação da origem do mundo, a nova escola abriu a trilha para o desenvolvimento do pensamento racional. A determinação da *arché*, do princípio original permanente formador de todas as substâncias e de todas as coisas, que constituía o ponto central das especulações dessa escola, foi abordada pelos três pensadores. Para Tales, a *arché* era



Hera — Samos

a água; para Anaximandro, o *apeiron*; para Anaxímenes, o ar.

Além de sua contribuição ímpar para a evolução do pensamento filosófico, os filósofos da Escola de Mileto também tiveram notável participação no esclarecimento de fenômenos naturais e nos próprios assuntos cívicos de sua comunidade.

APÊNDICE

VOCABULÁRIO DE MILETO

ANANCHÉ: necessidade.

Ananché (também grafada *ananqué*, *ananké*) significa basicamente necessidade, no sentido amplo de causalidade, de inevitabilidade. É a *ananché* que faz

com que aconteça tudo que acontece necessariamente. A extensão e o significado específico do termo variam entre os diversos pensadores. Para Parmênides, a *ananché* tinha o caráter quase de uma divina providência. Em Tales, ao que tudo indica, a palavra tinha o sentido de causalidade física, fenomenológica.

A *arché* é porque é necessário que seja. O *nous* dirige porque assim é necessário. Portanto tudo está subordinado à *ananché*.

APEIRON: indeterminado, ilimitado, infinito.

Etimologicamente: ilimitado.

Na Escola de Mileto, encontramos o termo *apeiron* empregado por Anaximandro em forma substantivada para designar o que ele entendia por *arché*. Não se pode saber ao certo se ele usou o termo com o sentido de indeterminado, por não ter uma forma definida, ou ilimitado, porque não deveria haver limites na sua capacidade de gerar, ou ainda infinito. O que se poderia afirmar é que o *apeiron* de Anaximandro tem as características de uma substância indiferenciada a partir da qual se formariam todas as demais por separação de contrários.

ARCHÉ: origem, princípio.

Preocupados em explicar ou entender a natureza das coisas manifestadas, os filósofos milésios buscaram uma substância primária que daria origem a todas as coisas. A esta substância deram o nome de *arché*. A *arché* (também grafada *arqué* ou *arké*) seria então apenas uma substância universal, sem forma definida. Ao longo do trabalho são mencionadas as substâncias eleitas pelos filósofos milésios como *arché*.

LOGOS: discurso, relato, razão, definição, faculdade racional, proporção. Como diz Peters em seus *Termos Filosóficos Gregos*, uma das maiores dificuldades que se encontram na interpretação do termo *logos* é determinar se é usado em um sentido comum ou em sentido técnico e especializado. Poucas palavras terão deixado tantos descendentes na linguagem técnica e científica do mundo moderno como a palavra *logos*. Os filósofos milésios

usavam *logos* em uma acepção bastante definida de razão, de coisa racional, de uma forma de pensamento que exige coerência, vinculação com a realidade, algo que de certo modo se opunha à idéia de mito.

NOUS

É o princípio que origina e dirige; um espírito ordenador, inteligente, eventualmente de natureza divina. Para que ocorra o processo da *physis* da forma como é manifestado, há a necessidade de um princípio ordenador (*nous*). Portanto, o que se nos apresenta (o universo manifestado) é o resultado da atuação do *nous* sobre a *arché*, através da *physis*.

PHYSIS: natureza.

Se dissermos que a palavra *physis* significa natureza, como é hábito, devemos esquecer por alguns instantes aquilo que hoje geralmente por natureza se entende: as florestas, os rios, os mares, as montanhas, toda aquela parte do nosso mundo que o homem ainda não acabou de destruir. O sentido de *physis* é bem outro.

Para os milésios, *physis* significava o processo de surgimento, florescimento, desenvolvimento e retorno à origem. Com o tempo, o termo evoluiu e passou a ter outros significados.

THEOS: Deus

A palavra *theos* teve entre os gregos um grande espectro de significados relacionados com a noção de divindade. Os filósofos da Escola de Mileto atribuíram à *arché* um caráter divino, considerando-a como um princípio eterno, imortal, imutável, ainda que não personalizado. Acredita-se que Tales, ao afirmar que há deuses por toda parte, talvez estivesse simplesmente exprimindo uma concepção panvitalista ou quisesse dizer que todas as coisas têm alma.

NOTAS

1. Bulfinch, T., *Bulfinch's Mythology*, The Modern Library, Random House, Inc. U.S.A.
2. Brun, J., *Os Pré-Socráticos*, Biblioteca Básica de Filosofia, Edições 70, Trad. Armindo Rodrigues, Título original: *Les présocratiques*, Lisboa.

BIBLIOGRAFIA

- Bornheim, G.A. *Os Filósofos Pré-Socráticos*, Editora Cultrix, S. Paulo, 1977.
- Conhford, F.M. *Principium Sapientiae - As Origens do Pensamento Grego*, 2ª edição, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1981.
- Dumont, J.P. *A Filosofia Antiga*, Biblioteca Básica de Filosofia, Edições 70, Trad. Luiz Carvalho, Título original: *La Philosophie Antique*, Lisboa, 1986.
- Peters, F.E. *Termos Filosóficos Gregos*, Fundação Calouste Gulbenkian, Trad. Beatriz Rodrigues Barbosa, Título original: *Greek Philosophical Terms*, Lisboa, 1974.
- Russell, B. *History of Western Philosophy*, George Allen Unwin Ltd., London, 1946.
- Thrower, J. *Breve História do Ateísmo Ocidental*, Edições 70, Trad. Ana Mafalda Tello e Mariana Parda Monteiro, Título original: *A short History of Western Atheism*, Lisboa.
- Vernant, J.P. *As Origens do Pensamento Grego*, Difel Difusão Editorial S.A., Trad. Ísis Borges B. da Fonseca, Título original: *Les Origines de la Pensée Grecque*, S. Paulo, 1972.
- Vernant, J.P. *Mythe & Pensée chez les Grecs*, Éditions la Découverte, 1985.

* Trabalho elaborado pela TURMA SÉSSIAS do curso de História da Filosofia Antiga da Associação Palas Athena.

* Redação final de JOÃO CAMARA NEIVA E JOANNA DE ARRUDA CAMARA NEIVA.

MIGUEL DE UNAMUNO E SUA OBRA

*Conferência proferida pelo eminente filósofo
espanhol, Dr. JULIÁN MARIÁS, em 29-09-86 no Auditório
da Associação Palas Athena.*

Miguel de Unamuno morreu há cinquenta anos; esta morte teve um caráter bastante extraordinário.

Na "Noche Vieja" — assim é como chamamos na Espanha à última noite do ano — de 31 de dezembro de 1906, Unamuno escreveu um poema que começa assim:

Esta noite em minha biblioteca...

Com quarenta e dois anos nessa ocasião, pensava que poderia morrer subitamente, vitimado por uma angina do peito e que, ao virem buscá-lo para a ceia, encontrá-lo-iam morto sobre os versos que escrevia, nos quais diz:

Terminei-os, e ainda vivo,

Data: "Noche Vieja" de 1906

Na "Noche Vieja" de 1936, primeiro ano da Guerra Civil Espanhola, exatamente trinta anos depois, em Salamanca, um desconhecido foi visitá-lo em sua casa; conversavam há algum tempo, quando Unamuno, a certa altura, se calou. Passados alguns minutos, o visitante imaginou que tivesse adormecido, quando sentiu um odor que achou estranho, de algo que se queimava. Havia um braseiro sob a mesa; Unamuno estirara uma das pernas e seu calçado estava se queimando. Alarmado, o visitante percebeu que ele estava morto e foi avisar sua família.

Voltando, muito excitado e nervoso, ao hotel em que estava hos-

pedado em Salamanca, o visitante, sem conseguir dormir, apanhou um livro de Unamuno; abrindo-o, encontrou o poema escrito há trinta anos, que não conhecia. Imagine-se a impressão tremenda que lhe causou esta espécie de premonição da morte, ocorrida trinta anos antes!

Unamuno nasceu há 122 anos, em 1864. É interessante ver-se como está inteiramente vivo, na Espanha, apesar de ter morrido há meio século atrás.

É curioso que em alguns países o número de escritores que permanecem inteiramente vivos, muitos anos após sua morte, é maior, talvez, do que em outros. Faço distinção entre autores que são objeto de estudo e aqueles que são objeto de leitura; não é a mesma coisa estudar um autor que lê-lo.

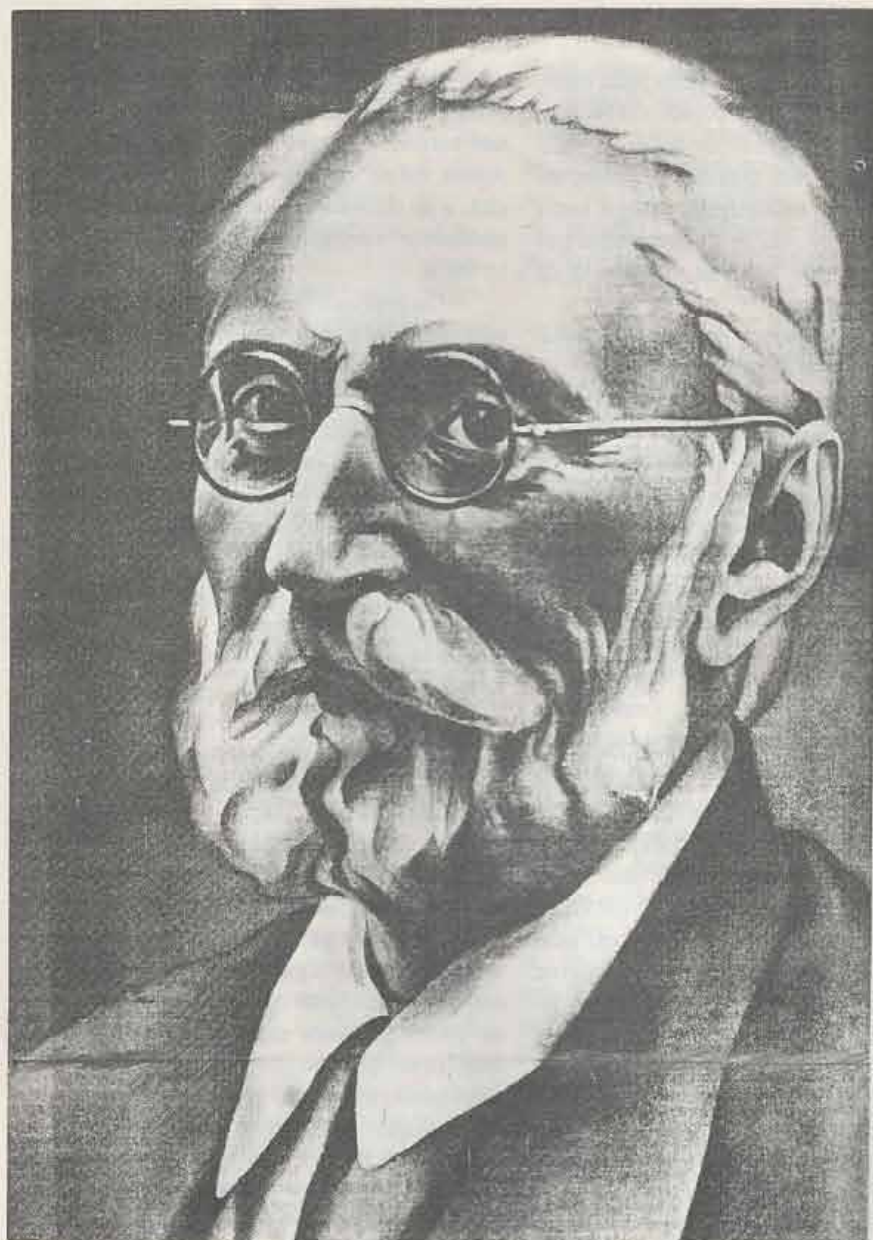
Na Espanha, por exemplo, lêem-se os autores da geração de 98; desde Unamuno — o mais velho e o primeiro deles — a Antonio Machado, Manuel Machado, Azorín, Baroja, Menéndez Pidal. Todos eles são lidos, não se trata simplesmente de autores clássicos aos que se estuda, não, a gente se apaixona com eles, e nós os discutimos, entusiasmando-nos ou, em alguns casos, aborrecendo-nos — sinal de que estão vivos.

Com Unamuno não ocorreu um outro fenômeno, também frequente

na Espanha, que é o da atividade até idade muito avançada. O curioso, porém, é que em outros países os autores de certa idade morrem ou se afastam, dedicando-se a cultivar seu jardim. Quanto aos espanhóis, costumam retirar-se unicamente para o cemitério; habitualmente, conservam-se ativos até bem idosos. Menéndez Pidal viveu um século menos quatro meses; seu companheiro de Academia, Don Manuel Gomes, viveu um século e quatro meses — os que faltaram ao outro. Azorín, parece-me, que chegou aos noventa e três anos. E houve Unamuno, Picasso, Madariaga, Casals... Recentemente, morreu um historiador aos noventa e nove anos. Todos ativos! Nos outros países não há tantos velhos em atividade; na Inglaterra, os únicos de que me lembro nos últimos quarenta ou cinquenta anos são Shaw e Russel.

Estes dois fenômenos da Espanha, o da persistência dos espanhóis em agarrar-se à vida e continuar em atividade até o fim, e essa espécie de permanência na memória coletiva como autores não estudados mas lidos, dão uma singular densidade à vida intelectual espanhola. Isto é, esses autores ainda que distantes no tempo, resultam atuais para os leitores, o que em muitos lugares não sói acontecer.

Fui leitor de Unamuno desde muito jovem, não fui seu discípulo pois ele ensinava em Salamanca e eu



Miguel de Unamuno (1864 - 1936)

estudava em Madri. Fui, sim, discípulo de Ortega, mas, sendo leitor assíduo do primeiro, considero-me em certo sentido, seu discípulo também.

Nestes últimos decênios, vem-se dizendo repetidamente na Espanha que as gerações recentes não têm mestres. Creio, porém, que, aos mestres, se os procura; buscam-nos aqueles que se sentem seus discípulos. Afirmei certa vez que a filiação intelectual difere da filiação civil; nesta, é o pai que reconhece o filho e, na intelectual, é o filho que reconhece o "pai". Ninguém afirma: — "Você é meu discípulo", mas sim — "Você é meu mestre", o que é bem diferente.

Considerava-me discípulo de Unamuno antes de conhecê-lo, o que só

veio ocorrer no final de sua vida, quando ele estava com setenta e eu com vinte — pois certa vez na vida tive vinte anos.

Passei um verão na maravilhosa Universidade Internacional de Verão de Santander, existente nos anos da República; fundada em 1933, durou até 1936, tendo passado por ela pessoas absolutamente eminentes, não só da Espanha mas de todos os países, pois havia importantes representações estrangeiras.

Naquele ano, Unamuno passou quinze dias em Santander; não deu conferências, mas realizou algumas leituras comentadas de um drama que acabara de escrever, *El Hermano Juan*, o *El Mundo Es Teatro*, uma versão

do tema de Don Juan. Nosso grupo de professores e estudantes teve ocasião de falar-lhe. Há uma fotografia, publicada em alguns livros, que mostra quatro ou cinco pessoas sentadas sobre uma rocha, junto ao palácio de La Magdalena; uma delas sou eu. É uma foto que me comove; não a conhecia, foi-me dada por um filho de Unamuno, muitos anos depois.

Sua figura impressionante era como um promontório, chamando a atenção pela fortaleza e energia. Sua figura era nobre, quicá um pouco rígida; não tinha a capacidade de comunicação de Ortega, por exemplo. Este interessava-se por todos e, ao falar com alguém, percebia perfeitamente quem era e como era o interlocutor. Temo que o mesmo não ocorresse com Unamuno; quando respondia às perguntas ou falava sobre um tema que lhe sugerissem, sempre pairava a dúvida se ele percebia quem era ou como era a pessoa com quem conversava.

Por isso é que se assemelhava a um promontório, um alcantil, faltando-lhe talvez certo grau de flexibilidade e sendo, além disso, um caráter enormemente enérgico, uma personalidade polêmica.

Era um homem alto, forte, que usava barba, muito parecido com um mocho — assim o representavam sempre nas caricaturas, em que era "el Buho" — na *Palas Athena* estaria em seu lugar. Mesmo nos fortes invernos de Salamanca não costumava agasalhar-se e às vezes usava um pequeno chapéu flexível.

Estava em toda a parte, falando de todos os assuntos importantes, colocando-se em oposição a muitas coisas. Um de seus livros intitula-se *Contra Isto e Aquilo*; se alguém não se contentar apenas com o título — o que é sempre conveniente — e lê-lo, verificará que não é tão "contra", apesar do título.

Mesmo sendo polêmico e polemizante, Unamuno era um homem de muito bom senso, fundamentalmente bastante cordial, não se colocando tanto assim contra as coisas e costumando arrepender-se quando o fazia.

Encontrei na biblioteca de Ortega um livro de poesia de Unamuno, oferecido ao primeiro com uma longa dedicação e no qual se encontra também, ma-



nuscrito pelo autor, um poema em que diz sentir-se "um bom catedrático" e um "sentidor" ou poeta, finalizando com: "E morra Zorrilla!" — famoso poeta romântico, que fora popularíssimo na Espanha. No entanto, decorridos alguns anos, escreveu um artigo em que falava do mesmo poeta com grande simpatia; àquele juvenil "E morra Zorrilla!" seguiu-se um apreço profundo.

Escreveu também sobre Manuel Machado, que se nos afigura como seu oposto; irmão de Antonio, quase tão bom como este, era extraordinário poeta, de certo modo frívolo e sensual, muito sevilhano e andaluz, o contrário da severidade basca e castelhana de Unamuno, que, não obstante, fala dele com uma compreensão e afeto profundíssimos; sabia transportar-se para pontos de vista diferentes, não sendo tão rígido como aparentava; porém, se constatasse que algo merecia ser defendido, ou quando era preciso não tolerar o que lhe parecia errado, atirava-se com grande coragem; era um homem muito valente.

Em espanhol, como em todas as línguas, a palavra "valor" refere-se ao que é valioso, mas em espanhol possui

também um sentido primário mais forte, o de valentia, que me parece exato, pois a valentia é o suporte de todos os valores; se não há um mínimo de valor, todos os valores submergem. Muitas vezes na história se viu o desmoronamento dos valores por falta de um pouco de valor, de valentia.

A mim, parece realmente admirável a valentia de Unamuno.

Quando morreu, no último dia de 1936, Ortega, que estava em Paris, soube da notícia através de *La Nación* de Buenos Aires e enviou para o mesmo Jornal um artigo admirável, dos mais comoventes que já escrevera. Dizia que a voz de Unamuno vinha soando sem cessar na Espanha há um quarto de século, e acrescenta: "temo que seja sucedida, agora, por uma era de atroz silêncio."

Felizmente, não houve tanto silêncio assim; porém, realmente, na época de Unamuno, as palavras que podiam ser ditas tinham outro tom e outra forma. Evidenciava-se sua atitude imensamente corajosa e decidida, que se deixava arrastar, às vezes, pelo exagero e pela paixão, particularmente pela paixão política. Neste âmbito, levou a extremos sua hostilidade a certas formas, como à ditadura de Primo de Rivera, desde 1923, inclusive à figura do rei Afonso XIII.

Basicamente, estava certo, já que se tratava de formas não aceitáveis. Ao lermos os textos polêmicos e apaixonados que escreveu naquele período, consideramos que foram um pouco exagerados, porque neles se previa tudo o que viria a ocorrer futuramente. Contudo, à vista dos acontecimentos posteriores, tudo o que criticava, com razão, naquele período político, era relativamente pouco. Por isso aconselho a todos, principiando por mim mesmo, a jamais dizer que não se pode estar pior; as coisas sempre podem tornar-se muito piores!

Sim, Unamuno era muito exagerado. O pensamento é exageração, viver é exagerar, como é qualquer ação vital. Se como uma maçã, exagero, pois ela é

mais que um alimento, é muitas coisas mais e, ao comê-la, interpreto-a como um alimento, o que é uma exageração. Agora estou cometendo uma exageração, a de falar-lhes como se fossem simplesmente ouvintes, embora sejam muito mais.

Quanto a Unamuno, exagerava com fundamento *in re*. Exagerava algo que era verdade, algo que tinha um núcleo verdadeiro. Além disso, dotado de enorme sinceridade, abria-se, ofertava sua realidade, sendo um homem capaz de paixão; isso é fundamental e creio ter sido um de seus grandes valores.

Sua obra é enormemente rica; cultivou todos os gêneros, um deles — e muito importante — o artigo de jornal.

Como sabem, há uma tradição espanhola, vinda do tempo das "arrai-les", da época romântica e do início da existência dos jornais quotidianos, que é o fato de os maiores e mais intelectuais dos escritores escreverem grande quantidade de artigos jornalísticos. Há duas razões para isso: uma, é que os artigos rendiam algum dinheiro, pouco, em realidade, mas pago rapidamente, ao passo que para escrever-se um livro demora-se um ou dois anos, ao fim dos quais é preciso encontrar-se um editor, que usualmente demora para publicá-lo; finalmente, os livros vão para as livrarias e são vendidos — ou não. Dizia a Ortega seu grande amigo e admirável escritor Fernando Vela: — "Seus livros parecem dar cria!", porque cada vez havia mais exemplares. Depois de tudo isso as editoras fazem seus pagamentos, que costumam ser tardios.

Ocasionalmente, os escritores ganham algum dinheiro, tendo por hábito comer três vezes por dia, se possível, e às vezes tendo família. A propósito: pretendendo ser catedrático, tentando-o várias vezes, Unamuno demorou para consegui-lo. Certa vez a cátedra foi concedida a alguém muito inferior a ele; justificando-se, disse-lhe o presidente da banca: "Este homem tem oito filhos", ao que Unamuno respondeu: — "E eu quero tê-los!". E teve-os, exatamente oito.

Havia, porém, outra razão para os artigos, que era o fato de se ter leitores.

Quando Unamuno começou a escrever, na juventude, lia-se pouco na Espanha e menos ainda os livros de pensamento. Do maravilhoso *Castilla* de Azorín, por exemplo, editaram-se mil exemplares, que demoraram dez anos para esgotar-se. A belíssima novela de Unamuno *Paz na Guerra* foi publicada em 1897, datando a segunda edição de 1923. Os jornais, ao contrário, eram muito mais vendidos do que hoje, mais na pequena Madri de minha juventude de estudante, de um milhão de habitantes, que na atual, de quatro milhões.

A crise da imprensa tem muitas causas, uma das quais é a televisão, mas há outras mais importantes, como o gás de butano, pois antigamente comprava-se jornal para acender o fogo diariamente. Outra razão: os sacos plásticos, que tornaram os jornais desnecessários para fazer pacotes.

Não sou materialista mas acredito na matéria, ela existe.



Lembro-me de que o jornal em que escrevo, o *ABC*, foi o mais lido na Espanha durante muito tempo; devido ao seu pequeno formato, os leitores, pelo menos uma vez por semana, compravam outro jornal de tamanho grande, para seus pacotes. O gás de butano e os sacos plásticos são os dois grandes inimigos da imprensa.

Os autores de artigos eram muito populares; quem nunca lera um livro de Unamuno lia seus artigos, o mesmo acontecendo com Azorín. Muitos jovens espanhóis de hoje imaginam que Valle Inclán ou Baroja eram mais populares, mas não: talvez vendessem mais livros, mas escreviam poucos artigos. É claro, quando um autor morre ocorre uma mudança, pois, entre outras coisas que acontecem, ele deixa de escrever artigos, reduzindo-se aos livros, o que pode inverter popularidade, ou o conhecimento que se tem dos escritores. Sob a forma de livro um autor que a princípio é menos lido pode vir a sê-lo mais, talvez, posteriormente.

Unamuno redigiu centenas, milhares de artigos, na Espanha e na América;

possuía um raro conhecimento sobre Portugal e a América espanhola, escrevendo constantemente sobre autores portugueses e hispano-americanos, o que lhe conferiu também um papel especial.

Cultivou todos os gêneros, sempre com um talento extraordinário: novela, teatro, poesia, ensaio, livros de pensamento — estes, mais extensos; sua força expressiva era admirável e sua visão da língua, muito fecunda, apresentando, porém, um inconveniente: é uma visão etimológica, aspecto em que se assemelha a Heidegger, que tem a mesma visão da linguagem. Em Unamuno talvez essa tendência fosse excessiva, embora dominasse a língua com força e perfeição excepcionais.

A análise etimológica leva-nos às raízes de uma palavra, ao subsolo do idioma. Porém, não se vive no subsolo, descendo-se a ele apenas de vez em quando; o homem normal não vive etimologicamente a linguagem. Quando um latino lê a palavra alemã *Weltanschauung*, verifica que *Welt* quer dizer “mundo” e que *anschauung* tem em sua raiz *shaven*, isto é, “olhar”. Porém, um alemão que a diz não pensa em *Welt* nem em *anschauung*, entendendo-a diretamente como ideologia, mentalidade, modo de ver as coisas, sem considerá-la etimologicamente. Como nós, quando dizemos “substância”, não pensamos em algo que está embaixo; “substância” corresponde ao inglês *understanding*, embora não em termos de significado, já que *understanding* quer dizer “entendimento” e *to understand* é “entender”. Uma visão etimológica identificaria as duas palavras, que semanticamente nada têm a ver.

Ao tornar-se novelista, bem cedo, em 1897, quando escreveu *Paz na Guerra*, ninguém prestou muita atenção a Unamuno; um livro de textos empregado por decênios na Universidade espanhola continha esta frase lapidar a seu respeito: “Como novelista, não se destaca”. Ora, mas se não fez outra coisa além de destacar-se! De suas raras e estranhas novelas, dizia ele mesmo: — “Não são novelas, são “nivolas”; respondendo também a alguém que lhe falava da estranheza de um de seus sonetos, tratar-se de um “sonite”.

De suas “nivolas”, tão diferentes das habituais, não se fez muito caso, até a publicação de meu livro, após ter escrito um ensaio a respeito, já em 1938, intitulado *A Obra de Unamuno, um Problema de Filosofia*. Unamuno morrera há dois anos e enviei o ensaio a uma revista chamada *Hora de Espanha*, primeiramente publicada em Valência, depois em Barcelona, durante a Guerra Civil Espanhola, na qual Antonio Machado escrevia em todos os números. Enviei meu artigo a Barcelona, porém o General Franco teve a idéia de tomar a cidade, tomando também meu ensaio, que não foi publicado. Depois da Guerra decidi transformá-lo em livro, já postulado no texto original, terminando-o em 1942 e publicando-o em 1943. Demorei um ano para encontrar editor, pois escrever um livro contra Unamuno era fácil naquela época mas, sobre ele, não. Após muitas dificuldades, foi editado por Espasa-Calpe, cujo nome registro em reconhecimento.

No livro, como no artigo, eu falava da novela como método de conhecimento, elaborando a teoria da novela existencial. Note-se que não havia nove-



las existenciais em 1938, datando exatamente desse ano a primeira de Sartre, *A Náusea*, o que não se sabia, pois se estava em plena Guerra Civil Espanhola. Logo, preferi a expressão "novela pessoal", que me pareceu melhor, embora falasse em "novela existencial", também.

O ponto de partida era este: a formação de Unamuno datava da segunda metade do século XIX, época em que o racionalismo entrava em crise. O pensamento do século XVIII fora racionalista; pense-se em Kant, em Hegel. O racionalismo consiste em acreditar que a realidade é racional, havendo, por conseguinte, uma adequação entre realidade e razão humana, o que lembra a frase de Hegel segundo a qual todo o real é racional e todo racional é real (o que parece muito otimismo).

Disto duvidava o teólogo e filósofo dinamarquês Kierkegaard, falando do existente ou da existência como de algo externo à razão; para ele, aqueles que tudo explicam racionalmente — a exemplo de Hegel, que era sua obsessão —

assemelham-se a um médico que aparece numa comédia dinamarquesa de Holberg e que curava a febre, sim, mas matava o paciente. Assim, Kierkegaard formula o irracionalismo dizendo que a vida é irracional e que a razão mata, congela, enrigece tudo aquilo que toca. Sendo a vida mobilidade e fluência, a razão não serve para compreendê-la, nem à história.

O irracionalismo, de uma forma ou de outra, domina todo o pensamento da segunda metade do século XIX e parte do nosso.

Unamuno não é propriamente irracionalista, mas uma espécie de racionalista desesperado, que não acredita que com a razão se possa conhecer a vida humana; formula-o com enorme paixão, energia e muito acerto literário.

Então, o que fazer? Foi-lhe necessário um rodeio, que vem a ser a imaginação, da qual disse ser a faculdade mais substancial, por nos fazer penetrar na substância do espírito das coisas e de nossos semelhantes. E, em vez de escrever livros de Filosofia, escreve novelas, dramas, poesia; sobretudo novelas, que têm, para ele, uma função de conhecimento: são a maneira de poder compreender, poder sonhar e imaginar a vida humana, o que é maravilhoso!

A mesma coisa foi realizada posteriormente por Sartre, Simone de Beauvoir e outros, porém, trinta ou quarenta anos mais tarde.

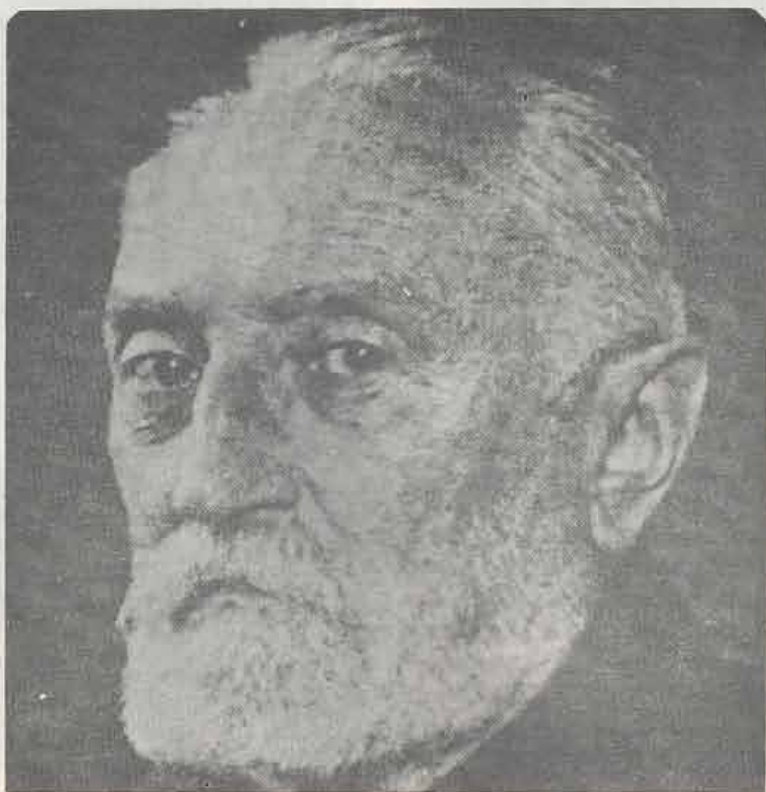
Creio tratar-se de um magnífico achado, por uma razão elementar: é que a vida humana só é acessível à imaginação. Eu, por exemplo, tenho-os à minha frente, vejo-os, ouço-os falar, posso tocá-los, mas o que vejo são seus corpos, ou melhor, seus rostos, mãos, vestimentas; preciso imaginá-los para tratá-los como pessoas. Neste momento, imagino suas vidas, das quais sei muito pouco, com algumas exceções. Diante de mim estão suas expressões e, neste momento, involuntariamente, improviso certas novelas de que são as personagens, novelas muito elementares e toscas, provavelmente errôneas, sem as quais, porém, não poderia tratá-los pessoalmente, como fazem comigo. Cada um está inventando sua novela particular, cuja personagem sou eu. Não há dúvida desta reciprocidade. A vida humana é acessível apenas à imaginação, o equivalente da percepção para a vida humana é a imaginação.

Acontece que Unamuno não conheceu outra forma de razão além da razão tradicional, — a razão abstrata, a razão pura, enquanto que, ao mesmo tempo e a dois passos dele, na mesma Espanha, estava sendo criada uma nova idéia de razão: a "Razão Vital" de Ortega.

No primeiro livro deste último, que comentei longamente, *Meditações do Quixote*, dizia ele com um pouco de perceptível mau humor: "Essa oposição entre razão e vida, de que tanto gostam os que não querem trabalhar, parece-me suspeita. Como se a razão não fosse uma função vital e espontânea, da mesma linhagem que o ver ou o apalpar!".

Encontramos aqui, juntas, as palavras "Razão Vital". Se a razão é vital, Ortega descobre que a única coisa verdadeiramente racional é a vida, por ser ela quem dá a razão.

"Razão Vital" quer dizer duas coisas: primeiramente, a razão, sem a qual não posso viver, pois o homem não tem apenas instintos; tem-nos poucos e muito débeis. Por exemplo, aqueles que aqui vieram esta noite — provavelmente



foi um erro, o que se verá depois — não o fizeram por instinto, não existe um tropismo que os tenha compelido a vir. Vieram porque decidiram, em virtude das possibilidades que se lhes ofereciam na noite de 29 de setembro às oito horas. Pensaram que era o melhor que podiam fazer.

Não podemos viver sem raciocinar, sem pensar. Porém, por outro lado, é a vida que me permite entender; entendendo e passo a compreender algo quando o integro em minha existência, dando-lhe uma função nela. Aqui tenho uma jarra e aqui um copo; entendo-o porque imagino a função vital que consiste em beber neste copo. Pensem, por exemplo, neste microfoque que acabam de colocar-me: um homem de cinquenta anos atrás não entenderia o que é, pensaria tratar-se de uma condecoração brasileira.



Há um duplo sentido nestas palavras: "Razão Vital"; enquanto que a vida é o instrumento com que se dá razão, esta razão é narrativa e seu ingrediente, a imaginação. O que faz Unamuno é perfeitamente orteguiano: cria uma novela como método de conhecimento, forma narrativa que dá a razão da vida humana. Não sabendo que era isto o que fazia, sem se dar conta, acertou e criou um instrumento filosófico ou pré-filosófico, um maravilhoso método de conhecimento, que é necessário levar-se em consideração. A filosofia, que não é uma novela, deve conter o que esta contém, isto é, uma estrutura dramática (publiquei nos Estados Unidos um livro de ensaios, *Filosofia como Teoria Dramática*). Sendo a filosofia uma teoria dramática, a dramaticidade lhe pertence inteiramente, constatação que Unamuno vê e pede. Julgando-se irracionalista, descobriu uma parcela do que é verdadeiramente a razão, o que é de grande interesse.

Em meu livro sobre Miguel de Unamuno analisei não somente a teoria geral da novela, mas também os exemplos que significam, em suas novelas, contribuições completas para o

conhecimento da vida humana. Aqueles que prefiro são a primeira, *Paz na Guerra* e a última, *San Manuel Bueno Martir*, que é bastante breve e extraordinária. Penso que ele cometeu um erro: exceto em sua primeira novela, eliminou toda descrição, desde a localização à descrição mesma de personagens, a fim de ater-se, segundo disse, ao relato em si. Em princípio, frente ao realismo que dominava grande parte das novelas escritas até então, isso foi bom. Mas foi também um erro, porque o homem é circunstancial; Ortega dirá, mais de uma vez: "Eu sou eu e minha circunstância e, se não a salvo, eu não me salvo". Portanto, não posso prescindir de minha circunstância, porque então restará metade de mim mesmo. As novelas de Unamuno

são defeituosas na medida em que a circunstância lhes falta. O que não ocorre com a primeira, que trata das lembranças do sítio de Bilbao, ocorrido durante a segunda guerra carlista, quando o autor tinha dez anos. Em *San Manuel Bueno Martir* ressurgem o cenário, a paisagem, as outras personagens. Por isso julgo essas novelas mais perfeitas. É necessário conservar-se a dramaticidade, o relato como tal, sem que se percam as circunstâncias, aspecto que faz com que suas novelas não sejam perfeitas, apesar de sua excepcionalidade. Creio que, após a última novela citada, deveria ter escrito uma outra, longa; com a perfeição que já alcançara, teria sido uma obra extraordinária. Porém, intervindo demasiadamente em política, ocupando-se muito desta e também de poesia, não voltou a escrever mais nenhuma, embora *San Manuel Bueno Martir* date de 1931 e ele tenha vivido ainda cinco anos. É uma perda de que não me consolo facilmente.

Unamuno fez também teatro, que é menos interessante; por estar realmente muito próximo da novela, a ausência de sentido circunstancial fez com que ele não tenha explorado suficientemente todas as possibilidades das situações cênicas, do que o teatro tem de propriamente cênico. Se uma obra teatral nos satisfaz apenas com sua leitura, não é bom teatro; pode ser maravilhosa literatura. O teatro tem que ser visto, tem que se representado.

Lembro-me da impressão que me causou, quando estudante, a representação de dramas clássicos espanhóis, pelo teatro universitário *La Barraca*, dirigido por Federico García Lorca. Era preciso ver-se o que era, por exemplo, o teatro de Calderón, com *La Vida Es Sueño*, ou *El Alcalde de Zalamea*, ou, de Lope de Vega, *Peribañez*, *El Comendador de Ocaña* e *Fuenteovejuna*. Era preciso ver-se a encenação! Eu já lera essas obras, mas encenadas elas viviam e realizavam-se como algo diferente. Portanto, o teatro de Unamuno é boa literatura, mas não é muito bom teatro.

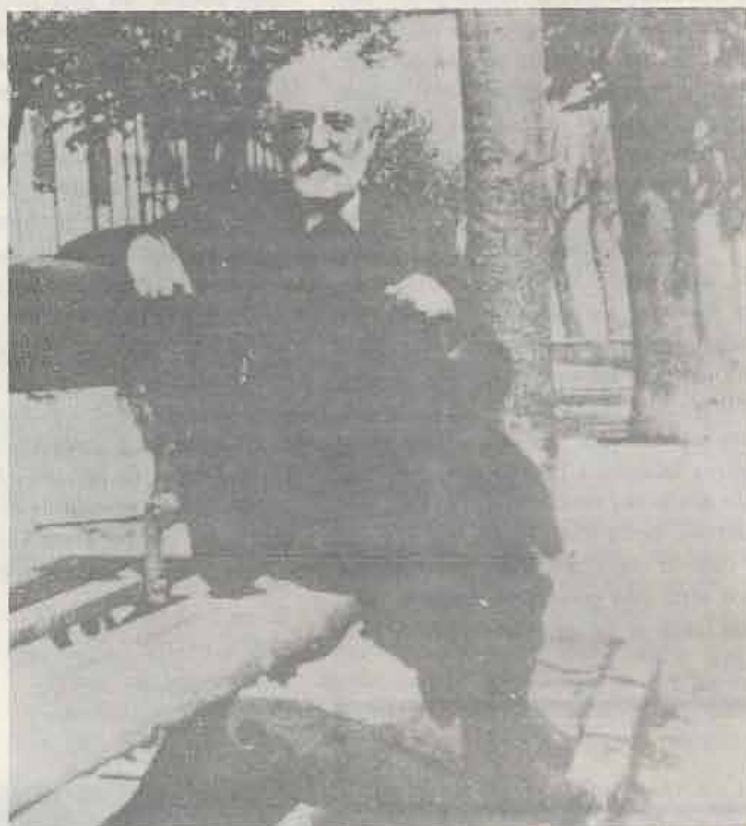
Sua poesia tem mais valor; pouco musical, é às vezes um pouco áspera, mas de tremenda profundidade. Não nos esqueçamos de que Unamuno considerava-a o mais importante de sua



obra, sendo tudo o mais relativamente secundário, dizendo de seus versos "sois mis valedores". Acreditava que eles seriam o que, em profundidade, permaneceria dele, e afirmava: "Cuando me creéis más muerto, retemblaré en vuestras manos". Efetivamente, quando se o lê, especialmente a sua poesia, sente-se esse palpar da vida de Unamuno.

Toda a existência de Unamuno foi percorrida por uma enorme preocupação religiosa; mesmo não-ortodoxo, teve uma vivência católica muito piedosa. Experimentou um momento de distanciamento da fé, habitual nos intelectuais do final do século XIX e de uma parte do século XX e explicável por muitas razões, mas teve sempre um vivo sentido religioso e se preocupava com a imortalidade que, a seu ver, era garantida por Deus. Estremecia à idéia da aniquilação, que lhe parecia inaceitável. Disse certa vez: — "Não me demito da vida, serei destituído dela". Considerava que a única questão — já se disse que era um exagerado — é "saber se morrerei totalmente ou não e, morrendo, o que será de mim". Pensa que se o homem morre e se aniquila, a vida não tem sentido, não vale a pena. Parecia-lhe insuportável a idéia de deixar de ser, de aniquilar-se. A mim também. Não concordo com Unamuno que seja a única questão, mas é a mais importante, sim. Não penso só em minha imortalidade; e quanto aos demais? Como pode o homem aceitar a aniquilação das pessoas amadas? Isso é aceitável? Não acredito; em todas as épocas houve homens que duvidaram da imortalidade, ou não acreditaram nela. Foram figuras trágicas, atormentadas.

Pois bem: há uma imensa quantidade de pessoas no mundo que dizem não acreditar que existe mais nada além da vida, que brevemente tudo terminará, e, apesar disso, estão tranquilas. Confesso que não entendo; pensei muito em como é que se pôde chegar a esta situação, que pareceria incrível e monstruosa para Unamuno. Cheguei à conclusão de que o homem de nosso tempo tem uma e única paixão: a paixão pela segurança, segurança social, evidentemente, e o mais que se segue. É a única coisa que quer. Claro, pode-se também estar seguro da



outra vida e da imortalidade. Não sei se em outras épocas houve uma segurança tão compacta, sem fissuras; parece-me difícil que uma pessoa de nosso tempo, por mais confiança intelectual ou religiosa que tenha na imortalidade, deixe de dizer a si mesma eventualmente: — "E se não for assim?" Suponhamos, porém, que se tenha uma segurança total, plena; mesmo assim, é cabível que me pergunte se serei salvo ou condenado. A insegurança é bastante importante; imaginemos alguém cuja vaidade e presunção o assegurem de que vai salvar-se e ir diretamente para o céu; ainda assim, terá que indagar-se: — "Como será essa outra vida?" Lembro-me de uma história que aconteceu com Dom Ramón Menéndez Pidal, quando tivemos uma longa conversação religiosa, sendo ele um jovem de apenas 96 anos; como o diálogo lhe causou certa impressão, muitas vezes relembra o que eu dis-

sera sobre como imaginava a outra vida — e ele nunca falava da morte, mas sim da imortalidade. Um dia, já no final da vida, fez-me com sinceridade e boa fé completas, esta pergunta que me provocou calafrios: "Marías, acredita que poderei ver os jograis?"; como se sabe, os jograis eram poetas medievais dos séculos XI e XII, que compunham e cantavam seus versos, e que foram admiravelmente estudados por ele no livro *Poesia Juglaresca*". Um pouco surpreendido respondi-lhe — "Dom Ramón, não sei, mas acho que sim, e eu espero fazer a Aristóteles mais de quatro perguntas". E é verdade, espero fazer algumas perguntas a Aristóteles.

Pois bem, Unamuno não compreendia a atitude de renúncia nessas questões. O homem atual prefere a segurança a qualquer outra coisa, e do único que pode estar seguro é do nada. Se nada acontece, não há nenhum pro-

blema, nenhuma inquietude ou insegurança.

Acredito que sou um homem do meu tempo, embora não se possa estar mais distante do que estou dessa atitude; realmente, creio estar mais próximo de Unamuno que do homem transitório e desfibrado de nossa época, que se coloca nessa posição. Creio que Unamuno não o teria compreendido — e nem nós, contemporâneos o compreendemos; quero dizer que esta é uma atitude que se consegue somente através do esquecimento, isto é, da renúncia à imaginação. A falta de imaginação explica muitas das coisas que ocorrem no mundo; penso que esta é a raiz fundamental, por exemplo, da facilidade com que se mata hoje em dia; do terrorismo. As pessoas matam porque não imaginam o que é matar ou quais suas conseqüências; não imaginam o que é morrer e o que é perder uma pessoa querida. Não pensam, não imaginam, mecanizam-se. Essa atitude de falta de imaginação estende-se à própria vida, à própria morte. Toma-se a atitude de quem renuncia a entender, admitindo-se que nada acontecerá, que tudo termina. Provavelmente fique uma outra atitude que está mui dentro. É possível que, íntima e profundamente, a verdade seja outra, o que torna essa renúncia um pouco falsa. Isto lembra a conhecida história, tantas vezes repetida, do suicida que vai saltar em um precipício e que de súbito é ameaçado com um revólver por alguém que lhe diz: "Se pular, eu atiro", o que o faz renunciar ao suicídio automaticamente. Isto aconteceu muitas vezes; por quê? Porque ele não imaginara nada, obedecia a uma espécie de embalamamento mecânico. Muitas ocorrências explicam-se por uma crise de imaginação.

Unamuno vivia pendente da possibilidade de continuar vivendo; não creio que tivesse falta de fé, e sim excesso de esperança. Os teólogos (sobretudo quando o eram, ao invés de economistas e políticos, teólogos que falavam e pensavam sobre Teologia e sobre Deus) diziam que os pecados contra a fé ocorrem por carência, quando não se crê no que se há de crer, ou por excesso, como no caso da superstição. Os pecados contra a esperança tam-

bém podem dar-se por carência, que é o desespero, ou por excesso, chamado de presunção, *praesumptio*, a demasiada esperança e segurança da salvação. Um drama de Tirso de Molina chamado *El Condenado por Desconfiado* trata de alguém que se perde por desconfiar de sua possibilidade de salvação. Quanto a Unamuno, creio que tinha excesso de esperança, dizendo por isso coisas que não pareciam muito ortodoxas, se bem que hoje qualquer bispo diga mais. Fazia gestos extremados, para chamar a atenção de Deus, creio, para que Ele o olhasse, não o esquecesse e o chamasse para a outra vida. Acredito que esse é o núcleo último de seu pensamento e de sua atitude vital.



Muitas vezes citava o texto de uma novela romântica, *Hoberman*, de Senancour, que diz: "O homem é perecível" e observava: — "É possível, mas pereçamos resistindo. Se o nada nos está reservado, façamos com que isso não seja justo." Essa atitude de afrontar a morte, expor-se ao risco da aniquilação resistindo, fazendo com que essa aniquilação, se acontecer, não seja justa, é o núcleo da atitude de Unamuno. Procurei sempre repensá-la sob um ponto de vista diferente do seu, com recursos intelectuais diversos, de certa forma com instrumentos que procedem, alguns de Ortega, e outros, de minha modesta colheita particular.

Em meu livro *Antropologia Metafísica*, lê-se que a vida humana, isto é, o homem como tal, é uma estrutura fechada que termina na morte, e há uma idade — não a chamada "terceira idade", isso não digo nunca — que é a última, a velhice, que se caracteriza por não haver outra depois. Sim, é uma estrutura fechada que desemboca na morte mas, observando-se sob outro ponto de vista, a vida humana como tal é projeto, é projetiva, não havendo nenhuma razão para que eu deixe de projetar; podemos continuar fazendo-o indefinidamente. Então, a vida pessoal, nesta acepção, aparece como uma estrutura aberta, que

postula e pede a imortalidade. Portanto, é este o problema que formulo: é possível a vida humana com outra estrutura empírica? Talvez; parece possível e razoável — não seguro; por que? Porque se trata de uma estrutura empírica e empírico é aquilo que se conhece pela experiência; até que tenha experimentado, não poderei estar seguro. Portanto, sob o ponto de vista religioso e da fé, pode haver segurança; sob o ponto de vista estritamente intelectual e filosófico, a continuação do homem depois da morte parece razoável, possível, provável — e insegura. Esta seria minha posição; creio que talvez fosse, de algum modo, consoladora para Unamuno.





O RITMO DA VIDA ATRAVÉS DOS PLANETAS

ASTROFILOSOFIA

Na antiguidade já se sabia que o desenrolar da vida humana obedece a um ritmo determinado. Há 2.500 anos, na China, disse Confúcio: "Aos quinze anos, aplicava-me ao estudo da sabedoria; aos trinta, andava, com passos firmes, no caminho da virtude; aos quarenta, tinha a inteligência perfeitamente esclarecida; aos cinquenta conhecia as leis da Providência; aos sessenta, compreendia, sem necessidade de refletir, tudo o que ouvia; aos setenta, por seguir os desejos de meu coração, não transgredia regra alguma." ¹

Os astrólogos ocidentais acreditam que a vida desenvolve-se segundo periodicidades rítmicas, a cada sete anos; estes períodos setenais são regidos pelos planetas, de acordo com a sequência em que estão localizados em nosso sistema planetário.

Os primeiros vinte anos de existência são comandados pela Lua, que rege o crescimento, a imaginação, o subconsciente. Acredita-se que o homem neste período mantenha ainda uma profunda ligação com o corpo astral da mãe; por esta razão, uma crença de aceitação, quase universal estabelece que mãe e filho não devem ser separados antes de a criança completar sete anos de idade.

Dos sete aos quatorze anos, a vida é regida por Mercúrio; a criança, nesta

fase de muita receptividade, faz contato com o mundo, não esquecendo, pelo resto de seus dias, os conhecimentos agora adquiridos; mesmo que provavelmente não os compreenda bem nesta etapa, acorrerão à memória mais tarde, quando necessário.

Antes dos livros, a transmissão de conhecimentos fazia-se oralmente, de geração para geração. É assim que, na Índia, o pequeno brâmane memoriza os Vedas, as Upanishads, a Bhagavad Gita, antes mesmo de poder entendê-los o significado. Na Europa antiga, igualmente, era habitual que a criança aprendesse versos bíblicos e excertos de poesia clássica, que constituiriam, num futuro, a base de seu conhecimento filosófico.

Um dos equívocos da pedagogia moderna é acreditar que tal memorização fatiga o cérebro infantil; isto ocasionou a modificação do ensino, privando-se, deste modo, a felicidade de relembrar, à luz da futura compreensão, o aprendido na infância.

Dos quatorze aos vinte e um anos, com o planeta Vênus como regente, está-se na época do despertar do amor pelo sexo oposto, sobretudo através da sensibilidade e do romantismo e não, essencialmente, através do sexo. Nos nossos dias, a propaganda tende a antecipar o despertar da sexualidade, pri-

vando a juventude da transição do amor romântico e fazendo também com que o amor adulto seja falto de sensibilidade.

Entre vinte e um e vinte e oito anos, o regente é Marte. É a ocasião do emergir da sexualidade como integrante da energia vital e do ingresso na vida social; escolhe-se a profissão, luta-se por ela, estabelece-se a família, geram-se os filhos.

Dos vinte e oito aos trinta e cinco anos, o homem, auxiliado por Júpiter, o qual lhe propicia que atinja a situação profissional adequada, pode então preocupar-se com a política e a vida da comunidade.

Entre trinta e cinco e quarenta e dois anos, a vida mundana está limitada por Saturno. O homem vê a si mesmo como restrito: à família, à profissão, à situação de cidadão de sua comunidade. Neste estágio, a maioria dos seres humanos pára e, em busca de novos estímulos, se interessa por esportes, jogo, álcool. Mas este procedimento, embora seja o corriqueiro, não concede o suficiente àquele que já tenha atingido uma maturidade interior; este buscará o novo através da transcendência do mundo terrestre.

Quarenta e dois a quarenta e nove anos: chegou o momento em que Urano abre a visão espiritual. Intuitivamente, o homem procura compreender o

sentido da vida, isso agora lhe parecendo possível. Principia a valorizar e compreender a religiosidade, as diversas religiões, e é pela ampliação do horizonte mental que vai em busca do desconhecido.

O período dos quarenta e nove anos aos cinquenta e seis anos é regido por Netuno, planeta inspirador.

Dos cinquenta e seis aos sessenta e três anos, aquele que procura a compreensão maior pode encontrar dentro de si a força reveladora de Plutão. "Conhece-te a ti mesmo": este lema estava inscrito na arquitrave do templo de Delfos. Porém, tal conhecimento exige a mais extensa memorização do passado, que é tentada pela análise profunda. Relembrando ações passadas, criticá-las-emos, espantando-nos com os nossos fracassos diante de determinadas situações. Esta atitude, este purgatório, constitui uma avaliação do passado que pode modificar o resultado concluído pelo "computador cósmico". A recordação total de nossa vida atual levará à memória de existências pretéritas, aniquilando o conceito de tempo e instalando o presente eterno.

Além da periodicidade, rítmica de sete anos — modificadora do interesse humano conforme a influência do planeta regente do período — o horóscopo individual revela um outro ritmo de setênios, provocado pela transição de Saturno sobre o horóscopo natal.

A duração de cada volta desse planeta ao redor do sol é de 29 anos e

167 dias. Mais ou menos a cada sete anos, apresenta um aspecto negativo — quadratura, conjunção e oposição — devido à sua posição no horóscopo natal, gerando uma limitação no seto que atravessa. Quando regressa ao ponto de partida, após os vinte e nove anos, o nativo atravessa um período de crise existencial, conseqüente, de certo modo, à avaliação dos últimos vinte e oito anos de sua vida. A cada toque do Saturno transitório num ponto sensível do horóscopo, emerge uma crise, porém, na segunda volta, ao serem tocados os mesmos pontos, a sensibilidade do indivíduo não responde com a mesma intensidade, em razão da experiência já incorporada. Júpiter, ao efetuar, a cada quatro anos, um trígono ou conjunção com sua posição natal, abre sempre um espaço à esperança. O trânsito dos três planetas transaturnianos sobre pontos sensíveis e aspectos do mapa radical provocam períodos significativos na vida da pessoa.

Porém, como as trajetórias elípticas dos planetas transsaturnianos ao redor do sol são mais achatadas que a da Terra, as quadraturas não são tão regulares como as de Saturno. A crise gerada por Netuno em quadratura com seu ponto de partida manifesta-se entre os quarenta e dois e quarenta e seis anos.

A primeira quadratura de Urano com seu ponto de partida dá-se por volta dos vinte e dois anos, época em que ocorre, geralmente, o desligamento do lar paterno.

A crise ocasionada por Plutão ao entrar em quadratura com sua posição no horóscopo natal é ainda mais indefinida: para os nascidos no início do século acontece aos sessenta anos; para aqueles que nasceram na metade do século, acontece já aos quarenta.

A superação das crises inevitáveis da vida depende, forçosamente, do grau de maturidade do indivíduo, o que não é indicado pelo horóscopo. Portanto, é problemático julgar-se uma pessoa apenas através dele, sem haver um contato maior com ela.

Para exemplificar essa dificuldade, tomemos o caso de duas gêmeas, nascidas de uma cesariana, no mesmo momento. Certo dia, enquanto uma se dirigia a uma aula de Mitologia Comparada, a outra, aproveitando a mesma condução, foi à aula de sapateado, no clube próximo. Ambas buscavam um novo aprendizado: a primeira, no âmbito intelectual, a segunda, no esporte. As duas contaram com o estímulo de Júpiter no nono setor, que propicia o desejo de aprender coisas novas, porém os interesses individuais divergiam, o que denota diferentes estados evolutivos.

Não é possível avaliar-se o grau de evolução de alguém pelo número de planetas apresentado por uma das três seções de seu horóscopo.² Inúmeros planetas na primeira seção — vital e material — embora possam indicar alto grau de desenvolvimento, mostram também que há necessidade de resolução de problemas materiais. Aquele que apre-



sentar muitos planetas na segunda seção será uma pessoa com problemas psíquicos. Muitos planetas na terceira seção nem sempre são indicadores de acentuada evolução; podem significar uma ambição desmedida.

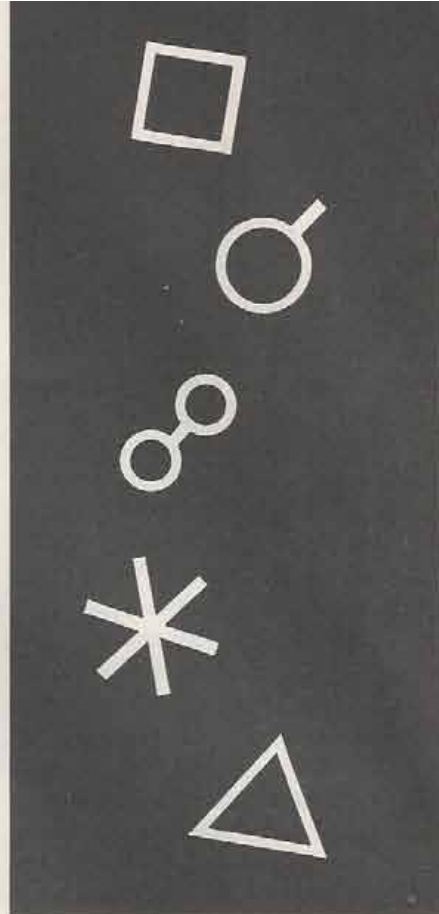
É mais fácil definir um grau de desenvolvimento através dos bons aspectos que certos planetas criam entre si; por exemplo, um trígono entre Júpiter e Saturno está presente nos horóscopos de muitos líderes espirituais; por outro lado, verifica-se que horóscopos de poetas geniais formigam de maus aspectos.

O horóscopo informa sobre o caráter do nativo e, conseqüentemente, sobre seu destino. Porém, a maneira como ele enfrenta este destino depende de seu grau evolutivo e de sua essência, que diz respeito ao espaço cósmico, não ao sistema planetário.

É excessivamente materialista o projeto de gerar-se, em proveta, crianças superdotadas, através do armazenamento do esperma de homens geniais. A genialidade não é decorrente dos genes herdados dos pais, e sim do grau evolutivo de quem nasce; não se nasce genial por ser filho de pais geniais. Goethe, mundialmente famoso já aos vinte e seis anos de idade, a ponto de Napoleão, que quis conhecê-lo, ter dito ao saudá-lo: *Voilà un homme!*, era filho de um pai culto, embora sem maior destaque, e tinha uma irmã medíocre. O que con-

firma a importante declaração do poeta Gibran Kalil Gibran: "Nossos filhos não vêm de nós, mas sim através de nós". É possível que certos talentos sejam herdados, como a musicalidade na família dos Bach; contudo, a genialidade de Johann Sebastian não foi herdada por nenhum dos filhos.

Surge ainda outra pergunta: já que acreditamos na influência planetária no momento do nascimento sobre o caráter humano, seria possível estabelecer data e hora favoráveis ao nascimento de um filho? Pelas experiências feitas até agora, parece difícil. Em muitos casos, nos quais constava a hora exata da concepção, o filho não obedeceu às regras: não nasceu exatamente aos nove meses, mas até três semanas depois do previsto, ou antes da hora calculada. A mulher que concebe não é uma máquina; diversos fatores cósmicos podem alterar-lhe o ritmo biológico. Mesmo a hora exata de um nascimento, a qual é determinante do Ascendente e da posição da Lua no horóscopo, é de difícil cálculo, em virtude de fatores humanos que sempre podem interferir. Ainda que uma cesariana seja realizada no momento preciso, é possível que o metabolismo da criança não principie sua atividade no tempo calculado, demorando para iniciá-lo, o que se dá através de sua primeira respiração.³ Considerando-se as inúmeras cesarianas que se fazem atual-

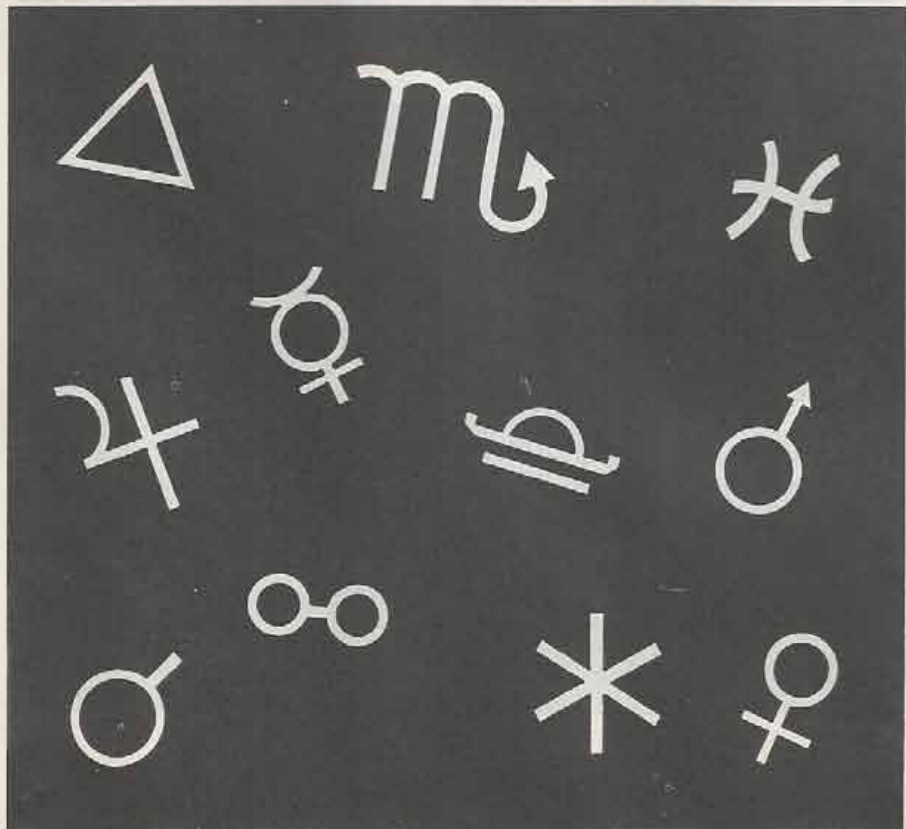


mente, é oportuno indagar se o nervosismo constatado em muitas crianças nascidas recentemente não estaria ligado à sua insatisfação por sentir-se num corpo a que não estava predestinada pelo "computador cósmico". Existem razões espaciais inacessíveis à nossa razão. O pensamento lógico depara sempre com um limite que somente nossa intuição pode transpor.

ILSE MARIA SPATH

NOTAS

1. Confúcio, *Os Analectos*. Ed. Pensamento, S. Paulo, p. 66, seleção, tradução e coordenação, textos introdutórios e bibliografia por Múcio Porphyrio Ferreira.
2. As seções do horóscopo aqui mencionadas referem-se, respectivamente: 1ª seção: da 1ª à 4ª casa; 2ª seção: da 5ª à 8ª casa; 3ª seção: da 9ª à 12ª casa. Por vezes faz-se analogia também com os signos. Assim, teríamos: de ♈ a ♋, 1ª seção; de ♌ a ♍, 2ª seção; e de ♎ a ♏, 3ª seção.
3. Em Astrologia, considera-se, comumente, que a criança começa a viver, de fato, no mundo da manifestação, após sua primeira respiração, quando então se romperia o vínculo físico com a mãe e seu corpo entraria em funcionamento independente. A astrologia hindu determina como início, a atividade dos chacras — centros biológicos de energia — através da primeira respiração.



LIBERDADE, RESPONSABILIDADE

qWtyuioPçlkjhgfdasaxcvbnmm,.234567yhnbgt5678ik,mju789ooska1.....1908:0:9|8:7

IML...S...H

E SOCIEDADE INFORMATIZADA

Eu me encontro numa posição estranha, quase embaraçosa. Devo fazer uma palestra num programa sobre a sociedade informatizada. A sociedade informatizada é uma idéia muito interessante e é também a razão da minha confusão. Quando concordei em participar desta série de conferências, pensei: "Se tanta gente fala sobre a sociedade informatizada, ela, certamente, deve estar por aí". De uma forma não muito convincente, me repreendi por não ter percebido a sua chegada. Então refleti novamente: "Os filósofos são conhecidos por se trancarem em torres de marfim, assim, devo ter cochilado sobre algum tema filosófico obscuro, enquanto a sociedade informatizada, triunfalmente, tomava o seu lugar". "Desde que está aqui", eu continuava a pensar, "vamos dar uma espiada e observar as suas características gloriosas".

E aqui está a razão do meu embaraço: eu não consigo vê-la. Não vejo nenhuma sociedade informatizada que seja digna de ser qualificada como "sociedade". Como Diógenes, procurei com a minha lanterna nos vários recantos e encruzilhadas por sinais de existência da sociedade informa-

tizada como uma nova forma social. Minha busca, porém, revelou ser infecunda.

É verdade que vejo uma porção de computadores ao meu redor. Mas isto não constitui um novo tipo de sociedade. Ouço uma porção de conversa fiada sobre a revolução da informática. Mas isto também não cria uma nova sociedade. Talvez eu seja um pouco antiquado. Ou quiçá um pouco teimoso, resistindo a novos termos que tentam me persuadir da presença de um fenômeno que pode, na realidade, não existir. Podemos falar sobre uma porção de coisas fictícias. E o fato de falarmos sobre elas não justifica a sua existência. Deixem-me, portanto, expressar meu argumento principal.

Se vivemos numa sociedade informatizada, por que somos tão mal-informados? O presidente não é informado. Nós não somos informados a fim de sabermos como orientar nossas vidas. Evidentemente, é necessário muito mais do que os *bits* de informação que podemos armazenar nos computadores. Todos os bilhões e zilhões de *bits* armazenados em computadores podem ajudar-nos muito pouco.

Na minha modesta opinião, o que está envolvido, e o que se requer, é discernimento, sabedoria, iluminação. O julgamento, o discernimento, não se torna mais sábio adquirindo mais *bits* de informação, qualquer

que seja o tipo. Tornamos os julgamentos mais sábios transformando-nos em pessoas mais sábias. Adquirimos maior iluminação tornando-nos pessoas iluminadas, não um reservatório de informações (pois as enciclopédias se prestam a esta finalidade), mas uma fonte de luz. Em todos os três casos — discernimento, sabedoria, iluminação — estamos tratando de novas qualidades.

A sociedade informatizada trata somente de quantidades. A sociedade informatizada não conhece o significado da qualidade; os computadores muito menos. Por esta razão a sociedade informatizada (baseada na informação do computador) não nos pode ajudar a adquirir qualidade: quer de julgamento, de sabedoria ou de iluminação.

Lembremo-nos, também, de que toda sociedade tem sido uma sociedade de informação. Precisamos então saber de que maneira a nossa sociedade informatizada difere das outras. O que é "qualitativamente" diferente em nossa sociedade informatizada quando a comparamos com outras sociedades que igualmente dependem do fluxo e da troca de informação para a sua existência. A resposta a nossa questão é, evidentemente, o computador. O fato de ser uma resposta tão simples a torna inadequada. Qualquer que seja o número de computadores, estes não podem criar uma nova sociedade.

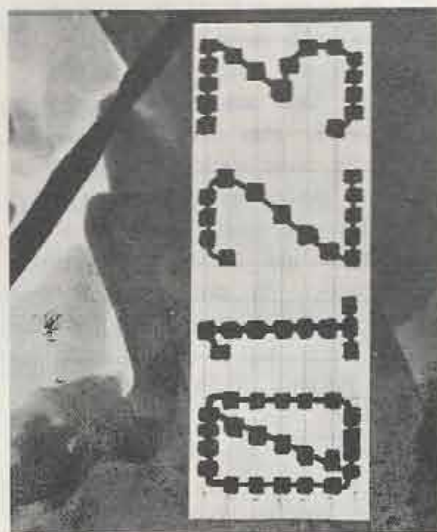
A tarefa mais difícil

Conceber um novo projeto social, ou criar uma nova sociedade, é uma tarefa muito mais complexa que dividir o átomo ou inventar a máquina a vapor. Durante o último milênio, especialmente nos últimos dois séculos, a civilização ocidental demonstrou a sua perícia em inovações técnicas. Não podemos reivindicar o mesmo poder de inventiva no domínio social. Além disso, podemos ficar admirados ao descobrir que as principais invenções de caráter social datam de mais de 25 séculos atrás. A democracia foi a última grande invenção social do mundo ocidental. Todas as outras formas sociais, a que demos continuidade, nasceram antes do despertar da razão grega.

O legado social da mudança tecnológica é algo sobre o que deveríamos realmente refletir. Estou me referindo àquelas invenções sociais que surgiram na esteira das mudanças tecnológicas, ou foram induzidas por elas em épocas recentes. Aparentemente as únicas inovações sociais recentes da sociedade tecnológica são os *shopping centers* e os subúrbios. Eles foram criados inadvertidamente, surgiram por descuido. O *shopping center* funciona de uma forma parecida à praça comunitária das sociedades tradicionais: ele atrai as pessoas de toda a área ao redor; mas com uma diferença. Enquanto a praça tradicional, ao redor da fonte, era um centro vital de intercâmbio de informações, de aguçamento da capacidade mental, e uma verdadeira escola social para a vida, o centro comercial é um monumento à não-comunicação, ele entorpece a mente pela espantosa uniformidade de mercadorias, e é uma escola de alienação.

Os subúrbios são como as vilas dos velhos tempos. Mas enquanto a vila se pautava pela auto-suficiência e desenvolvia o espírito gregário e a convivência entre as pessoas, os subúrbios transmitem o isolamento, a dependência de bugigangas, e preparam o terreno para o enfado a ser aplacado pelos tóxicos.

Não queremos nos deter no ponto óbvio. Mas a alienação tornou-se a marca registrada da tecnologia avançada. Deve haver algo de profano na natureza da fera se ela continuamente cria — mesmo que inadvertidamente — essas situações indesejáveis. Vamos colocar as coisas de maneira clara, mudanças tecnológicas têm produzido um mutante social indesejável: a família nuclear e o indivíduo isolado, que está em contato com o mundo através do ato de apertar botões, mas que não pode ser tocado pelos seus vizinhos ou estar em contato consigo mesmo. A mudança tecnológica vem requerendo uma mudança social correspondente, baseada na imaginação e na inventividade. Ao invés disso, nós nos tornamos entorpecidos, aguardando, estupidamente, pelos frutos da cornucópia.



Parece, assim, que há uma lei que governa a mudança tecnológica: quanto mais sofisticada se torna a tecnologia, mais ela nos desengaja da vida. Chamarei a esse princípio de Lei de Skolimowski. A questão é se os desenvolvimentos recentes da eletrônica e dos computadores representam uma exceção a esta regra. Estamos mais perto da vida e de nós mesmos como resultado da revolução da informática? Estaremos mais perto da vida se cada um de nós vier a possuir um computador pessoal? Às vezes tenho dúvidas. E suponho que vocês também as tenham.

Entretanto esses computadores pessoais estão se multiplicando e muitas pessoas dizem que eles são maravilhosos! Pessoalmente não consegui entender por que eles são tão maravilhosos e o que eles realmente fazem para se tornarem tão maravilhosos. Conhecendo bem as minhas limitações, procurei ao meu redor pessoas com conhecimento, de quem eu pudesse aprender, isto é, procurei especialistas.

Programas de sabedoria

Acho que encontrei a resposta; pelo menos uma resposta fornecida por Marcian E. Hoff Jr., um executivo de alto nível na conhecida empresa Atari. Assim, um dos diretores da Atari nos informa que "o computador pessoal é uma solução maravilhosa procurando um problema".

Agora eu entendo. No entanto, muitas pessoas falam ou se comportam como se o computador dos anos 80 representasse o que as drogas representaram para os anos 60: uma extensão do ego. Outro dia ouvi, de ninguém menos do que do conhecido "guru" dos anos 60, Timothy Leary, o desdobramento deste argumento. E ele o fez com muita convicção. Ele acreditava tão firmemente na idéia de que os computadores são mais espertos que nós, e que estamos entrando numa fase de completa simbiose com eles, que eu fiquei perplexo — até que o entrevistador fez a Leary a seguinte pergunta: "Parece que temos uma abundância de informações. Mas a sabedoria parece estar escassa. Será que os computadores nos suprirão com sabedoria?" Ao que Leary respondeu, sem hesitação: "Sim, sim, daqui a cinco anos nós teremos programas de sabedoria. Por 39 dólares você poderá comprar um programa de sabedoria e jogar um jogo de sabedoria com o computador". Neste ponto descobri que era tudo asneira. Se alguém pensa que pode comprar um programa de sabedoria, então não sabe do que está falando; e talvez nunca a descubra se aceitá-la nos termos do computador.

Desse modo, há uma grande quantidade de conversa fiada e, frequentemente, de simples baboseira quando se fala sobre a grandeza da nova era do computador. Quando ouço atentamente esses argumentos exagerados, que na maioria dos casos são falsos, sou persuadido a acreditar (no íntimo, ao menos) que, se a sociedade informatizada significa comprar programas de sabedoria, significa isolar-se para viver mais perto da natureza, significa ter todas as coisas feitas para você por computadores e robôs, então você pode ficar com ela, eu não o acompanho! Quero uma sociedade que me engaje com a vida, ao invés de me afastar dela.

O colunista Sidney I. Harris esclareceu bem o ponto quando afirmou: "O perigo real não é que os computadores comecem a pensar como os homens, mas que os homens comecem a pensar como os computadores".

Talvez já tenhamos começado a fazer isso — dadas as tolices que se dizem a respeito da grandeza da nova sociedade informatizada.

Nossa liberdade está assegurada?

Minha palestra tem por título: *Liberdade, Responsabilidade e a Sociedade Informatizada*. Deixem-me agora dizer algumas palavras sobre liberdade e responsabilidade. Em que sentido e até que ponto os computadores podem nos tornar mais livres? A posse da informação não nos torna livres. Será que nos comunicamos melhor uns com os outros quando temos computadores à nossa disposição? Dificilmente. A essência do intercâmbio humano é a capacidade de empatia com o estado interno de outras pessoas, é uma troca de emoções, visões e coisas que nos tornam singularmente humanos; o tipo de coisa que não pode facilmente — se é que pode — ser traduzida em objetivos *bits* de informação.

Nossas vidas tiveram de ser ajustadas em função das demandas do computador. Mas será que a nossa liberdade aumentou? Computadores e invasão da privacidade é um tema conhecido. Não me estenderei sobre ele, pois todos sabemos da ameaça em que a

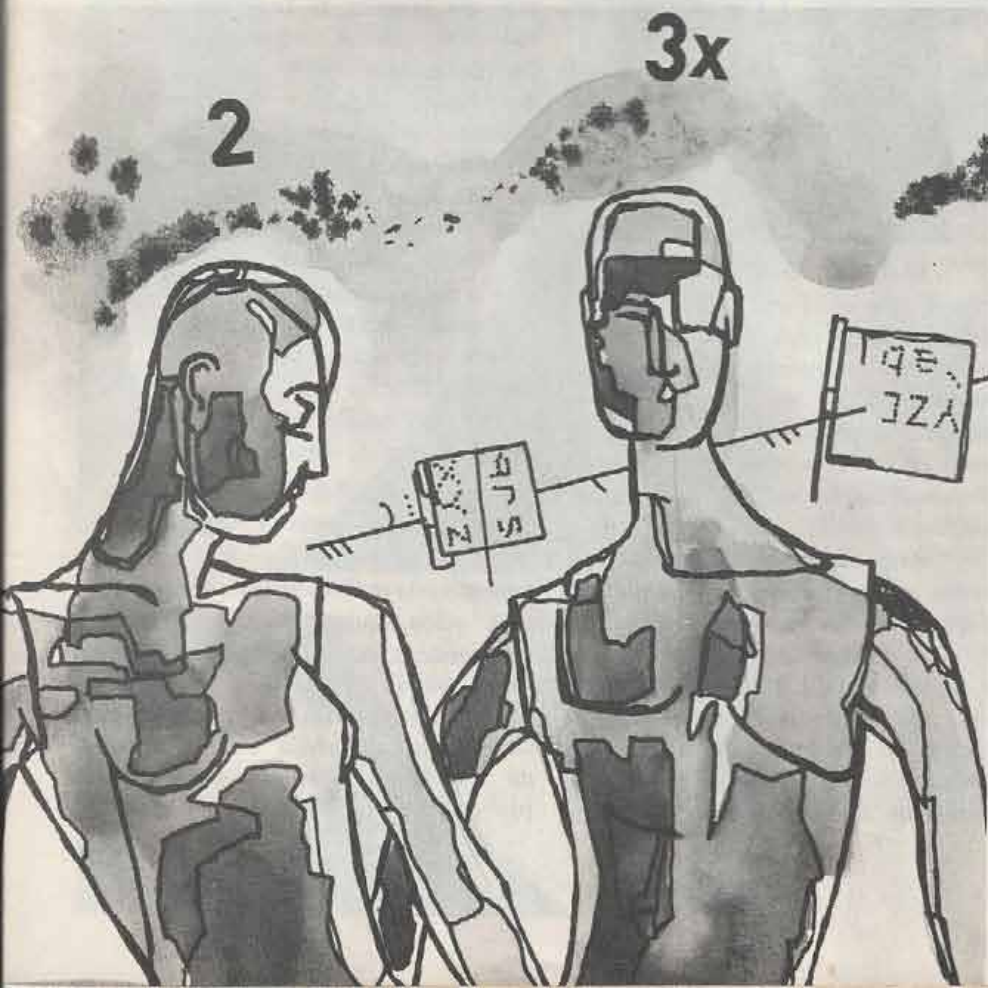
informação armazenada no computador pode se transformar, se ela diz respeito aos nossos hábitos íntimos. Nós não queremos que os outros conheçam a história das nossas doenças, ou quais são os nossos hábitos sexuais, ou ainda quais as nossas preferências e aversões emocionais — pois esse conhecimento poderia levar à manipulação, ao controle e à coerção.

Agora sejamos gentis para com os computadores e pensem em termos positivos. Vamos supor que cada um de nós possua um computador pessoal que nos auxilia em tudo o que fazemos. Será que isso representaria um aumento de nossa liberdade? Com todo o respeito, eu entendo que não. Ao contrário, isto reduziria a nossa liberdade. Permitam-me explicar.

Liberdade é equivalente à capacidade de efetuar escolhas não previamente delineadas para você, mas escolhidas por você. Liberdade é o privilégio de estar conciliado com a sua natureza humana. Quanto mais estruturado o ambiente, menos alternativas de escolha (no sentido genuíno) nós possuímos.

O ambiente computadorizado será altamente estruturado, um dos mais estruturados da história. De fato, será tão estruturado que, do ponto de vista da liberdade tradicional, um ambiente perfeitamente computadorizado representará uma forma de prisão eletrônica. Todo intercâmbio terá que ser desempenhado conforme as regras do computador; não há espaço para a espontaneidade, a improvisação, o subterfúgio, o inesperado, o não-estruturado. Como diz Ivan Illich: "O que quer que estruturalmente não se enquadre na lógica das máquinas é efetivamente filtrado de uma cultura dominada pelo seu uso". Como se pode falar em liberdade nessas circunstâncias?

Além disso, não pode haver liberdade sem o exercício da responsabilidade. Não se pode exercer responsabilidade se tudo é feito para nós. Liberdade é a capacidade para agir quando a nossa ação decorre da responsabilidade. A responsabilidade é anulada quando nós nos tornamos um



apêndice dos computadores e robôs; e dessa mesma forma também se anula a liberdade.

Nossa liberdade é auxiliada por equipamentos mecânicos e eletrônicos apenas até um certo ponto. Além desse limite, o aumento de mecanização e de automação não contribui para o aumento da nossa autonomia e da nossa liberdade, mas, pelo contrário, ajuda a diminuí-las, bem como a nossa dignidade. De forma que, quando passamos a viver num mundo totalmente computadorizado, no qual todas as nossas funções cotidianas são automatizadas, não temos nem autonomia, nem liberdade. A total automação e programação pelo computador não é uma expressão de liberdade, mas de escravidão. No outro extremo do espectro está Deus, para quem nada é feito, que é totalmente livre, na medida em que assume a responsabilidade por tudo e todos. Nos últimos tempos estamos sendo levados de um extremo do espectro, Deus, para o outro extremo do espectro, o computador.

Responsabilidade e humanidade

Há um outro argumento que sustenta que a sociedade computadorizada tornará a democracia participativa uma realidade e que, com isso, nossa liberdade será aumentada. Quando todos tivermos computadores pessoais, poderemos votar diretamente e, através deles, participar de um processo democrático por excelência. Analisado superficialmente, esse argumento parece atraente e plausível. Quando se olha mais a fundo, entretanto, ele não é tão consistente quanto parece. Será que o voto através de nossos computadores pessoais vem a ser um passo importante em direção à democracia participativa? Dificilmente. Nós, como seres humanos, não estaremos realmente participando, só os computadores estarão. O processo inteiro da chamada democracia participativa acontecerá nos termos dos computadores: desta maneira, ele será reduzido ao ato de apertar botões e perfurar cartões.

Será essa a democracia participativa em ação? Quando nunca se está apto a dizer a outros seres humanos o que se sente e como se pensa? Em resumo, para haver uma democracia genuína é necessário haver sabedoria para votar sabiamente e existirem pessoas sábias em quem votar. De outra maneira, a democracia participativa via computadores passa a ser outro jogo de aparências.



Ressaltei anteriormente que, a menos que se exercite a responsabilidade, não se pode de fato exercer a liberdade. Analisemos o conceito de responsabilidade no contexto da sociedade informatizada, e vejamos se esta facilitará o exercício de nossa responsabilidade ou se, pelo contrário, a suprimirá.

Responsabilidade é um dos conceitos mais peculiares de nosso idioma e do nosso universo moral.

É muito difícil de se definir; e é mais difícil ainda se viver sem ela. Não existe nenhuma necessidade lógica ou natural para assumir responsabilidade. No entanto nós nos tornamos menos que seres humanos

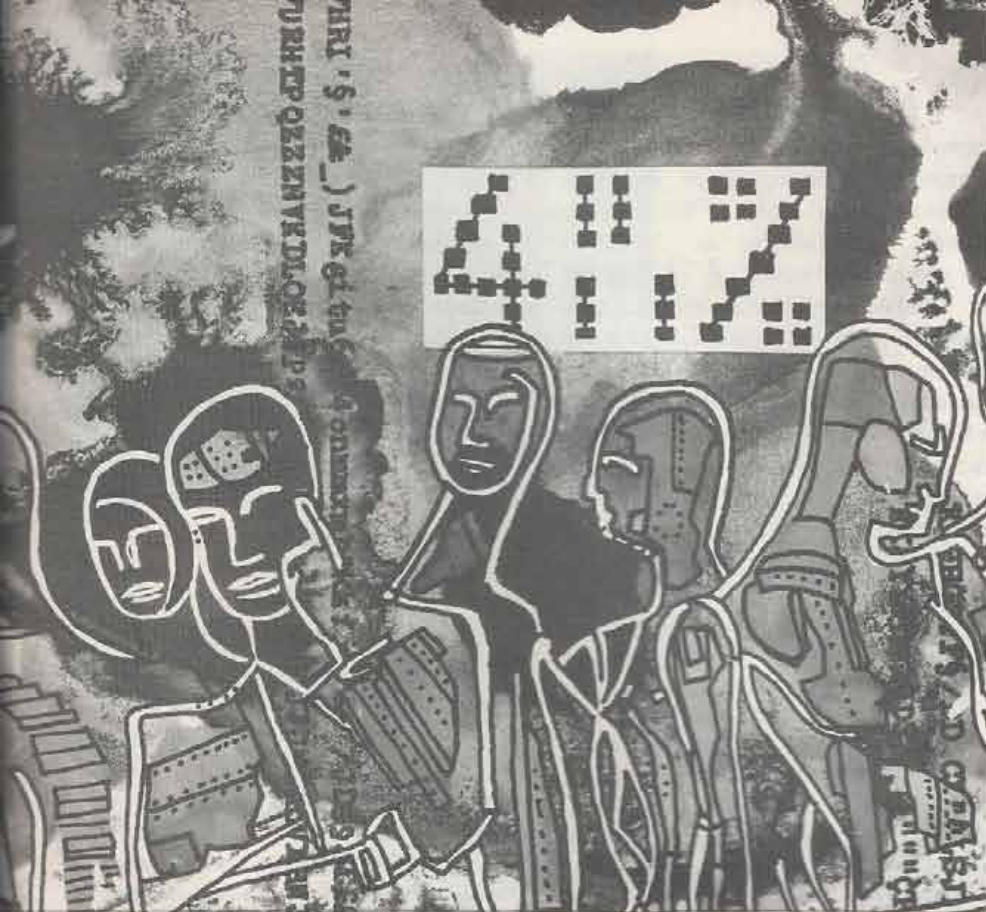
quando não a assumimos. A responsabilidade é uma daquelas forças humanas invisíveis — como a força de vontade —, para as quais não há necessidade lógica ou natural, mas sem a qual a história humana é inconcebível.

Na sociedade de consumo, queremos escapar da responsabilidade presumindo que sem ela as nossas vidas serão mais fáceis e melhores, quando, de fato, as nossas vidas se tornam mais pobres e superficiais. Tal como a fé, a responsabilidade quando a assumimos, enaltece a riqueza de nossa existência; quando nos falta, a diminui. O que o sangue é para o corpo, a responsabilidade é para o espírito.

Ser humano é viver num estado de responsabilidade. Quando não estamos aptos a assumir responsabilidade, ou quando voluntariamente dela abrimos mão, nós estamos, em certo sentido, anulando o nosso *status* como seres humanos. Os escolhidos pelos deuses são aqueles que possuem um senso de responsabilidade beirando a obsessão, como Buda ou Jesus. Os abandonados pelos deuses são aqueles destituídos do senso de responsabilidade — mesmo quando este diz respeito às suas próprias vidas. Os grandes líderes espirituais da humanidade, bem como os grandes líderes sociais e políticos, são marcados pelo seu enorme senso de responsabilidade.

O senso de responsabilidade não está limitado à grandeza deste mundo. Todos nós o conhecemos. O que vem a ser a consciência de “vida desperdiçada” senão o reconhecimento de que cada um de nós é portador de responsabilidades que ultrapassam os limites de nossos pequenos egos e de nossas lutas do dia-a-dia?

A responsabilidade é vista num plano cósmico como a última conquista da evolução. Ela surge quando a consciência se torna autoconsciência e, mais ainda, quando a autoconsciência (tentando se refinar) assume uma causa moral: o encargo da responsabilidade por outros. A responsabilidade assim concebida é uma forma de altruísmo. A tendência de escapar da responsabilidade é um impul-



so puramente biológico, um gesto em causa própria, uma forma de egoísmo. Desta maneira, estas duas tendências, a altruística (aceitando a responsabilidade por todos) e a egoística (escapando dela para dentro da casca do nosso próprio ego), estão continuamente em conflito dentro de nós. E cada um de nós conhece as agonias resultantes deste conflito.

Quando observamos as vidas de grandes homens e mulheres, vidas completas e realizadas, não podemos deixar de notar que elas foram invariavelmente inspiradas por um grande senso de responsabilidade. Aqueles que se sacrificaram em nome desta responsabilidade não tiveram o sentimento de uma vida desperdiçada. Seus exemplos são recebidos como algo nobre e inspirador. O senso de responsabilidade está imbuído em nossa estrutura psíquica como um atributo da existência humana, e como uma força positiva.

A pequenez do homem ou a sua grandeza podem ser avaliadas pelo grau de responsabilidade que ele é capaz de exercer para com sua própria vida, para com as vidas de outros, para com tudo o que existe. As crianças pequenas e os doentes

mentais estão fora do compasso da humanidade precisamente porque não são capazes de exercer responsabilidades, quer para com as suas próprias vidas, quer para com as dos outros. Eles estão além do bem e do mal, além da virtude e do pecado, além das restrições e dos prazeres que unificam a família humana.

Ser humano é viver em estado de responsabilidade. Entretanto, através da separação sistemática dos seres humanos dos ciclos da natureza, bem como por meio do processo de delegar decisões importantes a especialistas, a tecnologia contemporânea nos tem desengajado sistematicamente da vida. Nossas existências se tornaram cada vez mais desconectadas, atomizadas e trivializadas. Este aspecto particular da tecnologia contemporânea a torna mais prejudicial para o futuro da raça humana do que qualquer tipo de desastre tecnológico. (Descarto, por enquanto, a destruição de *eco-habitats* e de sociedades humanas através da excessiva dependência da máquina).

Responsabilidade e tecnologia devem, nesta época da história, ser confrontadas entre si. A tecnologia que sistematicamente nos priva de

responsabilidade (delegando tudo a especialistas) representa a vitória do mal. Pois se tudo for feito para nós, se nós não pudermos exercer nossas responsabilidades, nós não seremos mais seres humanos.

Como salientei anteriormente, Deus é aquele para quem nada é feito. Deus faz tudo. E a sua responsabilidade é infinita. Quanto mais perto se está de Deus, mais responsabilidade se exerce. Quanto menos responsabilidade se exerce, maior é o distanciamento de Deus (seja qual for a concepção de "Deus" adotada) e da própria humanidade. Quer se analise a questão teologicamente ou existencialmente, responsabilidade é a pedra angular do nosso *status* como criaturas humanas e espirituais.

Pode-se agora ver claramente os objetivos dos meus argumentos: mostrar que, à medida em que a sociedade informatizada — ou ao menos os computadores — entrar em cena e nos privar da responsabilidade, nossa condição humana é diminuída. É uma pena, e certamente uma cegueira de nossa época, que os patrocinadores da era do computador não se dediquem a este problema.

Em retrospecto, podemos agora ver que cometemos um erro sério há cerca de três séculos quando decidimos tornar as coisas mais fáceis para nós. Assim fazendo, temos empobrecido o nosso *status* como seres humanos. Este erro não foi tecnológico, mas filosófico. Todos os erros sérios são filosóficos ou religiosos.

Qualquer sociedade que mereça esta designação é uma sociedade humana, é uma sociedade para nós, humanos, e não para o funcionamento regular de computadores eficientes. Alguns de vocês talvez já tenham percebido que o que eu estou advogando não é tanto a sociedade informatizada, mas a sociedade da sabedoria. Nosso dilema foi magnificamente resumido por T. S. Eliott que disse, há cinquenta anos atrás:

Onde está a vida que temos perdido vivendo, onde a sabedoria que temos perdido no conhecimento, onde o conhecimento que temos perdido na informação?

Precisamos de sabedoria para nos tornarmos responsáveis. Precisamos de sabedoria para lidar com informações. Atualmente temos uma superabundância de informações que não estamos aptos a digerir. Como sociedade estamos superinformados e subesclarecidos.

Necessitamos de uma sociedade sábia nos portões para permitir a entrada da sociedade informatizada. Como São Pedro nas portas do paraíso, a sociedade da sabedoria guardará e examinará o que a sociedade informatizada traz consigo. Não estou de forma alguma sendo jocoso. A menos que alcancemos alguma forma de discernimento que julgue e selecione, seremos arrastados para o esquecimento, ou ficaremos paralisados ante a incompreensibilidade da maré dos fatos.

A sabedoria não é uma só

Mas o que vem a ser a sabedoria? Mesmo os indivíduos sábios hesitam em responder esta questão. Para começar, sabedoria é a posse do reto conhecimento. Mas a sabedoria é também o correto modo de ser.

A sabedoria é o equilíbrio do nosso próprio ser em relação aos outros seres e ao cosmo. Não devemos evitar termos como "cosmo", pois somos criaturas do cosmo e, até que encontremos nosso lugar nele, é pouco provável que achemos paz interior, e é a este tipo de equilíbrio que eu denomino sabedoria.

Sabedoria não é a posse de um conjunto de princípios permanentes e portanto não pode ser encontrada nas *Upanishads* ou na *Bíblia*, nem mesmo na *Bhagavad Gita* ou no *Corão*, e nem tampouco na *Doutrina Secreta* ou na *Divina Comédia* de Dante. Cada um destes grandes textos representa uma resposta específica a problemas e condições de realidades históricas específicas. Com o passar do tempo, as condições, os problemas e as realidades históricas mudam.

A sabedoria é a posse do reto conhecimento mas para um determinado estágio do mundo, para de-

terminadas condições sociais, para determinadas articulações da condição humana. Desde que a situação do mundo se modifica, as condições da sociedade mudam, as articulações do conhecimento avançam, e, portanto, o grau de articulação do ser humano evolui, a mente e as sensibilidade humanas se tornam mais refinadas. Não podemos adotar uma estrutura de sabedoria para todas as épocas, mas precisamos buscar estruturas diversas, uma forma de equilíbrio diferente para cada época. Não se pode ser um estudante da sabedoria e, por consequência, adquirir sabedoria é como esculpir o interior do homem.

A sabedoria é, portanto, uma categoria histórica, não um conjunto de formas permanentes, mas um conjunto de estruturas dinâmicas, sempre necessitando ser reconstruídas, reestruturadas, reajustadas, rearticuladas. A sabedoria evolutiva é a compreensão do quanto a condição humana se modifica através dos séculos, milênios, miríades de tempo. Apenas uma concepção de sabedoria como essa pode auxiliar a raça humana na sua jornada evolutiva.

O fenômeno da sabedoria é um paradoxo nos nossos dias. Nós temos especialistas. Eles deveriam responder todas as questões. No entanto, quanto mais nos especializamos, menos compreensão temos do todo através do qual a vida é vivida. Embora houvesse a expectativa de que a especialização viesse a substituir todo o conhecimento tradicional, incluindo "a assim chamada sabedoria", é exatamente em decorrência da especialização excessiva que nós almejamos, mais do que nunca, a sabedoria. E ao sentir essa necessidade nós ansiamos pela nossa plenitude. E nesse anseio nos definimos como seres vivendo em totalidades integradas. Quando essas totalidades são dissolvidas, nossas vidas também o são; ou, no mínimo, tornam-se destituídas de sentido. A sabedoria é a busca de estruturas que integrem e transformem o conhecimento em iluminação, transformem a existência

comum numa sequência de dignidade e graça.

Quando alcançarmos a sociedade da sabedoria — e um dia a alcançaremos — não teremos necessidade da sociedade informatizada e daquelas montanhas sem-fim de informações. Pois a sabedoria, pela sua própria natureza, transforma criativamente a informação em atos de vida.

Sem os computadores, o que seria de nós?

E no entanto precisamos ser justos. Sem os computadores e todos os equipamentos sofisticados que acompanham o processamento da informação, estaríamos paralisados em nosso mundo complexo. Mas estaríamos realmente? Podemos dizer que as empresas e, particularmente, as grandes empresas estariam paralisadas, mas não nós, como indivíduos. Eu não ficaria paralisado, e vocês também não. Assim, os computadores fazem diferença. Resta saber para quem e por quê.

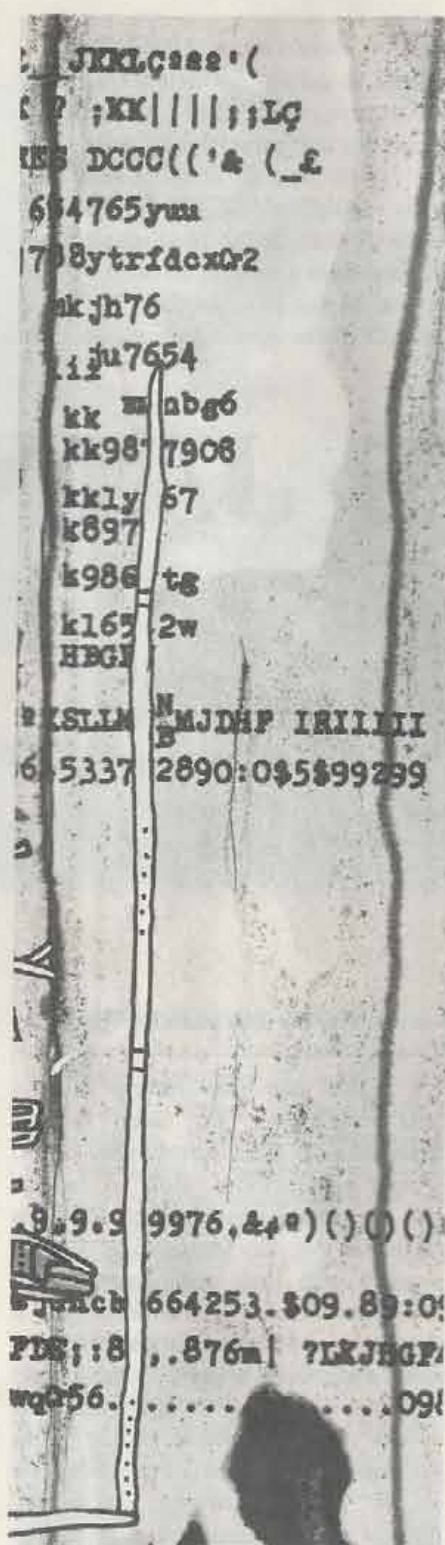
A simbiose do computador com a sociedade ainda não ocorreu. É muito cedo para prever no que se transformaria uma sociedade na qual o computador estivesse integrado em nossas vidas de forma criativa e de maneira a enaltecer as nossas vidas. Por enquanto, se formos honestos, precisamos encarar esses *slogans* ardilosos tais como: "A sociedade informatizada está aqui", como uma engenhosa publicidade promulgando interesses próprios da indústria de processamento de dados.

É mister realizar uma aguda reflexão sobre o que está acontecendo à sociedade como resultado das contínuas mudanças tecnológicas. A rapidez de cálculo não é necessariamente uma ferramenta que auxilia nossa compreensão mais aprofundada. Um eminente cientista social, Alfred Meyer, meu colega na Universidade de Michigan, fez esta observação: "Nas últimas duas décadas nós aprendemos a processar dados em quantidade e complexidade muito acima da capacidade de manipulação da geração que nos antecedeu. Se quiséssemos,

no passado, processar essa quantidade elevada de dados complexos, isso haveria requerido muito tempo e um trabalho tedioso. No entanto, antes da era do computador, quando fazíamos correlações estatísticas, nós pensávamos muito antes de investir tanto tempo e esforço. Em outras palavras, o processamento de dados era iniciado após alguma reflexão sobre a teoria. Agora, com os computadores nos provendo em segundos do que exigia horas, alimentamos desatentamente com dados as nossas máquinas para ver se, talvez, possa ocorrer alguma relação interessante. Assim, a ciência social se tornou irrefletida”.

Parece que estamos separados por uma profunda divergência. De um lado os filósofos com os seus antiquados preceitos de sabedoria e, de outro, os magos da alta tecnologia apressando cada nova invenção. E a alta tecnologia parece estar vencendo; e a divergência parece estar aumentando. A curto prazo as coisas deverão ocorrer desta forma. Mas não a longo prazo. Se a alta tecnologia vencer e a sabedoria perder, todos estaremos em apuros.

A sociedade não é um conglomerado de indústrias da informação. A sociedade é uma entidade metafísica de um grau de complexidade extraordinário e de grande sutileza. “O que é” e “o que vale a pena ter” são coisas bem diferentes. A sociedade informatizada é indiscriminada. A sociedade da sabedoria é discriminada. Eu acredito na sociedade da sabedoria porque não há nada além dela que nós, como seres humanos, possamos aspirar. E somente a sabedoria pode mostrar-nos a saída para a nossa precária situação, em que a avalanche de informações está despencando sobre a nossa faculdade de discernimento. Refletir sobre a forma da sociedade é uma tarefa sublime que cabe aos filósofos. Os computadores não podem nos auxiliar nesse domínio. Devemos fazer uma correção neste ponto: eles podem, desde que os programemos corretamente. Programá-los corretamente é discernir. Discernir é engajar-se



num ato de sabedoria. Não há como escapar da filosofia, ou talvez possa haver um meio. Mas, se realmente dela escaparmos, deixaremos a melhor parte de nós mesmos para trás.

Assim, longe de se temer que a filosofia tenha se tornado, ou venha a se tornar, irrelevante e obsoleta nes-

te ambiente de vertiginosa transformação eletrônica, eu insisto que, exatamente por causa desta rápida mudança, a filosofia adquire um novo sentido de relevância: como um receptáculo que nos mantém unidos, como uma bússola que nos informa o que é o quê, o que tem significado e o que os computadores não podem fazer por nós. Não pergunte o que os computadores podem fazer por você; ao invés disso pergunte o que você pode fazer pelos computadores.

O conhecimento permanente

À guisa de conclusão, que tipo de educação será mais adequada ao século XXI? Não será em eletrônica e em computação porque o conhecimento que estas áreas oferecem é muito transitório. O conhecimento mais importante será o filosófico, relacionado à nossa sabedoria e aos nossos valores, pois só estes nos tornam aptos a nos orientar nestes tempos confusos em que testemunhamos a proliferação de tudo, à exceção do significado humano e da felicidade.

O tempo dos reis-filósofos está chegando. Essa não é uma expressão arrogante de um filósofo inspirado por Platão, mas uma expressão das nossas necessidades prementes. Nos tempos em que tudo é mutável, volátil, confuso e incerto, é preciso conservar alguns valores, algumas âncoras que nos mantenham unidos. A totalidade do nosso ser é um problema crucial dos nossos tempos.

O indivíduo capaz de ver que valores levam a quê, e o que realmente faz sentido, é um filósofo, quer o denominemos assim ou não.

Portanto, saudemos com três vivas a sociedade informatizada. Que ela seja guiada pelos filósofos!

HENRYK SKOLIMOWSKI

Palestra proferida em 28 de março 84, Eastern Michigan University. Tradução: Prof. Alvaro Bruno Cyrino.

O Jainismo é, sem sombra de dúvidas, uma das mais antigas religiões nascidas em terras do Ganges — paradoxalmente uma das menos conhecidas no Ocidente.

Seu último apóstolo foi Mahavira Vardhamana que, contemporâneo de Buddha, sistematizou uma tradição cujas raízes se perdem na origem dos tempos.

A não-violência, a vida austera e voltada ao cultivo das virtudes da alma, o altruísmo, a fidelidade à verdade, são alguns dos seus princípios regentes.

O Dr. Jagdish Chandra Jain, eminente indólogo e professor universitário, autor de mais de 70 livros sobre filosofia, literatura e sociologia indiana, oferece-nos, na sua obra *Jainismo — Vida e Obra de Mahavira Vardhamana* (Editora

Palas Athena, São Paulo, 1982, 118 páginas) um estudo breve, porém riquíssimo, desta religião-filosofia que continua viva no coração de milhares de indianos, inspirando ainda os anseios de busca das verdades perenes de numerosos pensadores ocidentais.

Transcrevemos a seguir algumas das fábulas e contos folclóricos que o Dr. Jain resgatou e recriou a partir da fértil e inesgotável tradição jainista.

CONTOS JAINISTAS

O COXO E O CEGO

Certa vez, dois meninos que estavam na mesma floresta foram surpreendidos pelo fogo. Um dos meninos era coxo e o outro, cego. Queriam fugir do fogo mas, como o menino coxo não podia andar e o menino cego não podia ver, estavam impossibilitados de atravessar a floresta. Nesta tentativa encontraram-se e o ceguinho propôs carregar o perneto em seus ombros, enquanto este indicaria o caminho. Assim, ambos conseguiram salvar-se para longe da floresta.

Moral: a aliança do conhecimento e da conduta sempre dá bons resultados. O cego representa a conduta e o coxo, o conhecimento.

A NUVEM E A MONTANHA

Certa vez uma nuvem disse a uma montanha: "Eu posso fazer-te desmanchar e fluir com minhas águas. O que pensas sobre isto?" A montanha respondeu com desafio: "Se tens tal poder, vai em frente. E se o conseguires, não mais serei chamada pelo mesmo nome". Ouvindo isto, a nuvem gerou uma furiosa tempestade, e começou a despejar suas águas sobre a montanha durante sete dias e sete noites. Refletiu então: "Vou ver agora se a montanha ainda está em pé". Quando chegou a nova manhã, a nuvem encontrou a montanha resplandescente como antes.

Moral: a montanha representa o pupilo que não quer ser instruído e com esta atitude desafia o mestre. Este é simbolizado pela nuvem; não consegue o que prometeu, não cumpre sua missão de instrutor.

OS DOIS OVOS

Uma vez, dois meninos saíram a passear. No caminho avistaram um bosque onde uma pavo colocara seus ovos. Ao ouvir os passos dos rapazes a pavo assustou-se e refugiou-se numa árvore. Os meninos aproximando-se depararam com dois maravilhosos ovos: levaram-nos para casa onde os colocaram junto com os ovos das galinhas para serem incubados.

A fim de assegurar-se de que nasceria um bonito pavão, um dos meninos frequentemente chacoalhava o seu ovo para verificar o som dentro da casca. Devido às numerosas sacudidas o filhote perdeu a vida e nem chegou a sair do ovo.

Entretanto, o outro rapaz, absolutamente seguro de que viria à luz um lindo pavão, nunca tocou no ovo e o deixou desenvolver-se de modo natural. Passou o tempo e nasceu o pavãozinho. O menino cuidou dele com carinho e o confiou a um treinador para que lhe ensinasse a dançar. Logo o pavão tornou-se esperto na arte da dança.

Moral: o monge jamais deve duvidar do voto de autocontrole que ele mesmo pronunciou.

A PARÁBOLA DOS PINGOS DE MEL

Um homem, viajando com uma caravana que foi assaltada em uma floresta por um bando de ladrões, viu-se separado dos seus companheiros.

Andando a sós pela floresta deparou com um elefante selvagem que o perseguiu. Correndo, alcançou uma grande figueira que estendia seus ramos por cima de um velho poço. O homem, cheio de medo, agarrado a um dos galhos, desceu para dentro do poço. Olhando para baixo viu horrorizado uma gigantesca serpente com a goela aberta pronta a devorá-lo; e mais quatro nos cantos do poço. Dois ratos, um branco e outro preto, estavam roendo o galho fino no qual ele se pendurava. O elefante, de cima, fungava seus cabelos.

Na figueira havia uma colméia repleta de abelhas; quando o elefante, na sua raiva, sacudiu a árvore, esta caiu rompendo-se em pedaços. O mel brotou e pingou nos lábios do homem. Este deleitou-se com o mel, porém o enxame de abelhas foi em cima dele para picá-lo.

Moral: o homem, querendo escapar da morte, corre para encontrar uma saída; todavia, ele não consegue por falta de autocontrole e por apego aos prazeres dos sentidos.

OS CINCO GRÃOS DE ARROZ

Um sogro confiou cinco grãos de arroz a cada uma de suas quatro noras, advertindo-as de que as procuraria depois de algum tempo. A primeira jogou fora os grãos, achando que seu sogro tinha demasiado arroz em seu depósito. A segunda engoliu os grãos. A terceira guardou-os em seu cofrezinho e os preservou cuidadosamente. Mas a quarta plantou-os e ceifou-os anualmente, obtendo assim uma rica colheita. Depois de passados quatro anos, o sogro chamou suas noras e pediu-lhes os grãos de arroz. Depois de saber o que tinham feito com os grãos, ele puniu as duas primeiras e recompensou as duas outras, fazendo da última a dona da casa.

Moral: as quatro noras representam os monges que devem observar os cinco grandes votos. Alguns monges absolutamente não os cumprem, outros os negligenciam, alguns os observam com cuidado, enquanto outros não só os cumprem com rigor mas também os propagam.

Assim vemos que os autores jainistas, a fim de divulgar seus preceitos religiosos, compunham ricas histórias utilizando as tradições populares. Os ensinamentos de Mahavira encontram-se na literatura canônica jaina, cuja redação final foi estruturada no século V ou VI d.C. Comentários e explicações importantes foram elaborados sobre esta literatura por eminentes autores jainistas, entre os séculos VIII e XIII d.C. A literatura pós-canônica contribuiu em muito para o desenvolvimento de temas narrativos independentes. O período entre o século XI e o XII foi uma época áurea na história da literatura prática jaina, quando os autores shvetambaras, estimulados por governantes jainistas, ministros, generais e outras pessoas de cargos notáveis de Gujarat e Rajasthan, criaram um acervo religioso. Os digambaras foram igualmente encorajados sob o patrocínio real no Sul da Índia, destacando-se as obras em karanese e tamil, línguas próprias daquela região.

Desejamos terminar com um velho ditado:

"Todas as coisas já foram ditas; mas como ninguém escuta, é necessário repetir".

EDITORIA PALAS ATHENA

THOT e as publicações da PALAS ATHENA, oferecem ao leitor a oportunidade de se por em contato com temas os mais variados, que fazem parte do mundo em que vive, não só em termos de presente como de um passado cujo conteúdo seja digno de lhe ser transmitido.

O leitor vai encontrar nestas publicações, material suficiente para, preenchendo suas horas de estudo, pesquisa ou mesmo de lazer, fornecer-lhe a oportunidade de conhecer novos temas, de se interiorizar para melhor se conhecer e, ainda, poderá fazer parte do já numeroso grupo de pessoas que se congregam no ideal de saber.

Afinal, o CONHECE-TE A TI MESMO ainda é o melhor caminho para se viver em harmonia consigo mesmo e com o Universo.

Para darmos uma idéia do conteúdo de nossas publicações, relacionamos aqui os títulos e assuntos tratados:



FILOSOFIAS DA ÍNDIA (Heinrich Zimmer)

Um estudo profundo das principais correntes filosóficas da Índia. Divide-se em 3 partes principais: 1) O Bem Supremo; 2) As Filosofias do Tempo e 3) As Filosofias da Eternidade – Jainismo, Brahmanismo (Veda, Upanisad, Bhagavad Gita, Vedanta), Budismo e o Tantra. (484 pgs.)



DINÂMICA DA HISTÓRIA (Cláudio De Cicco)

Sintetiza o maravilhoso sistema de forças e movimentos que envolveram a vida dos indivíduos e a organização das nações desde o Antigo Egito até a história contemporânea. Em apêndice: A Crise da Civilização Ocidental. (164 pgs.)



DHAMMAPADA - A SENDA DA VIRTUDE (Nissim Cohen)

Texto altamente estimado pelos budistas e não budistas ocidentais. A exemplo de outras obras budistas, sua ênfase especial é sobre a boa conduta, estabilizada pela concentração e fortalecida pela sabedoria. "Não fazer o mal, praticar o bem, purificar a mente." Que religião não concordaria com isso? (290 pgs.)



ASTRO PSICOLOGIA - UMA INTRODUÇÃO À ASTROLOGIA MODERNA (Ilse Maria Spath)

Astro Psicologia é uma abordagem a esta Astrologia científica que pesquisa empiricamente as correlações entre o céu e as características psicológicas mais marcantes de cada pessoa. Entretanto, a autora não perde de vista que: "os astros inclinam mas não obrigam". (166 pgs.)



A ALMA, A BELEZA E A CONTEMPLAÇÃO (Plotino)

Seleção de textos da obra *Enéadas* de Plotino, traduzidos do grego e com notas do Pe. Ismael S. J. Plotino é o ápice do Neoplatonismo, e sua filosofia tem como temas: O Um, A Inteligência, A Alma, As Almas Humanas, A Contemplação, A Beleza, O Mal e A Providência. (104 pgs.)



DHARMA (série Encontros)

Cada homem possui em si uma natureza intrínseca, que lhe é absolutamente particular. Seguir esta natureza é o que conforma o verdadeiro ato moral. Isto é o Dharma, que aqui apresentamos selecionando este ensinamento na cultura indiana; na filosofia de Ortega y Gasset; num exemplo verídico ocorrido no Japão; etc. (51 pgs.)



JAINISMO - VIDA E OBRA DE MAHAVIRA VARDHAMANA (J. C. Jain)

Gandhi, se enterneceu profundamente com as belezas infinitas do Jainismo; *Ahimsa* (não-violência) e o *Satyagraha* (amor à verdade) são votos inspirados nesta religião milenar. Mahavira, mestre jainista foi contemporâneo de Buda, e esta é a única obra sobre o tema em língua portuguesa. (120 pgs.)



OS MISTÉRIOS DE ÍSIS E OSÍRIS (Plutarco)

Plutarco mergulhou no oceano de tradição religiosa e mítica do Egito faraônico em busca de seus segredos e de suas revelações. Encontrou inúmeros pontos de contato com a mitologia e religião grega. (132 pgs.) ES-GOTADO



THOT 40



THOT 41



THOT 42



THOT 43

curso de

Introdução ao

Pensamento Filosófico


PROGRAMA

I – ÉTICA DO ORIENTE E DO OCIDENTE

1. Introdução à Ética do Oriente e Ocidente
2. Bramanismo
3. Budismo
4. Tibetanismo e Lamaísmo
5. Origens do pensamento filosófico no Ocidente
6. Período cosmológico, mítico e antropológico
7. Aristóteles – hedone e eudaimonismo
8. Plotino – o paganismo filosófico
9. Kant – a razão e o dever moral
10. Conclusões

II – FILOSOFIA DA HISTÓRIA

1. O homem, a filosofia e a história
2. Mitologia
3. Passeios pela história:
 - a) A Antiguidade Clássica
 - b) A Idade Média
 - c) O Renascimento
 - d) O Iluminismo
 - e) O Romantismo
 - f) O Positivismo
 - g) A Modernidade
4. História e Arte
5. História, Utopias e Política



CLAUDE - NICOLAS LEDOUX
Painéis de Parede (1770-72)
Detalhes

AULAS SEMANAIS – INICIO TODOS OS MESES

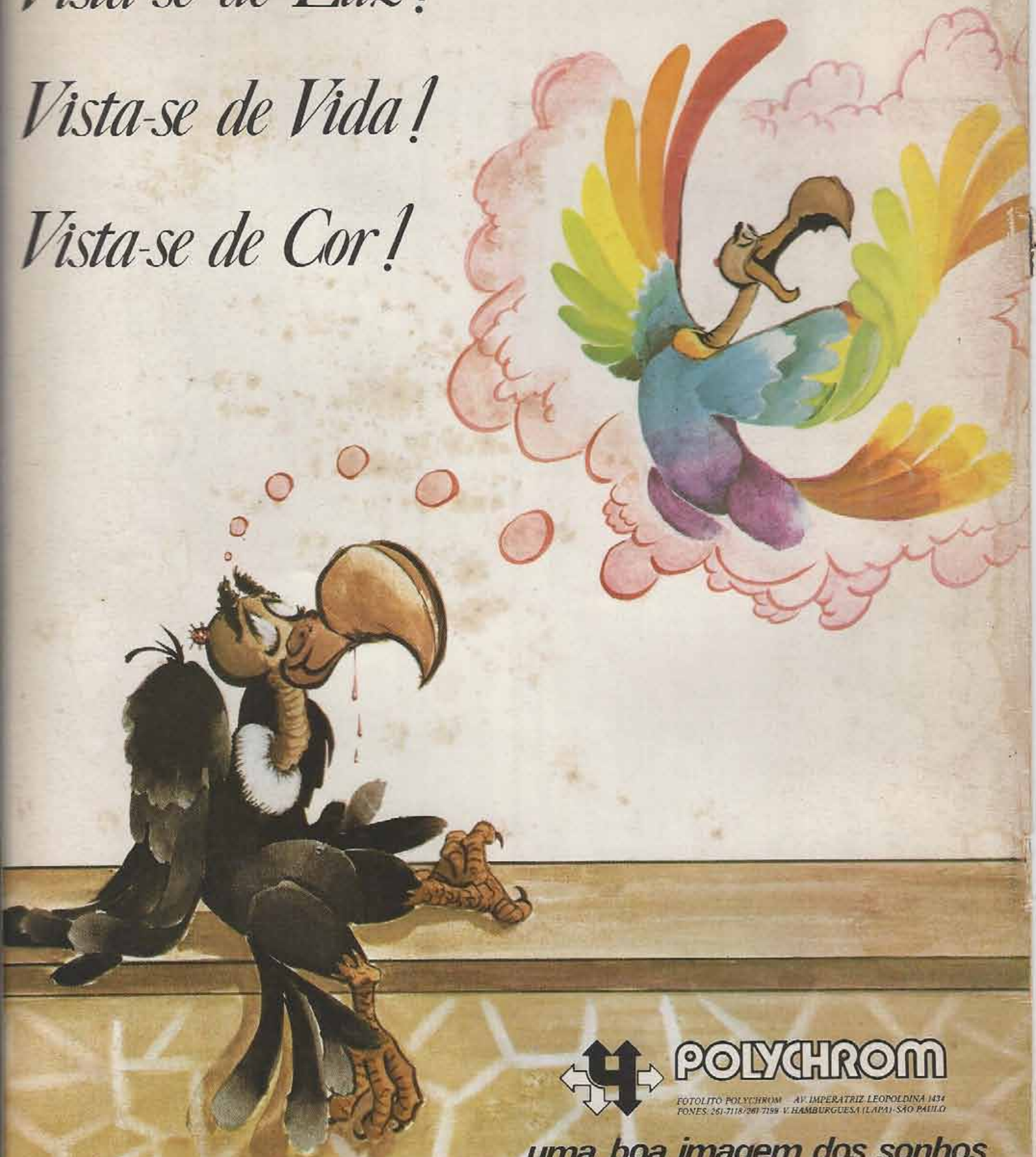
Associação PALAS ATHENA

Rua Leôncio de Carvalho, nº 99 - Paraíso - SP - Fone: 288-7356

Vista-se de Luz!

Vista-se de Vida!

Vista-se de Cor!



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMPERATRIZ LEOPOLDINA 1434
FONES: 261-7118/261-7159 - V. HAMBURGUESA (LAPA) - SÃO PAULO

*uma boa imagem dos sonhos
coloridos deste mundo*